



Destaque PÁGINA 15A17

Caro leitor

Pergunta à Tina...

Tudo o que precisas de saber sobre
saúde sexual e reprodutiva

SMS
90441

ou E-mail:
averdademz@gmail.com

SOCIEDADE 07



Kenmare está
a desgravar a
população

Sociedade PÁGINA 06



Três décadas a
formar músicos

Plateia PÁGINA 26

A CONTECEU

O STAE lançou no dia 21 de Setembro a campanha de educação cívica para sensibilizar os eleitores dos 53 municípios a afluírem às urnas no próximo dia 20 de Novembro.

Conte-nos como está a ser a educação cívica no seu município, já viu algum dos materiais e sentiu-se sensibilizado em participar neste processo?

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 (válido nas redes 84 e 86 ao custo de 2 Mt) Email: **averdademz@gmail.com** twitter: **@verdadeMZ**

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2A8BBEFA facebook: **JornalVerdade**

Para estar sempre
actualizado sobre o que
acontece no país e no globo
siga-nos no

twitter.com
@verdademz

Wizzy McGold @TheRealWizzy Sigam a **@verdademz** e fiquem a par de todas as infos de Moz e fora. **#cc @OficialWizzy**

Muino Taquidir @Muinotaq **@verdademz** Desportivo perdeu 4 -0? Nao ha nenhum engano?

Gil Vicente @gil_vicente4 Acho q há falta de homens por lá. RT **@Emercio_Ventuar**: RT **@verdademz**: Mãe e filha disputam namorado em **#Lichinga verdade.co.mz/newsflash/40871**

Ailton _\/_ lion @ailtonDaSilvaOf "ailtonDaSilvaOf tem de ler o artigo está lá explicado" oky, obrigado aii

z.f. ò. ç. @Zefedacostaz **@verdademz** apenas cansados com as recolhas de cartões de eleitor...!!

Paulo Alves @pauloalves Moçambique EXPULSA BENFIQUISTA! "ailtonDaSilvaOf" **@verdademz**: Diamantino Miranda partiu na noite deste sábado (12) para Portugal **verdade.co.mz/desporto/40810**

Ailton _\/_ lion @ailtonDaSilvaOf "ailtonDaSilvaOf" **@VictorManuel_DB**: **@verdademz** **@ailtonDaSilvaOf** queria ver se fosse **#BIM_MUSICAWORDS** Se iria ganhar twdo isso "kikiki LOL :D vce Não presta

Wizzy McGold @TheRealWizzy Muito bom para os nossos queridos irmaos. RT **@verdademz**: Universidade Eduardo Mondlane abre 4765 vagas **#Moçambique verdade.co.mz/soltas/40806**

28/10 My B'day !! @Zerinho_b4 Fiquei chocado com "Métodos Satar". Não imaginava que aquele tipo de diálogo acontecia no mundo real, isto é, além do dos filmes. **@verdademz**

. @MiltonnnnnnN Viatura da PRM, parada na Av.da resistencia próximo a padaria Lafões, com agentes da policia e amigos cnsuindo... **@verdademz**

cristovao bolacha @cristovaobolach FRELIMO usa viaturas do municipio para movimentacao de membros em **#Nampula @verdademz**

regalado onofre @chuabo1961 **@verdademz** Que criminalidade esse no nosso país,muito triste.

Nelson Carvalho @NelsonCarvalho **@verdademz** Cidadã de 33 anos de idade perde a vida depois de violada sexualmente por malfetores em **#Nampula**, crime bárbaro e hediondo

Editorial

averdademz@gmail.com

Morrer com uma receita nas mãos

É a triste sina dos moçambicanos nos dias que correm. Não há medicamentos e as pessoas estão entregues à sua própria sorte. Falta tudo. É um mal geral em todo o país. As farmácias estatais, hospitais, postos e centros de saúde não têm medicamentos. Paradoxalmente, as farmácias privadas, onde comprar custa muito dinheiro, têm tudo o que se procura. Num país acostumado a urdir esquemas no esgoto da sacanice é preciso desconfiar. Contudo, o mais perigoso é o silêncio cúmplice da imprensa. E aqui, diga-se, não escapa nenhum órgão de informação. Estão todos na mesma panela.

O que faz correr a imprensa é o escândalo e não o bem-estar dos moçambicanos. E isso é extremamente mau para as nossas necessidades colectivas. Damos mais importância a um pretensão caso de corrupção, mas viramos os olhos para o lado quando o país é açoitado por uma calamidade natural. Não há antirretrovirais e ninguém diz nada. Estamos aqui à espera de um incidente político ou que a Renamo dispare uns quantos tiros em Sathunjira. A falta de medicamentos é pouca coisa. Não há tiros, mas há muito mais mortos. Anónimos, sim, mas resultam desse nosso silêncio repugnante.

Um país de cidadãos dignos e no qual a cidadania é um valor supremo o ser humano não morre açoitado pelo silêncio de 22 milhões de cúmplices. Nós, sem excepção, somos culpados desta “carnificina”. O nosso maior problema enquanto moçambicanos reside no descaço em relação ao outro. Enquanto o estado de coisas não mexer com o nosso mundinho, não tocar no nosso carro topo de gama e continuarmos a ser assistidos em clínicas privadas, os moçambicanos deste extenso país podem morrer. Não importa. Só nos importamos com o escândalo imediato.

Mas é complicado dizer a alguém que come o que lhe dá na gana que há milhões de outros compatriotas a morrer à fome e/ou de doenças curáveis. Ninguém quer saber dos lciduas da vida ou da falta de água em Chigubo. Isso não vende e nem causa repulsa. Interessa mais a corrupção de um punhado de gente do que as condições de sobrevivência da maioria.

Este foi, pois, muito mais do que um editorial, um lamento. O mundo, infelizmente, continua a ser um lugar preferencialmente para biltres e para bestas. No Moçambique de hoje, ser solidário, olhar para o próximo, partilhar e sacrificar-se pelo bem comum, não é importante. E não o é porque, salvo raras excepções, este país transformou-se no ninho de gente sem escrúpulos, para cobardes, para incultos, para fanáticos. Dificilmente a solidariedade teria lugar no meio de tanto lixo...



Boqueirão da Verdade

“Diamantino Miranda é um português. Insultou moçambicanos e viu o seu visto de trabalho revogado. Há um tal de Portimão, candidato ao município de Moatize, que tentou subornar uma procuradora. Foi julgado e condenado em tempo recorde e de resto uma condenação irregular passível de ser anulada. Mesmo assim a Frelimo reitera seu apoio incondicional”, **Egídio Guilherme Vaz Raposo**

“Este Estado não é de direito democrático. É Estado com o direito de bandidagem. Miranda tinha o direito de defesa. Nós podíamos mostrar a nossa classe oferecendo ao Miranda a oportunidade de se defender em tribunal antes de qualquer sanção. Só gangsters agem assim. Estado de Direito Democrático tem leis. E estas leis são seguidas à risca mesmo se nos sentirmos ofendidos”, **Idem**

“Não vejo razões para criticar Diamantino Miranda, nem para levantar um pé de vento Estatal com as suas declarações. Alguém duvida de que o nosso futebol está inundado de ladrões (pretos, brancos e monhés)? Alguém tem dúvida de que Moçambique é dirigido por ladrões? Alguém tem dúvida de que este país é tudo, menos um país sério? As declarações do Diamantino Miranda só podem ofender em matéria de facto a um Estado dirigido mesmo por LADRÕES! Vão ao Tribunal Administrativo: lá tem ladrões. No negócios dos Navios: lá tem ladrões, no INSS: lá tem ladrões. No Ministério do Interior: lá tem ladrões. Portanto, até prova em contrário: Diamantino Miranda falou a verdade! Os ladrões que se virem!”, **Matias de Jesus Júnior**

“...Deixa-me lembrar ao Procurador-Geral que o cidadão Armando Guebuza, que curiosamente é Presidente da República e presidente do cidadão Augusto Paulino no partido Frelimo, vendeu recentemente um lote de autocarros de Marca TATA à empresa Transportes Públicos de Moçambique, sem qualquer tipo de concurso público. Mais: os tais autocarros estão a cair de podre porque eram em segunda mão. O Estado já pagou ao cidadão Guebuza e não tem autocarros. O que o senhor Procurador fez: Rigorosamente NADA!”, **Idem**

“O meu interesse não é o local e a data de nascimento (de Armando Guebuza). Quero é saber que antecedentes sobre apetência e ostentação de riqueza tinha este homem durante a luta de libertação nacional. A informação que temos é de que a Frelimo era contra a apropriação da riqueza nacional nas mãos de poucos e hoje o seu dirigente máximo faz o contrário. Nas suas mãos e da sua família está acumulada ilicitamente grande parte da riqueza de Moçambique”, **Alice Mabota**

“Esta forma de ser dos gestores do Estado origina insatisfação no seio dos moçambicanos, o que faz com que vezes sem conta se manifestem e aí o Estado usa meios de repressão para calar os corações doridos. Esta prática do Estado revela a sua intolerância, o uso abusivo e provocador da coisa pública para reprimir

os contribuintes. Numa só palavra, estamos perante o terrorismo do Estado. É pena que os dirigentes do nosso país apostem e invistam na compra de armamentos, aviões de guerra e barcos de guerra, no lugar de medicamentos para hospitais, escolas equipadas para os nossos filhos buscarem conhecimentos”, **Renamo**

“(...) Não é aceitável que permaneça na Ponta Vermelha um Presidente que na sua qualidade de Comandante em Chefe das Forças Armadas teima em não ordenar a retirada dos soldados que para perseguir o Líder da RENAMO vão morrendo ingloriamente, como se tivessem jurado servir os caprichos de um partido ao qual nem sequer pertenceram alguma vez, em vez de jurarem à Bandeira Nacional. (...) Portanto a cessação de quaisquer hostilidades está nas mãos do Presidente da República”, **Idem**

“Alguns na União Africana podem avançar com a carta racial ou com a carta colonial no seu discurso. (...) Longe de ser o que alguns chamam – uma caça às bruxas iniciada pelo homem branco –, o TPI não poderia ser mais africano, mesmo se o quisesse”, **Desmond Tutu**

“África sofre as consequências dos actos de dirigentes irresponsáveis há demasiado tempo para se poder deixar enganar desta maneira. (...) Sem este tribunal não haverá qualquer freio aos piores excessos (...) Os dirigentes violentos continuam a infestar África: os Grandes Lagos, o Mali, o norte da Nigéria e o Egipto são todos fontes de inquietação (...) Os autores de violências não devem ser autorizados a saírem com uma pirueta”, **Idem**

“Na minha opinião, não penso ser justo ter um tribunal (o Tribunal Penal Internacional) que apenas julga africanos, não é justo. Enquanto acompanhamos nos noticiários que há outras pessoas que talvez fazem o pior do que os africanos, mas não são julgados”, **PR Armando Guebuza**

“Não é novidade para todos os moçambicanos que a Renamo vai boicotar as eleições. É pena que eles tenham dito isso e todos os moçambicanos também lamentam que um partido político, que se diz democrático, queira boicotar as eleições, usando métodos nada democráticos, como eles próprios estão a dizer”, **Idem**

“Analisámos o que aconteceu com o nosso candidato e concluímos que foi um incidente de percurso. Concluímos ainda que o nosso candidato goza de apoio dos militantes e simpatizantes do partido e dos munícipes, sendo a figura ideal para dirigir aquela autarquia (Moatize)”, **Damião José, porta-voz da Frelimo**

“Não é aceitável que o Partido que nos governa, e que se propõe governar-nos por muitos anos, venha qualificar a corrupção activa, confessada e punida desta forma assustadoramente complacente e leviana”, **Gilberto Correia**

OBITUÁRIO:

María de Villota
1980 – 2013
33 anos



Morreu na sexta-feira da semana passada, num quarto de hotel na cidade de Sevilha, na Espanha, a piloto María de Villota. Resultados da autópsia concluíram que o falecimento se deveu a causas “absolutamente naturais”.

A vida de María de Villota foi dedicada às corridas, num percurso que esteve sempre centrado na mais importante competição automobilística: a Fórmula 1. A espanhola, de 33 anos, chegou a desempenhar funções de piloto de testes, mas um acidente obrigou-a a colocar um ponto final na carreira.

Filha do ex-piloto Emilio de Villota, que chegou a participar em corridas de Fórmula 1, María cresceu a acompanhar o pai pelos circuitos e a respirar a adrenalina da competição.

Com apenas seis anos, María de Villota disputou a primeira corrida de kart – e obteve a primeira vitória. A carreira foi construída degrau a degrau, sem queimar etapas. Competiu no campeonato espanhol de Fórmula 3, nas 24 Horas de Daytona, no Mundial de Turismo, na Euroseries 3000 e na Superleague Fórmula, ao volante do monolugar do Atlético de Madrid. Ostentava no currículo feitos como ter sido a única mulher vice-campeã de Espanha (na Fórmula Toyota, em 2001) ou a primeira piloto a obter uma pole position no Ferrari Challenge Europe, em 2005, no circuito de Mugello.

Estreou-se a 18 de Março de 2012, porém, o sonho durou poucas semanas. Menos de dois meses depois, a 3 de Julho, sofreu um acidente que mudaria a sua vida para sempre. Durante uns testes de aerodinâmica que estava a efectuar no aeródromo britânico de Duxford, María de Villota colidiu com um camião da equipa Marussia. Sobreviveu, mas perderia o olho direito e ficaria com sequelas que não a deixaram voltar a pilotar.

O período pós-acidente voltou a apelar ao espírito lutador de María. “Lembro-me da primeira vez que me vi ao espelho. A minha mãe aproximou-se e eu não tinha o olho tapado. Fiquei aterrada, mas teve mais impacto vê-la a ela. Tentei brincar, mas pensei: ‘Quem me vai querer assim?’”, contava a ex-piloto.

María de Villota tinha-se casado no final de Julho, e preparava-se para apresentar, na última segunda-feira (dia 13), o livro “A vida é um presente” – um relato pessoal da forma como lidou com o acidente que abalou o seu mundo. Tinha também programada uma intervenção na conferência “O que de verdade importa”, dirigida a jovens, na qual contaria a sua experiência marcante. Uma espécie de conselho de vida que, mesmo a título póstumo, pode ser resumido em: “Nunca desistir dos sonhos”.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

Salvador Chale

“Frelimo hoyêeee, Frelimo hoyêeee”, gritou assim Salvador Chale, o chefe do Posto Administrativo de Chidenguele, no distrito de Mandlakaze, província de Gaza. Os nossos leitores, pessoas sérias e de boa índole, detestam manifestações de adulação, foram rápidos e disseram: “Este é o Xiconhoca da semana”. Um indivíduo, dizem, pode ter o partido que quiser, mas jamais deve tirar vantagem de um cargo de liderança para lambar a lama das botas da sua formação política. Como, aliás, nos disse de forma irrepreensível um dos nossos leitores: “a língua do Chale lambe tudo e não deixa a mínima sujidade. Há porcos para tudo”. Nós corrigimos: o Xiconhoca é capaz de tudo...

Carvalho Muária

“O crime faz parte do desenvolvimento”, disse o ministro do Turismo, Carvalho Muária. A justificação de um alto quadro do Governo deixou os nossos leitores agastados. É que, dizem, se o crime faz parte do desenvolvimento a letargia da Polícia da República de Moçambique só pode fazer parte do retrocesso. “Um dirigente não pode brincar com a inteligência das pessoas. O que passa, com essa afirmação, é a ideia de que o Governo é incapaz de combater o crime e arranhou um desculpa para se eximir da sua responsabilidade. Patético”, diz um dos nossos leitores assíduos. Outro acrescenta: “essa justificação absurda é digna de um Xiconhoca”.

Efraime Macitela

A expulsão de Diamantino Miranda, depois da divulgação de uma gravação feita sem o seu consentimento, coloca em maus lençóis os profissionais de comunicação que enveredaram por atitude tão torpe. Os nossos leitores, frise-se, estão cobertos de razão pela escolha. “As lágrimas daquele homem não podem ser de crocodilo, elas escondem a raiva pelo acto pouco profissional de jornalistas que se vendem por um prato de sopa”, diz um leitor descontente. “O Sindicato Nacional de Jornalistas devia agir ou fazer alguma coisa”, diz outro. Nós concordamos, pois achamos que a atitude é realmente digna de Xiconhocas.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Gabinete da primeira-dama e Governo da província de Maputo

A primeira-dama visita, nos próximos dias 25 e 26 de Outubro, a província de Maputo. O governo local exige aos empresários locais uma contribuição para efeitos logísticos. O Canal de Moçambique, um jornal odiado pelo regime, denunciou a falcatura. Os empresários, diz o jornal, consideram que a atitude das forças governamentais representa um acto supremo de “extorsão” ao sector privado. É que, descendo ao chão das coisas, não é preciso ter dois dedos de testa para compreender que, tanto o governo da província, assim como o gabinete da primeira-dama têm orçamentos próprios para as suas despesas.

A Frelimo tem de deixar, de uma vez por todas, de crer que todo o cidadão deste rochedo à beira-mar é simpatizante do partido. Os empresários da província de Maputo podem ter qualquer cor partidária. E mesmo que fossem do partido no poder, a sua contribuição só se justificaria se ocorresse de forma espontânea.

Cientes de que a adesão deve ser espontânea, ainda assim, o governo da província enviou uma carta aos

empresários. Na verdade uma ordem alucinante, na qual “pedem” cabeças de gado e até papel higiénico. Terminam o lamaçal de disparates e extorsão da forma mais hipócrita que se possa imaginar: “sentir-se-ia bastante honrada”. Fica-se com a impressão de que se trata de um pedido, mas não no país das Xiconhoquices...

Detenção de agente da PRM

“Eu não neguei absolutamente, mas, sim, exige ajuda de custo para a tal operação de três dias que ele iria efectuar, mas o comandante distrital mandou-me prender considerando-me indisciplinado”, contou ao Canalmoz o agente da Polícia da República de Moçambique. Este é um caminho tristemente conhecido. Na localidade de Guevela, no distrito de Ngauma (Niassa), um agente da PRM foi detido por recusar integrar a escolta do primeiro secretário do partido Frelimo, na província do Niassa, Cornélio Laisse.

Segundo reporta o Canalmoz, o caso deu-se há três semanas quando o primeiro secretário provincial do partido Frelimo, Cornélio Laisse, ido da cidade de Lichinga, iria visitar a localidade de Guevela, no distrito de Ngauma, na província do Niassa.

Em contacto telefónico com o comandante provincial da Polícia de Moçambique no Niassa, Ama-

ral Bossela, este confirmou o sucedido e disse que “este caso está ultrapassado, o tal agente encontra-se na cadeia, sim senhor, mas para saber mais detalhes contacte o comandante distrital de Ngauma, senhor jornalista,” disse Amaral Bossela. A atitude deste agente só o enobrece. A detenção, essa, é um absurdo do tamanho da província do Niassa. Xiconhoquice.

Fuga de reclusos

Dezasseis reclusos evadiram-se das celas da 2ª esquadra na cidade de Lichinga, na província do Niassa, na última semana. Para o efeito, eles recorreram a instrumentos contundentes para perfurar parte do local onde se encontravam. Isso é o que dizem as autoridades.

Ainda não se sabe como é que dezasseis prisioneiros conseguiram evadir-se ao mesmo tempo; por isso, suspeita-se de que haja convivência de algum polícia. Porém, as autoridades afirmam estar no encalço dos fugitivos, os quais estavam detidos por prática de vários crimes, tais como burla, roubo, violência doméstica, sexual, dentre outros. Parte deles aguardava pelo julgamento.

O oficial de Imprensa no Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique no Niassa assegurou que já há pistas para a recaptura dos visados. E pediu à população para que colabore com as autoridades nesse sentido. Xiconhoquice...

Sociedade

“Arrancaram-me o coração”, diz uma manham-bana que já não quer ser

Ela chama-se Fernanda Cunha Vaz. O que nos levou a procurar esta mulher, de 84 anos de idade, a viver em Inhambane desde 1964, não é propriamente por ela ter perdido tudo o que tinha. Moveu-nos o facto de ver vaguear pela cidade, quase todos os dias, um casal de idosos, sempre de mãos dadas. Ou seja, com os braços entrelaçados, uma representação real que nos recorda que, hoje por hoje, praticamente nunca nos cruzamos nas ruas com casais abraçados. Nem de dia, nem de noite.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

Os anciãos Levi Cunha Vaz e Fernanda Cunha Vaz saíam de casa para agradecer e celebrar o esplendor de uma urbe única que lhes acolhe desde os tempos. Sem questionar. Mas este par anda abraçado, ou melhor, andava. Porque ela já não pode locomover-se livremente pelos caminhos asfaltados que lhes conhecem muito bem.

“Não posso andar por causa das pernas, elas já não me suportam”. Fernanda Cunha Vaz parece uma ponte que treme nos fundamentos, e que pode desabar a qualquer momento. Mesmo assim, ainda visita, constantemente, a sua cozinha, arrastando-se para lá com os membros inferiores a rangerem. “Faço esse esforço porque tenho de preparar todos os dias alguma coisa para o meu marido. Gosto de fazer bolos”.

Quando deixámos de os ver andando por aí, sentimos a sua falta. Parecia que um dos monumentos da “terra da boa gente” tinha sucumbido. E sentimo-nos, por isso mesmo, na obrigação de ir atrás deles, nem que fosse apenas para perguntar: “como vai a vida!?”. Na verdade, a vida dos dois não vai muito bem. O marido, Levi Cunha Vaz, teve recentemente uma queda aparatosa nas escadas. Feriu-se na cabeça. E agora está acamado. “Infelizmente não poderás conversar com o meu marido porque não está bem. Está com a cabeça dorida e necessita de mais cuidados médicos”.

Apesar da idade, Fernanda Cunha Vaz mantém a memória em estado saudável. Ainda se lembra das coisas e das datas. Reconheceu imediatamente o repórter do @Verdade quando se anunciou e, a cima de tudo, mantém a serenidade. “Achas que devo dizer alguma coisa para os jornais? Será que vale a pena?”

A sala da minúscula *flat* onde vive o casal está cheia de lembranças, incluindo um velho televisor que está a transmitir uma emissão da RTP. Aqui e ali vêem-se objectos de colecção arrumadas com desleixo artístico e a sensação que temos é de que o espaço é por demais exíguo para tudo aquilo. Ela própria – Fernanda Cunha Vaz – tem dificuldades de se movimentar na sua própria casa porque os corredores que sobram para tal estão comprimidos. “Este é o meu último reduto. É aqui onde rumino as minhas dores. Eu e o meu marido perdemos quase tudo. Mas será que é importante falar disso?”.

Apesar de toda essa dor, prefere não falar do passado. “O que me dói é que não posso andar e desfrutar da beleza desta cidade que já não é minha. Não é minha porque perdi tudo o que me dava motivo para me sentir daqui”. Para além de ter sido uma grande peça de apoio ao seu marido na gestão da fortuna que tiveram, e que depois passou para a responsabilidade do Estado aquando das nacionalizações, ela deu aulas de Geografia, História e Português. “O meu marido também foi docente, lecionou Biologia, mas, quando os contratos terminaram, sobrevivemos com o pouco que ainda nos sobrava. Felizmente, nunca tivemos privações”.



Mas estamos frente a frente com uma mulher que foi jornalista. “Eu vivo em Moçambique há 54 anos, dos quais 47 aqui em Inhambane. A minha inserção em Moçambique foi rápida. Eu já trabalhava como jornalista, por isso não senti dificuldades. Comecei a escrever aos 15 anos de idade em Portugal, como colaboradora do “Notícias de Aveiro”, para além da minha participação numa publicação brasileira”.

O avô do marido de Fernanda Cunha Vaz chegou a Moçambique por volta de 1900. E ela, fazendo parte da terceira geração, casou-se com Levi Cunha Vaz, na antiga Lourenço Marques, hoje Maputo, “depois é que viemos para aqui, onde estamos até hoje”. Provavelmente seja por isso, depois deste tempo todo, que não faz sentido pensar em regressar às origens. O sangue deste casal está profundamente misturado com esta terra. Toda a vida foi feita aqui. As alegrias, as dores e as coisas indeléveis estão aqui. É por isso que todo o seu pensamento é feito neste perímetro.

O futuro como mira

A nossa intenção, ao ir visitar os dois anciãos na sua casa, era conversar com os dois. Ouvir deles as memórias. Saber dos sonhos que lhes habitam. Perguntar se pensam mais no passado ou no futuro. É isso que nós pretendíamos, mas não o conseguimos porque Levi está acamado e Fernanda não se mostrou predisposta a despregar a bandeira. “Queres que eu te diga o quê? Não estou bem de saúde. Nem eu, nem o meu marido. O pior de tudo isso é que não posso andar. As pernas doem-me”.

Na verdade, o espírito de Fernando parece enfraquecer em simultâneo com o do próprio corpo, apesar de existir o sonho de ver em livro aquilo que andou a publicar em jornais. “Tenho coisas escritas e guardadas, e que gostaria de ver um dia grafadas em livro”. Ela levantou-se no seu corpo leve, envergando umas

“jeans”, que sempre usou para esconder as marcas da queimadura que sofreu nas pernas, em tempos. “Mas para quê falar disso? A vida está pronta, em cada momento, a pregar-nos partidas!” Deu-nos a conhecer alguns títulos de um espólio que ela própria diz ser interminável. E o que tinha à nossa frente serviu para nos esclarecer que esta é uma mulher atenta. Observadora. Crítica. “Eu, hoje, não sei o que é que fizeram à juventude, e questiono-me, o que é que se passa? Os empregados são desobedientes. Será este o homem novo que sempre se perspectivou que já está entre nós? Logo depois da independência sempre se falou da criação do homem novo. Se for este, então não nos deixa com orgulho nenhum”.

A octogenária acha que o sistema educativo no nosso país deve ser melhorado. “Os pais queixam-se porque os filhos não os respeitam nem aceitam uma advertência dos mais velhos, quer dizer, deixou de haver educação moral, canto coral e tantas outras coisas para a educação das crianças. O professor tinha de exigir, tal como exigíamos aos alunos no passado, um comportamento exemplar. Veja que alguns dos meus alunos hoje são pais e avós, mas ainda me respeitam, inclusive ao meu marido”.

Fernanda não aceita a história da globalização como factor da ruptura da moral. Para ela, este é um discurso dos políticos. “Não é para nós. A globalização é uma criação nova. Os pais devem incutir na criança aquilo que há-de ser no futuro. Eu sou aquilo que o meu pai quis que fosse. Se eu me comportasse erradamente, dava-me uma boa bofetada e obedecia. A educação das crianças deve começar em casa, guiada pelos pais”.

Ela tem saudades do respeito, da amizade e do amor. “Nas vias públicas as pessoas ocupam os passeios, paradas ou sentadas, e você tem que se desviar e em muitos casos tem que entrar na faixa de rodagem de viaturas com o risco de ser atropelado. Antigamente havia respeito”. Apesar de tudo isso, continua a sonhar. Ela sabe quão é difícil passar para o sistema electrónico tudo aquilo que andou a escrever neste tempo todo da vida. “Eu tinha o material sistematizado, mas tive um problema com o meu computador, e quando o mandei reparar voltou vazio. Completamente vazio. Agora imagina a dor que isso me causa”.

Fernanda conta esta história em voz tênue. Temos que prestar muita atenção para perceber as palavras. E perceber também o seu sentido. Ou seja, mesmo com a dor de ter perdido tudo, ela ainda sonha com um livro, que seria uma forma de se homenagear a si própria, de valorizar o seu trabalho. Mas quem sabe se um dia esta obra não virá! Por enquanto, fica este texto que pretendia explorar a história de um casal de idosos que já não é visto nas ruas da cidade. “Falar do nosso percurso para quê? Será que vale a pena?”.

Moviflor explora e expulsa trabalhador

Rui Sitoi, de 30 anos de idade, residente da Zona Verde, no município da Matola, é mais um compatriota na lista dos desocupados em virtude de ter perdido o emprego por razões que se enquadram naquilo que se pode chamar de arrogância e desrespeito. Depois de ser explorado durante vários meses, trabalhando acima da carga horária prevista na Lei n.º 23/2007 de 1 de Agosto e sem direito a horas extras, o jovem foi coagido a assinar uma carta de demissão.*

Texto: Redação

Rui Sitoi é casado e pai de dois filhos. Inconformado com a sua exoneração, ele procurou o @Verdade para expor o martírio a que foi sujeito e a sua indignação. A sua relação com a Moviflor começou nos finais de Setembro de 2012 quando viu um anúncio de vaga no Grupo Emprego em Moçambique, através do Facebook, para o posto de auxiliar de loja. Sem nada a perder, e ainda mais desempregado, o nosso interlocutor enviou o seu Currículo. Sorte ou não, três dias depois foi chamado para uma entrevista e passou a fazer parte da nova empresa de móveis no país. O director da firma disse que nos primeiros três meses o jovem ganharia cinco mil meticais e, seguramente, até Março do ano seguinte, estaria a auferir sete mil meticais.

A expectativa era enorme e as promessas também sedutoras. Rui Sitoi dedicou-se ao trabalho, participou na remodelação das infra-estruturas da companhia, incluindo na pintura, na limpeza e durante vários dias passou mal devido ao calor intenso no telhado tentando tapar buracos que permitiam a infiltração de água.

O primeiro indício de que a Moviflor não era séria nem honesta verificou-se quando Rui Sitoi recebeu um contrato que indicava que o mesmo começa a vigorar no dia 01 de Novembro daquele ano, ignorando os trabalhos iniciados em Outubro e todo o esforço empreendido. No documento constava ainda que o mesmo tinha a validade de dois anos e o empregado de loja exerceria as suas funções sete horas por dia, faria turnos e teria uma folga semanal rotativa. Assim aconteceu durante algumas semanas antes de ser transferido para a distribuição e montagem de móveis ao domicílio.

Escravidão

Segundo Rui Sitoi, quando começaram as entregas de mobiliário ao domicílio não houve mais paz, até porque ele era obrigado a assimilar um português de Portugal para efeitos de trabalho, pois o seu mestre – com o qual andava sempre – era originário daquele país. Em média, o jovem tinha sete entregas diárias por efectuar e nunca saía antes das 19h:00. Houve dias em que ele e o seu instrutor trabalhavam até a meia-noite, mas Rui não se queixava disso. Volvido algum tempo, ele ganhou a alcunha de GPS por conhecer toda a cidade de Maputo e arredores.



A dado momento, Rui conta que chegou a ser considerado um dos melhores colaboradores da Moviflor. Por reconhecer o esforço do jovem, o português pediu um empréstimo de seis mil meticais para que o seu colega averbasse a sua carta de condução para a categoria de profissional. O valor seria reembolsado em parcelas de mil meticais mensais e ainda recebeu rasgados elogios pelo seu brio no ofício. Mas ele não imaginava o que o futuro lhe reservava...

Subitamente, as coisas mudaram do dia para a noite. A equipa moçambicana, mesmo sem perícia, na montagem de mobílias devia começar a trabalhar sem mestre. As entregas ao domicílio, que geralmente eram sete por dia, aumentaram e passou a ser normal sair do serviço por volta das 22h:00. Sensibilizados com a situação, sobretudo quando houve rumores de que existia um grupo de malfeitores que torturava, violava sexualmente e passava um ferro de engomar pelo corpo das suas vítimas, alguns clientes já não aceitavam que alguém se dirigisse às suas casas à noite.

Durante o período conturbado em que os cidadãos de Maputo e da Matola patrulhavam as suas zonas supostamente para deter os que causavam terror, a camioneta na qual Rui e os colegas se faziam transportar foi interpelada pela população por três vezes. O pior não aconteceu por mera sorte. Já houve tempo em que o jovem chegava ao seu domicílio às 02h:00 de madrugada e às 08h:00 devia estar no seu posto.

Rui lembra igualmente das vezes em que saía tarde do serviço e o seu gerente informava que não haveria transporte e mesmo assim queria que todas as entregas fossem infalivelmente efectuadas a tempo. Devido à desmotivação dos colaboradores, às 19h:00, com ou sem entregas ainda por fazer, os carros recolhiam à empresa. Quase todas as reuniões convocadas pelos trabalhadores com o intuito de conversar com a direcção fracassaram porque o patronato não era aberto ao diálogo.

As queixas dos clientes

Devido a sobrecargas e falta de experiência na montagem do mobiliário, os móveis começaram a ter deficiências de vária ordem. A Moviflor recebia reclamações dos clientes constantemente e a gerência mostrava-se impotente para resolvê-las. As vendas diminuíram drasticamente, a firma acumulou dívidas avultadas com os clientes, os contentores de mercadorias atrasavam e quando chegavam ao porto eram retidos.

Segundo o nosso entrevistado, a primeira medida que a direcção daquela empresa encontrou para tentar conter a crise foi despedir o pessoal com o qual não tinha contrato de trabalho e efectuou descontos nos vencimentos dos colaboradores. A seguir a isso, dois colegas foram acusados de roubos e forçados a assinar uma carta de demissão supostamente para não serem detidos.

A demissão

Com a passagem de Rui para o sector de distribuição cessavam também os turnos, passaria a trabalhar seis dias e descansava aos domingos. Porém, isso foi por poucos dias porque passou a regra não ter repouso. Num desses domingos, apenas uma pessoa foi ao serviço e na segunda-feira seguinte a direcção dos Recursos Humanos disse que ia despedir todos os faltosos. Mas essa ideia não era exequível porque implicava exonerar todo o pessoal. “Eu, o motorista e o seu ajudante fomos repreendidos e ameaçados”.

Um dos colegas do nosso entrevistado foi acusado de ter lesado a empresa no valor de 200 mil meticais por não ter ido trabalhar no referido domingo. A firma só iria repor os danos se o colaborador aceitasse assinar uma carta de demissão.

“A mim acusaram também de várias coisas. Tentaram coagir-me a assinar uma carta de destituição, mas neguei. Eu alertei para que ninguém assinasse



se nenhum documento. Disse-me (os gerentes) que devia ficar em casa e mais tarde iam-me telefonar mas eu exigi um documento que me autorizava para o efeito. Emitiram uma suspensão de dois dias, findo os quais aumentaram mais cinco dias”.

No fim desse período, o jovem apresentou-se novamente ao seu posto e foi informado de que estava demitido por faltar ao trabalho deliberadamente. Quando o visado contestou tal decisão, o patronato mudou de ideia e alegou que para Rui voltar a exercer as suas funções devia primeiro assinar o documento. “Neguei porque não sou nenhum distraído. Como é que eu podia assumir as culpas de algo que desconhecia?”.

Perante esse braço-de-ferro, a Moviflor reviu a sua posição e arquivou o processo. Contudo, já não havia confiança entre as partes, para além de que Rui era sujeito a um clima de hostilidade na empresa como forma de desmotivá-lo com o intuito de se demitir. Alegando ausência de condições para continuar a trabalhar, o jovem rescindiu o contrato e submeteu uma queixa no Ministério do Trabalho (MITRAB). Neste momento, aguarda pela decisão da instituição e espera ainda que os seus direitos infringidos sejam repostos.

Enquanto isso, @Verdade contactou um dos responsáveis da Moviflor, identificado pelo nome de Francisco, o qual não quis falar sobre o caso supostamente porque precisava da autorização do director geral. O nosso interlocutor mandou-nos aguardar e prometeu telefonar-nos com vista a explicar o que se passou entre a sua firma e Rui. Entretanto, nenhuma pessoa da direcção nos contactou até ao fecho desta edição.

* Nome fictício

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

A verdade em cada palavra.

O Jornal mais lido em Moçambique.

Em Moma o povo é maltratado

A multinacional Kenmare, que explora as areias pesadas de Moma, no posto administrativo de Topuito, no distrito de Moma, é acusada de des-tratar a população daquela região da província de Nampula e violar os seus direitos. A firma está para implementar um projecto fora dos limites cedidos pelas famílias e estas exigem novas indemnizações, o que não é aceite pela companhia. O executivo local, em vez de inter-mediar o impasse entre as partes, ameaça os líderes que defendem os interesses das suas comunidades.

Texto: Redacção • Foto: Sérgio Fernando

Em 2006, a Kenmare interessou-se pelo espaço que hoje está na origem da contenda nos bairros de Topuito e Namalope, naquele posto administrativo. As pessoas que se encontravam nos lugares onde devia ser implementado o plano de exploração das areias pesadas foram ressarcidas. Além de outras actividades, naquelas terras praticava-se agricultura, da qual inúmeras pessoas dependiam para sobreviver.

Entretanto, o processo de compensações só ficou concluído em 2008, mas a empresa não explorou imediatamente as áreas que acabava de adquirir junto dos nativos. Volvidos cinco anos, ela pretende ocupar as suas terras, todavia, neste momento, as obras em curso abrangem zonas não previstas para o efeito quando houve atribuição das compensações. Ou seja, vão para além dos limites acordados. Algumas machambas estão a ser destruídas sem que haja compensação.

Por isso, a população exige que o processo seja revisto e haja novas compensações, porém, a Kenmare não aceita, facto que gera pandemónio, pois certas famílias queixam-se de terem sido ludibriadas pela companhia. O executivo local quando age sai em defesa da firma e ameaça os líderes comunitários.

Na altura em que a população se exasperou, uniu-se, recorreu à força para tentar coibir que tal acontecesse e dirigiu-se às instalações da Kenmare para exigir explicações e novos ressarcimentos, principalmente porque algumas machambas e casas estavam a ser destruídas durante a ocupação ilícita das suas terras. Foi necessária a intervenção da Polícia e do governo distrital para amainar os ânimos, pese embora tenha havido intimidações.

Na semana passada, o @Verdade esteve no terreno para junto de algumas famílias aferir os marcos que foram extrapolados mas não foi possível aceder ao local por causa das obras em curso. Neste momento em que as máquinas já estão a “roncar” em Topuito, por exemplo, fica claro que dificilmente os lesados irão conseguir impedir a materialização do plano de extracção das areias pesadas nas suas áreas supostamente tomadas à força.

A chefe do Departamento de Relações Comunitárias da Kenmare, Regina Macuácu, não revela a dimensão de terra que a companhia ocupou nem quantas famílias foram compensadas, tão-pouco fala dos valores envolvidos, mas explica que os espaços em alusão em Topuito – hoje na origem do descontentamento – não foram imediatamente explorados pela empresa, apesar de que o processo para o efeito estava concluído porque havia outro plano em curso em Namalope.

Os agitadores da população

Na tentativa de resolver o problema que agasta as comunidades, os secretários dos bairros do posto administrativo de Topuito reuniram-se com os dirigentes da Kenmare e com os membros do governo distrital de Moma, porém, não houve entendimento entre as partes e os representantes da população foram acusados de estarem a promover agitação e serem militantes de um partido da oposição. “Os líderes comunitários têm estado a colaborar com os protagonistas das manifestações”, afirmou Regina Macuácu.



Em 2006, Fernando Silvino, secretário do bairro de Topuito, testemunhou a demarcação da área que a Kenmare devia ocupar e acompanhou todo o processo de indemnizações, incluindo pelas culturas perdidas. Este ano, quando a empresa pretendia iniciar o seu projecto ele foi novamente chamado para confirmar os limites e constatou que houve extrapolação dos mesmos.

“As brigadas do governo incumbidas de fazer as consultas públicas para colher diversas sensibilidades nas comunidades apenas deixam ordens em vez de ouvir a própria população”, disse Fernando Silvino, que também é considerado agitador e indiciado de estar contra o desenvolvimento social e económico em Topuito, onde as comunidades se queixam do custo de vida devido, em parte, à falta de meios de subsistência desde que as suas machambas foram destruídas.

O governo é culpado

Segundo o nosso interlocutor, a Kenmare está a desgraçar a população de Topuito. Os programas de responsabilidade social são apenas para enganar. E quando as pessoas despertarem será tarde demais porque todos os recursos se terão esgotado. “A responsabilidade pelas irregularidades cometidas pela companhia deve ser imputada ao governo de Moma que vendeu as nossas terras”.

O secretário do comité de zona do partido Frelimo, no bairro de Topuito, Dover Boavida Massiele, lamenta o facto de o governo não estar preocupado com a população. Além das ameaças a que os secretários dos bairros são sujeitos, os responsáveis pelo sector das Actividades Económicas em Moma sugeriram, sem dó, à Kenmare para reduzir o preço de indemnização para cada cultura alimentar ou fruteira no acto das compensações.

Comunidades “oportunistas”

Regina Macuácu indica que a população de Topuito está a exigir que seja ressarcida pelas áreas que já foram compensadas, em 2006. Isso é oportunismo. “O que temos assistido é que as pessoas inventam machambas nos locais onde não existiam, apenas para receber indemnizações. A população está com ganância de dinheiro”.

Recursos escasseiam

Em Topuito, os residentes não olham com agrado os feitos da Kenmare e vandalizam algumas infra-estruturas sociais construídas nos diferentes bairros, tais como fontanários e lavandarias públicos. O saneamento do meio é também precário porque a população não observa as regras básicas de higiene colectiva e individual. As campanhas de sensibilização para o feito estão a fracassar e o lixo aumentou consideravelmente de há tempos para cá.

A Kenmare tem o Direito de Uso e Aproveitamento de Terra (DUAT) válido até o ano de 2050. E no âmbito da sua responsabilidade social construiu uma unidade sanitária, algumas salas de aulas e canalizou água potável para os bairros. Anualmente, em média, dez alunos recebem bolsas de estudo para frequentar o ensino secundário geral e técnico-profissional em diferentes escolas da província de Nampula.

Esses projectos não irão garantir um futuro promissor aos beneficiários caso os seus parentes continuem a viver nas condições precárias em que actualmente se encontram naquela região.

O grosso dos residentes do posto administrativo de Topuito depende das actividades agrícolas, pesqueiras e de pequenos negócios para sobreviver mas as suas machambas foram destruídas. Alguns solos estão a ficar empobrecidos e as famílias associam o facto à exploração das areias pesadas, sobretudo porque começam a não ter recursos para sobreviver. Aliás, moradores do bairro de Namalope referem que não sabem qual será o futuro dos seus descendentes.

Porém, neste momento, o comércio informal está a florescer e constitui a principal fonte de renda e subsistência. Para além de as áreas de cultivo estarem a ficar inférteis, no mar, as zonas onde os pescadores conseguiam pescado para venda e consumo está lotado de navios e pequenos barcos que transportam os recursos explorados dia e noite.

As oportunidades de emprego na Kenmare não passam de uma miragem para a população de Topuito e do distrito de Moma, pois, para além de cidadãos estrangeiros, a maior parte da mão-de-obra é proveniente de outros distritos ou províncias do país.

Administrador não se pronuncia

Na semana em que a nossa Reportagem esteve em Moma tentou, sem sucesso, ouvir a versão do administrador Momade Shale em relação às queixas da população, alegadamente porque ele se encontrava no distrito de Mossuril a participar em cerimónias fúnebres de um familiar.

Na altura em que as machambas das pessoas a que nos referimos foram destruídas, há meses, também contactámos Momade Shale mas ele não nos disse nada porque se encontrava na província de Cabo Delgado.

Tentativa de deturpar os factos

No dia 12 de Setembro passado, o @Verdade veiculou, na sua plataforma online, que a Kenmare estava a destruir machambas nas comunidades de Topuito, Naholokho e Namalope sem o consentimento dos proprietários para dar lugar à segunda fase do projecto de extracção das areias pesadas.

Nesse contexto, um quadro da direcção daquela empresa telefonou-nos a dizer que o que publicámos era mentira. Entretanto, para além de condenarmos a tentativa de descredibilizar o nosso trabalho, reafirmamos tudo o que dissemos nessa altura.

MBORALA é um fiasco em Maputo e na Matola

A utilização do MBORALA, um bilhete electrónico pré-pago, nos transportes públicos de passageiros geridos pela Empresa Municipal de Transportes Rodoviários de Maputo (EMTPM), cujo uso obrigatório nas carreiras expresso vigora desde 01 de Agosto passado, está a revelar-se um autêntico fracasso. Os cidadãos queixam-se de várias anomalias, tais como o facto de os autocarros circularem às moscas, enquanto há gente que fica horas a fio nas paragens à espera de transporte e, por vezes, dependente das carinhas de caixa aberta, vulgo my love.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Os transportes em que se usa o sistema MBORALA fazem as carreiras expresso nas cidades de Maputo, da Matola e na vila de Boane. Contudo, há poucos munícipes que possuem o bilhete que lhes permite viajar nesses autocarros. Acontece, porém, que para alguém viajar nesses autocarros deve assegurar que tem em sua posse um bilhete electrónico recarregado com o crédito necessário para o efeito, caso contrário só pode circular nos veículos normais, os quais também escasseiam, sobretudo nas horas de ponta.

O projecto de implementação dos bilhetes electrónicos está orçado em 8.7 milhões de dólares. A um jornal da praça, o vereador da área dos Transportes e Trânsito do Conselho Municipal de Maputo, João Matlombe, re-conheceu que o sistema em causa nas carreiras ex-presso está a fracassar porque o estudo de viabilidade para a sua introdução “foi mal calculado”. O processo deve ser revisto o mais rápido possível, pois nota-se que os autocarros que usam os referidos passes andam vazios, para além de que a implementadora do pro-jecto está a registar prejuízos avultados ainda por quantificar.

Perante essas declarações, o @Verdade contactou João Matlombe para, dentre outros assuntos, esclarecer, uma vez fracassado o plano, sobre que passo seria dado a seguir com vista a corrigir os problemas detectados.

O vereador, que inicialmente aceitou falar ao nosso Jornal, no dia marcado para a entrevista remeteu-nos ao administrador comercial do Fundo dos Transportes na EMTPM, Lourenço Albino. Este explicou-nos que existem três tipos do passe em alusão, nomeadamente: de estudante e dos combatentes, ambos com 50 por cento de desconto, e de prestígio, adquirido ao custo de 185 meticaís.

O bilhete electrónico MBORALA custa 12 meticaís, é recarregável por um mínimo de 30 meticaís – equivalente a duas viagens – e pode durar mais de dois anos se for bem conservado. Contrariamente a Matlombe, Lourenço Albino disse que o sistema de bilhetes electrónicos pré-pago está a



ter sucesso. Aliás, o entrevistado disse que a EMTPM não é responsável pela introdução do uso dos bilhetes electrónicos. Estes são emitidos pela firma PMS.

Os carros que prestam esses serviços em Boane, na Matola e em Maputo – nas rotas de Txumene, CMC, Matendene, Liberdade, Patrice Lumumba, Machava Socimol, Mozal e Acipol – para além de serem exíguos e haver poucos utentes, deviam acolher passageiros que ainda não compraram os passes.

Há dias, por volta das 17h:00, um cidadão reportou ao @Verdade que partiu da Praça dos Trabalhadores em direcção a Boane numa carreira expresso do MBORALA. Do local de partida até à zona da “Brigada” ele era o único passageiro. Para o nosso interlocutor, o plano de funcionamento dessas carreiras é discriminatório na medida em que por mais que as paragens estejam abarrotadas de gente à espera de transporte, ninguém pode fazer uso deste sem o passe.

Outro cidadão contou-nos o seguinte: “Uma vez viajei num autocarro expresso do MBORALA e presenciei coisas que me deixaram agastado. Eu e muitos cidadãos fomos forçados a descer do carro porque não tínhamos o cartão mas podíamos pagar a viagem com dinheiro porque tínhamos condições para isso. E um dos fiscais tratou-nos mal”.

A alternativa perigosa

Enquanto os autocarros em que se usa o MBORALA fazem viagens quase sem gente, nos mesmos troços em que operam é deveras preocupante o facto de centenas de cidadãos serem transportados em carrinhas de caixa aberta como se de gado se tratasse e em condições totalmente desumanas e de risco.

Nesse contexto, até o final deste ano, o município pretende interditar o uso de carrinhas de caixa aberta para o transporte de pessoas, uma prática de tem sido bastante notória nas horas de ponta do centro da urbe para as zonas periféricas e vice-versa. E comprar-se-á autocarros em número ainda não especificado para Maputo, Matola, Marracuene e Boane.

Este “sonho” foi dado a conhecer em Junho passado, na capital do país, aquando da apresentação do Plano Director de Mobilidade e Transporte para a Área Metropolitana de Maputo, cujo objectivo é resolver definitivamente o problema em causa.

Entretanto, importa recordar que de planos, dos quais alguns já foram esquecidos, as gavetas de alguns compartimentos da edilidade de Maputo estão abarrotadas, porém, falta algum programa capaz de minimizar o sofrimento do povo no que ao transporte diz respeito. Aguarda-se pela “revolução”.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque sai aquele líquido do pénis dele?

Meus queridos leitores. Esta semana passei por uma farmácia e encontrei um panfleto que dizia: “A maioria dos homens apenas conhece o problema da disfunção erétil pela metade”. E não é verdade? O panfleto dizia mais. Que “64% dos casos podem ser consequência da diabetes, hipertensão ou dislipidemia”. Já tivemos nesta coluna o caso de um jovem que fez sexo com mais de oito mulheres por não saber as razões da sua fraca erecção. Não é preciso colocar-se em tais riscos. Em alguns casos, nesta coluna podemos conversar sobre isso. Mas, na maioria dos casos, é muito importante consultar o médico. Para outras perguntas sobre saúde sexual e reprodutiva, por favor

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **90441**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Bom dia! Eu namoro um rapaz de 31 anos. Eu tenho 36. Quando vamos ter uma relação sexual, na hora que ele está excitado e sai aquele líquido do pénis dele, sinto que tem um mau cheiro. Já fizemos todos os exames de DTS e eu já fui também ao ginecologista e usei creme vaginal. Melhora, mas volta. O que pode ser? Outra dúvida é que eu nunca senti um orgasmo. Já conversámos sobre o assunto, e tentei de tudo. Será que não tenho sensibilidade? Usei até vibrador para o clítoris.

Minha linda, as tuas duas perguntas são importantes, e por essa razão eu vou fazer uma coisa: vou responder à primeira pergunta nesta coluna e respondo à outra na próxima coluna. A primeira pergunta é sobre o líquido. Teria sido fácil para mim investigar mais sobre o assunto, se me tivesses dito também qual foi o diagnóstico médico, e se foram os dois à consulta, ou foste apenas tu. Se o líquido malcheiroso que sai do pénis do teu namorado for resultado de uma ITS, por exemplo, na minha opinião, é muito importante que vocês conheçam muito bem a possível infecção, e saibam quais são as formas de evitar a recontaminação. Por exemplo, se o teu namorado e tu praticam relações sexuais durante o tratamento (pode ser durante o teu tratamento ou o tratamento dele), é muito provável que vocês se recontaminem, tornando ainda mais difícil que a infecção se cure. Aconselha-se muitas vezes que, durante o tratamento de infecções de transmissão sexual, os casais se abstenham do sexo, ou, preferencialmente, usem o preservativo. Outro aspecto importantíssimo é que o tratamento de uma ITS deve ser feito na íntegra, não podemos desistir quando virmos sinais de melhoria. Isto também se aplica aos fungos vaginais. Eu aconselho-vos a voltarem ao/a médico/a, que peça que vos faça exames, explique claramente o diagnóstico, e proponha as melhores formas de evitar uma recorrência da infecção. Enquanto isso, usem o preservativo.

Olá Tina. Eu sou um jovem de 21 anos e namoro com uma moça de 24 anos. A primeira vez que fizemos sexo foi sem preservativo, e das vezes que usamos o preservativo ela não se sente bem. Sempre tem tido ideias de transarmos sem ele. O que eu tenho medo é que ela engravide e possa passar muito mal. O que faço?

Olá meu querido. Fico feliz por receber uma pergunta deste estilo vinda de um homem. É que muitas vezes as mulheres é que têm esta preocupação. A sexualidade nesta idade é um dos assuntos mais difíceis, porque ao mesmo tempo que vocês estão a descobrir novas sensações, também querem evitar fazer coisas que possam colocar o vosso futuro em jogo. É minha opinião que vocês devem precaver-se para evitarem não só a gravidez indesejada, como também possíveis infecções de transmissão sexual. Se tu não te sentes confortável com essa opção de não usar o preservativo, não o faças. É igualmente importante que vocês façam o teste do VIH, das infecções de transmissão sexual e continuem a prevenir-se delas. Também, procurem saber que métodos contraceptivos existem para evitarem uma gravidez indesejada. Todos estes testes podem ser feitos em qualquer Unidade Sanitária (Posto ou Centro de Saúde, ou Hospital) mais próximo de vocês. Cuidem-se!

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Sociedade

Reconstrução pós-cheias continua no papel

Está-se na época chuvosa e os danos causados pelas inundações que fustigaram o país no início de 2013 ainda não foram reparados. Para além de várias infra-estruturas destruídas, 122 mil pessoas afectadas pelas cheias resultantes do transbordo do vale do Zambeze, na época chuvosa 2006/7, ainda aguardam pelo reassentamento. Neste momento, elas vivem em tendas ou casas improvisadas e de construção precária. O Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) diz que já existem talhões para a reedificação das habitações destruídas, mas há falta de recursos.

Texto: **Redacção**

A 01 de Outubro do corrente ano, o Conselho de Ministros aprovou um decreto que cria o Gabinete para a Implementação do Programa de Emergência para a Reconstrução e Reabilitação de Estradas e Pontes, no período pós-cheias. Em Agosto passado, a Assembleia da República aprovou o Orçamento Rectificativo que visa, também, dentre outras acções, a reconstrução dos empreendimentos danificados pelas enxurradas.

O gabinete em alusão é autónomo, foi concebido para funcionar por um período de três anos e subordina-se ao director-geral da Administração Nacional de Estradas (ANE). Visa, dentre outros fins, assegurar a execução dos projectos de engenharia, e monitorar e supervisionar as obras de reconstrução de estradas e pontes destruídas pelas inundações. Para o efeito, foram disponibilizados, numa primeira fase, 180 milhões de dólares, dos quais cerca de 40 milhões provêm do orçamento do Estado e os restantes resultam de contribuições externas.

O Banco Mundial vai desembolsar 32 milhões de dólares igualmente para a reconstrução dos danos causados pelas cheias que ocorreram no início de 2013. O valor inclui acções de preparação para a próxima época de chuvas. Espera-se que avultadas somas desse dinheiro não seja gasto somente em estudos.

Dentre outras infra-estruturas vitais para a circulação de pessoas e bens, a ponte de Chicumbane, na província de Gaza, ainda não beneficiou de nenhuma obra de reparação. Para atravessar aquela via todo o cuidado pode ser pouco e nas condições em que se encontra, neste momento, não é difícil

imaginar o que vai acontecer caso as previsões do Instituto Nacional de Meteorologia – de ocorrência de inundações entre Outubro corrente e Março próximo – se concretizem.

No XIX Conselho Coordenador do Ministério da Administração Estatal (MAE) que decorreu em Inhassoro, na província de Inhambane, em Setembro último, o INGC indicou que no país está em curso o mapeamento das zonas de risco de desastres naturais para a mitigação dos efeitos de calamidades naturais que são cíclicos no país. Prevê-se que este trabalho dure três anos. Entretanto, há anos que a instituição a que nos referimos fala destas acções mas, anualmente, em diferentes partes do território nacional, os estragos resultantes das cheias têm sido maiores, à semelhança do que assistimos no distrito de Chókwè, no início deste ano.

O moçambicano Pedro José Zualo, formado em Relações Internacionais e Diplomacia, refere, num artigo de reflexão sobre as inundações no país, que “o actual sistema de gestão de calamidades naturais no país não elimina o risco de cheias, mas cria essa ilusão”. E a crença nos discursos do governo (...) favorece a permanência das populações nas áreas susceptíveis a cheias, para além de que o aumento da vulnerabilidade de pessoas e de infra-estruturas em áreas de risco, provocado pelas enxurradas evidencia a fraca capacidade institucional para gerir o problema.

Aliás, aquela instituição adverte que sete distritos da província da Zambézia, nomeadamente Maganja da Costa, Chinde, Pebane, Namacurra, Inhassunge, Nicoadala, Gilé e a cidade de Quelimane podem ser afectados por chuvas fortes acompanhadas de trovoadas. Por via disso, cerca de 350 mil pessoas poderão ser fustigadas por essas intempéries.

Para fazer face a esse problema, o INGC diz que elaborou um plano de contingência que inclui medidas para lidar com factores tais como as alterações climáticas, a retirada das populações o mais cedo possível das zonas de risco, o aumento das campanhas de sensibilização sobre os riscos de construção de residências em zonas baixas e o desencorajamento da produção em locais não estratégicos e de grande risco. Todavia, estas acções requerem o aumento de recursos humanos, de apoios financeiros, de embarcações e outros meios de regaste.

O director do INGC, João Ribeiro, disse-nos que para responder aos anseios acima mencionados há necessidade de envolver vários actores comunitários, das localidades, distritais e provinciais, com vista a definir um plano inclusivo e que abranja todos os sectores que anualmente sofrem os efeitos das calamidades naturais.

Ribeiro considerou que os hábitos culturais, tais como a ligação com a terra para a prática de várias actividades de subsistência impedem, sobremaneira, a retirada atempada de pessoas das zonas de risco e propensas às calamidades. Contudo, a cada ano, o número de óbitos por causa das cheias tem vindo a reduzir porque algumas pessoas começam a ganhar consciência do perigo que correm em locais de risco.

Porém, segundo o texto de Pedro Zualo, há uma certa desatenção e negligência face a episódios ou incidentes que, noutras circunstâncias, poderiam funcionar como sinal de alerta para o agravamento e consequente acção preventiva e antecipada.

Crianças em idade escolar devem ser matriculadas até Dezembro

Decorrem desde 01 de Outubro em curso, até Dezembro próximo, as matrículas para as crianças que vão frequentar a 1ª classe em 2014. Apela-se aos pais e encarregados de educação para que inscrevam, tão cedo quanto possível, os seus filhos, de preferência, nas escolas mais próximas das suas zonas de residência, sendo que nenhum progenitor deve ser impedido de matricular o seu petiz caso este não tenha alguma identificação pessoal. As instituições devem, obrigatoriamente, inscrever todos os menores em idade escolar, enquanto os pais regularizam a documentação.

Texto: **Redacção**

Neste momento, alguns estabelecimentos de ensino, sobretudo das zonas rurais, registam uma fraca afluência, para além de que existem outros em que nenhum petiz foi matriculado por razões não esclarecidas, porém, suspeita-se que seja por falta de informação, uma vez que, nos anos anteriores, o processo em curso iniciava em Janeiro e durava poucos dias. Os pais podem, também, alertar os seus vizinhos para que inscrevam os seus filhos com vista a não ficarem fora da escola no próximo ano. Não se paga nada para o efeito.

O chefe do Departamento de Planificação na Direcção da Educação e Cultura da Cidade de Maputo, Samuel Menezes, disse ao @Verdade que existem 23.800 vagas para o ano lectivo de 2014, das quais 13.583 já foram preenchidas. Entretanto, até este momento, nenhuma criança foi inscrita no Distrito Municipal KaNhaca.

“O que para nós é alarmante é a fraca afluência dos pais e encarregados de educação dos distritos de KaNhaca e KaTembe. KaNhaca é composto por quatro escolas do ensino primário e existem 210 vagas, das quais nenhuma foi ocupada”, disse Samuel Menezes, para quem no Distrito Municipal de KaTembe, com nove escolas que leccionam da 1ª à 7ª classe, das 828 vagas disponíveis, somente 41 alunos foram matriculados em duas semanas.

O nosso interlocutor explicou que as duas parcelas da cidade de Maputo, por serem zonas rurais, enfrentam o problema da falta de conhecimento sobre o processo de matrículas em curso. Samuel Menezes esclareceu ainda que caso alguma criança não tenha um documento de identificação, a direcção da escola onde for inscrita tem o dever de deixá-la frequentar a classe durante o primeiro mês de aulas, enquanto os pais regularizam a situação.

Na Escola Primária Completa do Alto-Maé, em Maputo, havia 219 vagas mas todas já foram preenchidas em uma semana. A mesma situação aconteceu na Escola Primária 3 de Fevereiro, onde estavam disponíveis 190 lugares. Os dois estabelecimentos de ensino são bastante concorridos.

Na Escola Primária Completa Unidade 18 (EPCU18) foram matriculadas, até a semana passada, 128 petizes de um total de 222 vagas disponíveis. O director daquela instituição, Martinho José Namburete, disse que o processo decorre normalmente, porém, relativamente ao ano anterior, há ua fraca afluência devido ao desleixo dos pais e encarregados de educação.

Na Escola Primária Completa Unidade 19 (EPCU19), das 282 vagas existentes foram preenchidas 125. Na Escola Primária Completa Unidade 10 registaram-se 130 alunos, dos 320 previstos, de acordo com o director pedagógico, Feliz Mapandzene.

Cuamba

Contrariamente ao que acontece noutras regiões do país, no distrito de Cuamba, na província do Niassa, há estabelecimentos de ensino que ainda não iniciaram a inscrição das crianças. Por exemplo, na Escola Josina Machel nenhuma criança havia sido inscrita até a semana passada, segundo o director da mesma instituição, Lino Vitoce. Localmente, não existe nenhuma actividade que visa sensibilizar os pais a aderirem ao processo, peses embora o dirigente apele aos pais para que se dirijam aos estabelecimentos de ensino a fim de matricularem os seus educandos.

Sanito Stor Monteiro, director da Escola Primária Completa de Ruthi, salientou que por causa da falta de informação, muitos pais e encarregados de educação não estão a matricular os filhos dando prioridade às actividades agrícolas devido à campanha agrícola que se avizinha.

Nampula

O @Verdade constatou que as escolas de Nam-

pula matriculam, em média, 15 crianças por dia, contra a meta diária de mais de 50 previstas. Por exemplo, nas escolas primárias de Namicopo-Sede, Napipine, Serra da Mesa, Carrupeia, 25 de Junho e Cerâmica, as secretarias e salas improvisadas para as inscrições estão às moscas.

O chefe do sector pedagógico nos Serviços da Educação, Juventude e Tecnologias na cidade de Nampula, Belarmino de Sousa, reconheceu que se regista um fraca afluência dos pais. Entre 01 e 09 de Outubro, apenas 3.466 crianças foram inscritas em todas as escolas da “capital do norte”. A meta é matricular 23.106 alunos para o próximo ano lectivo.

Gúruè

No distrito de Gúruè, província da Zambézia, o processo regista também fraca afluência. Por dia, as escolas matriculam, em média, 12 alunos, um número muito inferior ao estabelecido pelos Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologia.

Quelimane

Os Serviços da Educação, Juventude e Tecnologias em Quelimane estão preocupados com a fraca afluência dos pais e encarregados de educação às matrículas. Neste momento, apenas 300 alunos foram inscritos em 26 escolas da 1ª classe existentes nesta região do país.

O director daquele sector, Armindo Primeiro, disse que a situação se deve ao facto de muitos progenitores não estarem informados sobre o processo, pois cingiam-se ao antigo calendário escolar.

Para inverter o problema, o dirigente indicou que decorre um trabalho de sensibilização das comunidades para que estas mobilizem os pais e encarregados de educação a fim de que inscrevam os petizes em idade escolar. A cidade de Quelimane prevê matricular 6.500 crianças da 1ª classe até Dezembro próximo.

Previsão do Tempo
Sexta-feira 18 de Outubro
Zona NORTE
Céu geralmente pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas ou aguaceiros acompanhados de trovoadas. Vento de sul a sueste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado a limpo. Vento de sueste a leste fraco a moderado, soprando por vezes com rajadas.
Zona SUL
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste a fraco a moderado.

Sábado 19 de Outubro
Zona NORTE
Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Vento de sul a sueste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado a limpo. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sul a sueste a fraco a moderado.

Domingo 20 de Outubro
Zona NORTE
Céu pouco nublado a limpo. Vento de sul a sueste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu geralmente pouco nublado. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o

XICONHOCA,



Envie-nos um

SMS para

90440

E-Mail para

averdademz@gmail.com

ou escreva no

Mural do Povo

FALE

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

8h 36m, 30440

WhatsApp: 84 399 6634

@JornalVerdade

14 Email: averdademz@gmail.com

17 @Verdade Online: www.verdade.co.mz

48 Crie mais perguntas não é a gente que responde, respondas com fotos, com documentos, com voz com vídeo. Crie mais perguntas é o cidadão da zona. 39

— Martin Luther King



© Jornal mais lido em Moçambique

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos funcionários e estudantes da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane (ESHTI). Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor uma inquietação relacionada com algumas anomalias que acontecem na nossa instituição, tais como arrogância e abuso de poder protagonizados pela directora Joaquina Pascoal.

Em 2012, a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane apareceu nos jornais pelo facto de servir alimentação deteriorada aos seus estudantes. Este ano, o mesmo estabelecimento de ensino volta a ser notícia por nos fazer conhecer a realidade – arrogante – da direcção que possui. Os dirigentes da instituição não sabem pedir desculpas pelo acto anterior como se algo normal tivesse acontecido.

No presente ano, a direcção da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane prometeu aos funcionários um momento de confraternização pela passagem do 01 de Maio último. Para tal, os funcionários deviam participar com 150 meticais cada. Este valor foi disponibilizado por mais de 97 por cento deles. Entretanto, de lá para cá nem água vai nem água vem. A mesma direcção tem convocado reuniões para injuriar os seus colaboradores.

Achamos que a confraternização haveria de acontecer em simultâneo com a comemoração dos 10 anos da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane. Todavia, a direcção distribuiu convites a alguns funcionários, numa clara evidência de exclusão de outros. Sugerimos que nos devolvam os valores, pois em Moçambique a burla é crime.

Dentro desta instituição há dirigentes que espeznham os seus subordinados. Estes, mesmo em caso de morte, são destratados. Uma funcionária desta escola (que Deus a tenha) perdeu a vida e foi doloroso o facto de nem sequer um membro da direcção se ter feito presente no dia do enterro, mas a mesma colaboradora é que assegurava a limpeza dos gabinetes dos chefes.

Resposta

Sobre este assunto, o @Verdade contactou a directora da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, Joaquina Pascoal. Esta disse-nos somente o seguinte: “Es-

Em caso de perda de algum ente querido, o subsídio de funeral sai volvidos dois meses ou mais. É necessário rogar para tê-lo. Mas porquê isso? Para certos colegas, o valor é disponibilizado na devida altura, até com direito a transporte e alguns géneros alimentares. Há um ambiente de filhos e enteados na mesma instituição.

A direcção da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane aplica métodos arcaicos para dirigir, isto é, dividir para reinar. Há filhos e enteados nesta escola, mas sendo todos funcionários do Estado; alguns até são coagidos a assinar contratos de formação para prosseguir os estudos ou fazer algum curso com direito a subsídios mas outros não. Este esquema vem lesando o Estado. E há pessoas que vão à formação superior sem nenhum desconto quando são contratadas. Outros colaboradores não são admitidos no Aparelho do Estado, apesar de estarem nos seus sectores de actividade há bastante tempo e as vagas a que têm direito são reservadas a um grupo de pessoas.

Em 2012, a Universidade Eduardo Mondlane ofereceu cabazes aos seus funcionários, mas nesta escola alguns funcionários não receberam nada. Serão ordens do Magnífico Reitor? Não quero acreditar que seja isso, mas sim uma obra de má-fé de algumas dirigentes. Mas esta é uma prática habitual do nosso Governo que promete uma cesta básica aos seus funcionários mas depois não dá nada...

Há uma pessoa que estudou na República da África do Sul e a sua formação foi totalmente custeada pela Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane. Porém, o visado não é funcionário da mesma instituição. E agora é funcionária da Universidade Eduardo Mondlane, em Chibuto.

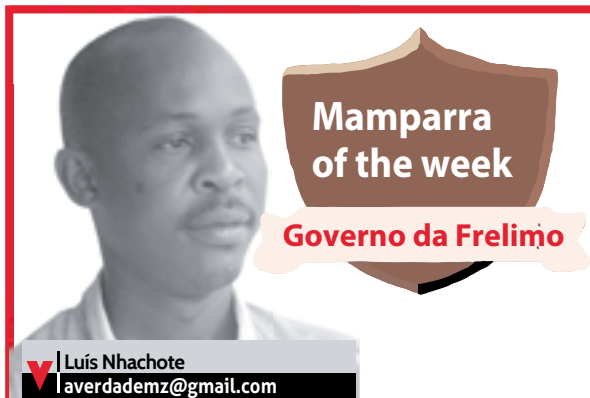
Pede-se a quem de direito, em particular ao Magnífico Reitor da Universidade Eduardo Mondlane, para que leve a sério as questões que apresentamos.

tou com a minha consciência tranquila. Não vou responder a essas acusações. Eles querem derrubar-me, mas eu tenho os meus princípios. Fui educada pela Igreja”.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para o número 90440. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.



Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O mamparra desta semana é o Governo do partido Frelimo que, sem espanto, acaba de submeter uma proposta de lei para garantir a reforma do Presidente Armando Guebuza – e do ex-Presidente Joaquim Chissano – e a mesma já está depositada na Assembleia da República.

Para a situação socioeconómica do país, tais reformas, como disseu de conta o Canal de Moçambique desta quarta-feira, afiguram-se um insulto.

Quando é que estes senhores vão começar a pagar as suas contas com o dinheiro que ganharam ao serviço do Estado? Direito a salários astronómicos, viagens pagas e, leia-se, uma vez por ano para qualquer parte do mundo!!!!

Este mesmo Governo, que parece estar totalmente tonto e sem ideias, que anda de contradições em contradições, andou aí nuns secretismos que acabaram por saltar cá para fora com a informação do negócios de barcos lá na França!!

Quando os médicos convocaram as suas duas greves, vimos este mesmo Governo, na voz do seu mais alto mandatário, dizer que o país era pobre e não tinha recursos. Que pobreza é esta que é perpetuada para os pobres do costume?

Sabe-se, porque já foi publicamente denunciado com factos e datas, de algumas práticas de alguns membros deste Governo que sobe ao pódio esta semana, incluindo o próprio Armando Guebuza, que, através de empresas por si participadas, intermedeiam negócios do Estado, e as empresas de que são sócios vendem serviços a instituições públicas.

Foi assim com a Tata Group, que é sócia de Armando Guebuza e Fernando Sumbana na Tata Moçambique, agência que vendeu 150 autocarros à empresa de Transportes Públicos de Maputo (TPM) sem nenhum concurso público.

Será que o que eles encaixaram nesse negócio não os permitirá pagar as suas contas? Vamos lá ser mais sérios!!!

Este Governo tem de ser mais criativo nas suas propostas de lei.

A Frelimo está cada vez mais caótica. Parece ter assinado um pacto com o diabo.

Que raio de brincadeira é esta afinal?

É que alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

© Jornal mais lido em Moçambique.

Democracia

Camponeses exigem políticas claras de desenvolvimento da agricultura familiar

Num país onde a maioria da população depende da agricultura, o Chefe de Estado e o seu ministro da Agricultura, que depois de apregoarem a revolução que ainda não ficou verde e numa altura em que se preparam para vender as terras aráveis moçambicanas a estrangeiros, gazetearam nesta terça-feira à Conferência Internacional sobre Terra e Semente que juntou, em Maputo, camponeses e camponesas de todas as províncias de Moçambique, membros da sociedade civil, convidados e parceiros de países como Angola, África do Sul, Zimbabwe, Brasil, Suécia e Suíça.

Texto: Alfredo Manjate • Foto: UNAC

O Presidente da República, Armando Guebuza, convidado a efectuar a abertura oficial da conferência internacional de dois dias, e o ministro da Agricultura, José Pacheco, que deveria apresentar o tema “Os Vectores de Política Agrária Moçambicana para o Desenvolvimento da Agricultura Camponesa” e áreas afins, não se dignaram a comparecer.

O director nacional da Economia Agrária, Raimundo Matule, foi o mais alto representante do Governo moçambicano a comparecer à Conferência, que entretanto abandonou.

Aquele quadro do Ministério da Agricultura, depois de proceder à apresentação do assunto que o levou ao encontro, nem sequer permaneceu para o debate, no qual deveria responder a algumas inquietações dos camponeses, alegadamente por motivos de agenda.

Terra e Semente

Cerca de 80 por cento da população moçambicana vivem basicamente da agricultura, mas, apesar disso, e volvidas mais de três décadas de independência, o país não conhece nenhuma política claramente virada para o apoio à agricultura familiar, que é a que absorve a maior parte do universo de produtores. Esta situação é vista como uma das maiores causas da fragilidade do sector agrário no país.

Para além desta situação, a entrada massiva, nos últimos anos, de investimento directo estrangeiro (IDE) para financiar este sector e outros, principalmente nas zonas rurais, está a levantar uma frenética onda de preocupação por parte dos camponeses, que afirmam nunca antes na história terem sentido tão distante o seu sonho de alcançar a soberania alimentar.

É que o facto de Moçambique ter das mais “perfeitas” leis da terra a nível da região Austral da África não está ser capaz de evitar a emergência de conflitos de terra entre os camponeses e os investidores. Estes últimos, muitas vezes, agem a coberto do Governo ou das elites políticas nacionais directamente ligadas a ele, desde a nível central até a mais recôndita localidade.

No entanto, com o objectivo de discutir essa matéria, pouco mais de duas centenas de camponeses, líderes das associações agrícolas nacionais e estrangeiros estiveram reunidos durante dois dias, em Maputo, para reflectir sobre o assunto.

O Governo moçambicano tem como seu principal objectivo, no sector agrário, a transformação da agricultura de subsistência em comercial, o que, segundo afirma, será acompanhado pela transfiguração dos pequenos produtores em agricultores comerciais. Este artificioso desejo é visto pelos principais intervenientes nessa matéria, desde camponeses até aos académicos, como sendo impossível. Estes dois últimos não só reprovam a ideia como também argumentam que o agro-negócio não é o caminho mais viável para se alcançar o tão desejado desenvolvimento.

Camponeses vs investidores

A relação entre os pequenos agricultores moçambicanos, comunidades rurais e os investidores estrangeiros tem sido caracterizada pelo surgimento de focos de conflitos de terras resultantes da falta de transparência na atribuição de espaço a estes últimos e a sua consequente usurpação. Sobre estas matérias o Governo, a vários níveis, já apareceu em público a recusar tal fenómeno, não obstante a continuidade das denúncias.



No encontro internacional dos camponeses, o produtor agrário, Calisto Paulo, do Núcleo de Nacala, em conversa com a @Verdade, explicou que no norte do país a usurpação de terras está a tomar contornos assustadores, pois os investidores estrangeiros que, a convite do Governo, entram em Moçambique prometendo emprego, melhoria das condições de vida e o alcance do desenvolvimento, nada mais fazem que ocupar várias extensões de terra dos nativos em processos pouco claros que muitas vezes têm a cobertura dos governos locais.

“Os empregos que nos dão só duram três meses, depois disso não precisam mais de nós porque já produzimos para eles, mandam-nos passear e não nos chamam na hora da colheita”, denunciou, em jeito de desabafo.

Por causa dessa situação calamitosa em que se encontram muitos camponeses, estes questionam se o Governo teria algum projecto que os pudesse realmente beneficiar. “A Revolução Verde declinou. Mandaram-nos produzir jatrofa, fizemo-lo, mas agora estamos sem mercado para colocar esse produto, agora temos o ProSavana que parece ser o maior de todos esses programas, mas tememos as suas consequências”.

Por sua vez, Ana Siteo asseverou que na zona sul os problemas são similares. Em Hoimoine, por exemplo, na província de Inhambene, as pessoas estão a ser retiradas das suas terras e não há nenhuma explicação clara do que está para acontecer. A confirmar o fenómeno, Rebeca Mabui, também camponesa, acrescenta que “os camponeses são os primeiros guardiões da terra, mas agora, com o apadrinhamento do Governo, essa terra está a ser-nos retirada por estrangeiros. Os turistas chegam ao ponto de nos impedir de ter acesso aos rios”.

Em Manica, nos distritos de Barué, Sussundenga e Tambara os camponeses estão a ser retirados das suas zonas de origem. Em Sofala há focos de conflitos de terra no distrito de Chamba, denunciou Domingos Buramo.

Muitos agricultores ergueram as suas vozes a reclamar quanto às sementes melhoradas fornecidas pelo Ministério de Agricultura (MINAG) considerando que estas não germinam e são de difícil conservação. Entretanto, o Executivo diz tratar-se de situações isoladas e defende que há casos de sucesso. “E para verificar isso, basta olhar para a produção do tomate”.

Os investidores só estão preocupados com o lucro

Para o académico moçambicano, João Mosca, os principais desafios dos camponeses são o combate à pobreza, o alcance da segurança alimentar e a melhoria da qualidade de vida. Entretanto, tudo depende de outros factores que não são disponibilizados aos camponeses, que são os meios para a execução da sua actividade agrícola.

A entrada desenfreada do capital estrangeiro na área de agricultura comercial poderá agravar essa situação. Esse capital poderá, segundo alerta o estudioso, diminuir ou aumentar a produtividade dos pequenos produtores.

Entretanto, de uma coisa Mosca não tem dúvida: esse mesmo capital só poderá beneficiar uma minoria do universo de camponeses, sendo que a maioria apenas irá sofrer as consequências negativas, facto que irá originar grandes transformações sociais no meio rural e, muito provavelmente, conflitos neste espaço.

O académico desaprova também a pretensão do Governo de transformar os camponeses em produtores comerciais. O objectivo central do plano de desenvolvimento agrário prevê a transformação da agricultura de subsistência numa produção agrícola orientada para o mercado. Contudo, Mosca afirma não que é possível transformar 80 por cento de camponeses que praticam a agricultura de subsistência em produtores comerciais.

Na sua intervenção, João Mosca chamou a atenção para o facto de os investidores estrangeiros que muitas vezes entram no país prometendo desenvolvimento não estarem preocupados com a situação do camponês, mas sim com o lucro.

Desta feita, diz Mosca, o camponês não deve nem pode travar essa luta sozinho porque não é capaz de fazer face ao capital mineiro ou outros investimentos na zona rural se não estiver associado. “Vai haver muita confrontação no meio rural, com a entrada desse capital e o camponês tem de estar preparado em associações fortes para fazer frente a essa nova realidade que se avizinha”.

Outro aspecto que mereceu atenção por parte de Mosca está relacionado com a política de financiamento dos camponeses. Segundo indicações do director nacional da Economia Agrária, Raimundo Matule, o país possui vários mecanismos de financiamento, nomeadamente o Fundo de Desenvolvimento Distrital, vulgo sete milhões, Linha GAPI, instituições de microcrédito rurais, entre outros programas específicos de organizações da sociedade civil.

Porém, o pelouro da Agricultura tem também os seus mecanismos, através do Fundo de Desenvolvimento Agrário (FDA), nomeadamente os créditos Agrário, Pecuário e Florestal. Segundo o quadro do Ministério da Agricultura, de 2012 a esta parte já foram beneficiados camponeses em cerca de 407 milhões de meticais.

No entanto, para João Mosca, faz pouco sentido que o Governo esteja a gabar-se por considerar que há diversos meios de financiamento de camponeses pois menos de dois por cento destes é que recorrer a eles, para além de que o microcrédito, também içado pelo Governo como estando a trazer grandes benefícios, “pratica juros altíssimos, mais que os próprios bancos”, o que só retrai os potenciais beneficiários.

Para Mosca, o capital externo tem como aliados as elites no poder em Moçambique que se encontram no sector público.

Essa aliança é extensiva aos poderes locais, o que coloca o camponês em desvantagem em relação aos investidores no acesso à terra, que, curiosamente, lhes pertence. Mosca diz ainda que a forma como é feita a alocação dos sete milhões é uma clara demonstração de complô entre o poder rural e central, uma forma encontrada por este último de estender a sua influência àquele nível.

“A luta dos camponeses pela terra deve trazer um desenvolvimento economicamente equitativo, socialmente justo, culturalmente ajustado e sustentável na exploração dos recursos naturais, pois isso irá trazer a soberania alimentar”, defendeu o académico.

“O Governo deve definir áreas prioritárias de investigação agrária”, Adelino Rafael

O também académico Adelino Rafael, convidado a intervir acerca do papel das universidades no desenvolvimento agrário, explicou que, antes de mais, é importante que o Estado defina claramente as áreas prioritárias neste sector que poderão orientar as investigações. “O Estado não esclareceu as áreas prioritárias para a investigação no país e por isso são ainda poucas as academias de referência na área de desenvolvimento agrário em Moçambique”.

Outro constrangimento é relativo ao financiamento das pesquisas. Segundo explicou, grande parte do investimento destinado às pesquisas provém de empresas estrangeiras, o que faz com que as investigações sejam feitas em função do interesse destas entidades.

Democracia

Não faz sentido que com quase quatro décadas de independência o país não tenha uma política de apoio à agricultora familiar tendo em conta que 80 por cento vivem desta actividade. “O Governo negligenciou a academia e não sabemos qual é a fonte de produção de políticas públicas”, afirmou, concluindo que há necessidade de haver uma orientação estratégica de prioridade de formação e investigação que possa orientar o Governo e a sociedade na definição das políticas públicas.

O agro-negócio não é solução

O Governo ainda não está a ser capaz de demonstrar e convencer os diferentes quadantes da sociedade das vantagens do seu plano sobre o agro-negócio e as críticas às suas pretensões vêm de todos os lados.

Os representantes de Angola, Brasil e Zâmbia sustentam que o Governo moçambicano devia repensar no modelo que pretende implementar porque o agro-negócio não é solução para o subdesenvolvimento. “Se fores ao Brasil ou aos países da Europa a maior parte das culturas alimentares é asseguradas pelo agricultores familiares”, argumentou o presidente do conselho directivo da Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente (ADRA) de Angola, Guilherme Santos, em conversa com o @Verdade.

Este defende que os países não devem prescindir da agricultura empresarial, mas devem ter em conta que a base de produção de alimentos é a familiar e ao apostar-se neste tipo estar-se-ia a evitar que milhões de pessoas fiquem no desemprego. A mesma posição é defendida pelo representante brasileiro Augusto Juncal.

Santos defende ainda que há necessidade de se ter em conta a dimensão social e cultural, ao pensar-se no agro-negócio. “O que está a acontecer em Moçambique é que por acusa dos rumos dos acontecimentos há aqui uma consciência emergente na temática da terra em que a regra é ganhar dinheiro sem se olhar para a dimensão social ou cultural”.

Por sua vez, Juncal entende que Moçambique está em larga vantagem em relação ao Brasil no tocante aos assuntos ligados à terra. “Moçambique tem uma lei que diz que a terra é do Estado, está na Constituição, e no Brasil ela é propriedade privada. Portanto, se nasceres pobre no Brasil o risco de seres um sem terra é enorme”, explica, e acrescenta que “mesmo assim, a nossa luta é permanente porque existe na Constituição uma pequena linha que nos defende. Nós pegamos nessa linha e usámo-la como arma contra o opressor, que é o Estado e os senhores da terra”.

“A luta pela terra deve ser permanente porque se vocês param, os empresários avançam. Moçambique tem a possibilidade de olhar para a realidade do Brasil e dizer ‘isto não quero’. Devem organizar-se para que aquelas situações não aconteçam, porque é difícil reconquistar a terra depois de perdê-la”.

Homens armados atacam Forças de Defesa e Segurança em Samacueza

Homens armados supostamente pertencentes à Renamo atacaram na madrugada do último sábado o posto das Forças de Defesa e Segurança, localizado na estação ferroviária de Samacueza, distrito de Muanza, na província de Sofala, havendo indicações de que o confronto resultou na morte de mais de 10 elementos de ambas as partes. O Executivo já veio a público atribuir a autoria da investida à “Perdiz”, mas esta distancia-se e o seu líder promete não fazer a guerra, porém, assegura que vai responder a qualquer “provocação”.

Texto: Redacção

Segundo fontes não oficiais, o ataque surge em resposta ao assassinado de um ex-guerrilheiro, de nome Oliveira Magazanhica, que prestava trabalhos no quartel-general da Renamo, localizado em Santhujira. Magazanhica foi executado depois de ter sido torturado e mantido em cativeiro entre os dias 25 e 27 de Setembro em Nhamatanda, onde tinha ido visitar a família.

O acto foi denunciado pela “Perdiz”, que acusa a PRM de estar a perseguir e a assassinar os seus membros em conluio com os secretários dos bairros e com a Polícia Comunitária, que vão de casa em casa à “caça” dos desmobilizados.

Entretanto, este ataque acontece dias depois de a Renamo ter revelado que se confrontou com as Forças de Defesa e Segurança em pleno Dia da Paz, que se assinalou no dia 4 de Outubro, entre os distritos de Dondo e Nhamatanda, em Sofala, e, tal como das outras vezes, não revelou o número de mortos, tendo deixado tal “tarefa” para o Governo.

Governo responsabiliza a Renamo

O Governo, na voz do ministro da Defesa, Filipe Nyussi, afirma categoricamente que o mesmo é “obra” da Renamo, o que justifica a presença das Forças Armadas de Defesa de Moçambique em todos os cantos do país,

pois só assim “elas podem vasculhar aqueles que, por via do diálogo ou usando mecanismos democraticamente estabelecidos, não pretendem resolver as diferenças que possam existir”.

Para Nyussi, estes ataques visam fragilizar as Forças de Defesa e Segurança do país, daí que os seus protagonistas devem ser procurados, encontrados e responsabilizados, e garante que não houve vítimas mortais da parte das forças governamentais.

Renamo distancia-se do ataque

Entretanto, a Renamo não assume a autoria do ataque alegadamente porque não é postura dos seus homens protagonizar tais actos. Segundo Fernando Mazanga, porta-voz do partido, “os nossos homens só reagem a provocações”.

Mazanga foi secundado pelo líder do partido, Afonso Dhlakama, que reafirmou que não pretende fazer outra guerra e que, por mais que o quisesse, não o anunciaria pois “a guerra não se avisa”. “O que o meu partido quer todos sabem, e não é a guerra. Agora, o que nós estamos a dizer é que se alguém vier provocar-nos, nós vamos responder para não apanharmos tiros”.

Apesar desta promessa, o presidente da Renamo diz que os seus homens continuarão a reagir sempre que forem atacados. “Se a Frelimo continuar a atacar-nos, não restam dúvidas de que podemos aceitar um sacrifício mais longo que o dos 16 anos”.

Dhlakama anuncia novas condições para encontro com Guebuza

Dhlakama, que falava em Santhunjira após um encontro com a delegação do Observatório Eleitoral, aproveitou a ocasião para impor novas condições para se encontrar com o Presidente da República, Armando Guebuza.

Diz ele que o frente a frente deve acontecer a 20 quilómetros de Santhunjira ou, caso contrário, que sejam retiradas as Forças de Defesa governamentais que “povoam” o distrito de Gorongosa para que ele possa deslocar-se a Maputo. “Retirem as forças e assim posso ir mais longe, incluindo Maputo e Beira. Tem que ser aqui perto para quando os seus homens (de Guebuza) começarem a disparar eu poder correr e voltar, o que não posso conseguir fazer se eu estiver em Maputo”.

Refira-se que o Presidente da República, Armando Guebuza, escalará nos próximos dias a província de Sofala, onde fará a Presidência Aberta, porém, o seu porta-voz, Edson Macuâcua, já veio a público anunciar que não está agendado nenhum encontro com o líder da “Perdiz”.

Ausência de facilitadores dita interrupção do diálogo

Em relação ao diálogo que o Governo e a Renamo vêm mantendo há mais de três meses, o mesmo conheceu um novo capítulo na 24ª ronda, havida na segunda-feira, com a “Perdiz” a recusar-se a continuar a manter os encontros sem a presença de facilitadores nacionais e observadores internacionais.

As duas delegações chegaram mesmo a entrar na sala e permaneceram cerca de 30 minutos, mas não avançaram com o debate, pois a equipa de Afonso Dhlakama, tal como tinha prometido na ronda anterior, exigiu a presença de facilitadores e observadores para iniciar o trabalho. Entretanto, o Governo não só recusou como também acusou o seu interlocutor de abandonar o encontro.

“Ficámos cerca de 30 minutos a insistirmos sobre a presença de facilitadores e observadores; não tendo havido avanços nessa matéria a sessão ficou interrompida. (...) A Renamo está na sua total disponibilidade de continuar a dialogar para que haja um resultado positivo, mas para o efeito torna-se indispensável a presença de facilitadores nacionais na mesa de negociação”, disse o líder da delegação da Renamo, Saimone Macuiane.

A Renamo recordou que o impasse na discussão da legislação eleitoral é que está na origem da crise política que se vive no país. “A solução da crise política eleitoral será importante para a paz, democracia e estabilidade do país,” disse Macuiane.

Governo mantém-se inflexível

Entretanto, o Governo manteve-se (e diz que continuará) inflexível quanto à presença de facilitadores e observadores no diálogo com a Renamo, por entender que estes ainda não são necessários.

“Em sede de diálogo entre o Governo e a Renamo não vemos a pertinência de intervenção de terceiros”, sublinhou Pacheco, acrescentando que a Renamo pode, querendo, fazer-se assessorar por pessoas singulares ou colectivas.

Pacheco disse ainda ter esclarecido, por insistência da equipa da Renamo, que entre esta e o Governo não haverá nenhum acordo político, pois, segundo argumentou “acordo político é feito entre partidos políticos”.

Publicidade

UMA GOTA AJUDA A CUIDAR.

Seja revendedor Certeza e ajude as nossas famílias a purificar a água de beber e de lavar os alimentos, protegendo-se de várias doenças tais como a cólera e diarreias.

Para ser revendedor Certeza, ligue grátis 82939.

Preço recomendado: 12 meticais.



CERTEZA. A GOTA QUE CUIDA.

Democracia

Sequestros: penas pesadas só com a aprovação da proposta de revisão do Código Penal

O vazio legal existente e a aplicação de penas leves na questão dos raptos e sequestros, um fenómeno que tem vindo a tomar contornos alarmantes no país, poderá continuar por mais tempo caso a Assembleia da República não aprove a Proposta de Revisão do Código Penal ainda nesta VIII Sessão Ordinária, que iniciou na última segunda-feira.

Texto: **Victor Bulande**

É que muitos círculos de opinião têm afirmado que o aumento de casos de raptos e sequestros se deve à fraca actuação da Polícia da República de Moçambique, à qual acusam de só reagir, e à falta de uma legislação específica sobre a matéria.

A questão é tão preocupante que até o Procurador-Geral da República, Augusto Paulino, recomendou a revisão dos actuais (pois prevêem penalizações que não se enquadram com os moldes em que os sequestros são feitos) e a concepção de novos instrumentos legais.

Parlamento “trava” Código Penal desde 2011

Embora a sua aprovação não vá significar taxativa e automaticamente o fim do fenómeno, o Projecto de Revisão do Código Penal, que está na Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Legalidade, liderada por Teodoro Waty, aborda (de forma paliativa) esta questão e prevê as respectivas sanções.

Porém, o mais alto órgão legislativo do país tem preterido o debate deste instrumento legal desde 2011, alegadamente devido à escassez de tempo e à sua complexidade e extensão. Invocou-se ainda a necessidade da realização de consultas públicas, o que já foi feito.

Entretanto, espera-se que a discussão do Projecto de Revisão do Código Penal venha a acontecer até 20 de Dezembro, data prevista para o término dos trabalhos da VIII Sessão, uma vez que o mesmo faz parte dos 30 pontos da agenda, embora não seja a primeira vez que tal ocorre.

Penas previstas

No seu Artigo 349º do Capítulo I, relativo a crimes contra a liberdade das pessoas, o Projecto de Revisão do Código Penal determina que “aquele que, por meio de violência, ameaça ou qualquer fraude, raptar uma pessoa, deslocando-a do seu meio normal com o fim de submeter a vítima à extorsão, obter resgate ou recompensa ou constranger autoridade pública, a uma acção ou omissão, será punido com pena de prisão maior de dois a oito anos”.

Já no Artigo 350º, referente ao cárcere privado, o PRCP prevê que todo o indivíduo que fizer cárcere privado, retendo, por si ou por outrem, até doze horas, alguém como preso em alguma casa (...) ainda que não se verifique qualquer meio que o prenda será condenado com a prisão de um mês a um ano.

Se a retenção durar mais de 24 horas, será condenado o criminoso a prisão de três meses a dois anos. Porém, se durar mais de vinte dias a pena a aplicar será de prisão maior de dois a oito anos.

Rapto de menores

Os dois últimos sequestros que aconteceram na cidade de Maputo, capital do país, tiveram como alvo duas crianças, ambas de nove anos de idade. Uma é filha do antigo director-geral da Ernest & Young, uma empresa de consultoria e auditoria, e a outra de um empresário e funcionário sénior da Petromoc.

O Projecto de Revisão do Código Penal, ora engavetado no Parlamento e cuja aprovação (célere) depende única e exclusivamente dos 250 deputados, é duro quando se trata de rapto de menores.



Por exemplo, aquele que raptar, ocultar ou fazer ocultar, trocar ou fazer troca por outro, ou descaminhar ou fazer descaminhar um menor de sete anos, o Artigo 364º prevê uma pena de prisão maior de dezasseis a vinte anos. Se for maior de sete anos e menor de dezoito, a pena prevista é de prisão maior de dois a oito anos.

Igualmente, será condenado a pena de prisão maior de dois a oito anos aquele que por violência ou fraude tirar ou levar um menor de sete anos da casa ou lugar em que, com a autorização de pessoas encarregadas da sua guarda, ele se encontrar.

Mais: aquele que não mostrar onde se encontra o menor será condenado a pena de prisão maior de dezasseis a vinte anos.

Penas para quem não “colaborar”

Uma das questões de se tem queixado a Polícia da República de Moçambique tem a ver com o facto de, em alguns casos, ao familiares das vítimas não colaborarem. Ou seja, por vezes, e principalmente depois de serem contactados pelos criminosos, eles não participam a ocorrência às autoridades.

Se o fazem, é apenas para cumprir uma formalidade pois negociam e pagam o valor do resgate à revelia da Polícia em cumprimento das exigências dos sequestradores e como forma de salvaguardar a integridade física do seu parente.

Se o sequestrado for um menor, a pessoa que assim proceder, ou seja, o encarregado que não o apresentar aos que têm direito de o reclamar, nem justificar o seu desaparecimento, será condenado a prisão maior de dois a oito anos.

O rapto como crime contra a segurança do Estado

Recentemente, um grupo de homens armados pertencentes à organização terrorista islâmica Al-Shabab invadiu um centro comercial na cidade de Nairobi, capital do Quênia, e manteve reféns as pessoas que lá estavam.

Por isso, o caso deixou de constituir apenas preocupação dos familiares, e passou a ser tratado como assunto ligado à segurança de Estado. Aliás, havia de o ser por mais que o ataque não tivesse sido protagonizado por homens armados.

Este tipo de crime está previsto no projecto, que no seu Artigo 177º, no Capítulo III (crimes contra a segurança interior do Estado), pune com pena de dois a oito anos de prisão maior e multa até um ano a quem raptar ou mantiver como refém uma ou várias pessoas com a intenção de obrigar o Estado a realizar qualquer acção ou omissão.

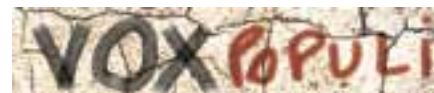
Dados de 2013

De Janeiro a esta parte, foram raptadas em todo o país 19 pessoas e, segundo o porta-voz da Polícia da República de Moçambique, Pedro Cossa, destes 15 foram esclarecidos, tendo sido encaminhados os respectivos casos à Justiça.

Em conexão com estes actos, foram detidos 22 indivíduos, dos quais cinco foram soltos pelo tribunal por insuficiência de provas do seu envolvimento e os restantes estão em julgamento.

Iniciados em meados de 2011, os sequestros tinham como vítimas preferenciais cidadãos de origem asiática nas cidades de Maputo, Matola, Beira e Nampula, porém, alastram-se agora a outros estratos da sociedade ante a inoperância das autoridades policiais, que vêem alguns dos seus membros acusados de participação nos crimes, e a impotência dos tribunais que, no Código Penal vigente, não encontram penas que sejam dissuasoras destes crimes.

Aliás, é de lembrar que a Polícia nunca efectuou uma operação de resgate. As vítimas regressam ao convívio familiar porque os seus parentes efectuaram pagamentos aos sequestradores.



Opiniões sobre o fenómeno

“Trata-se de um crime transfronteiriço”, PGR

Para além de reclamar da falta de uma legislação específica sobre os sequestros, o Procurador-Geral da República, Augusto Paulino, chegou a dizer que este tipo de crime era cometido por redes estrangeiras ou tem ligações com elas.

“Estas práticas criminais são perpetradas por grupos transnacionais de crime organizado, que representam uma verdadeira ameaça à paz, ao desenvolvimento e até à soberania do Estado”, referiu Paulino, para quem os sequestros assemelham-se ao narcotráfico, à corrupção, à fraude, ao contrabando, ao tráfico de armas, e a outros crimes cometidos por grupos transnacionais.

“Ajuste de contas ou luta pelo monopólio de negócios”, presidente da LDH

A opinião de Augusto Paulino é sustentada pela presidente da Liga dos Direitos Humanos, Alice Mabota, que considera que o fenómeno exige uma resposta urgente, sob pena de se hipotecar a existência do Estado moçambicano.

Numa entrevista concedida ao semanário Savana, em 2012, Mabota referiu-se a dois possíveis motivos que podem estar por detrás deste tipo de crime, nomeadamente a guerra pelo controlo do espaço em vários negócios onde as vítimas operam e o ajuste de contas. “Esta não é uma realidade nossa. O moçambicano bate, rouba mas não sequestra. Ou é ajuste de contas, ou então, são pessoas que estão a confrontar-se pelo controlo de certos negócios”.

Por outro lado, Mabota critica a actuação da Polícia, que tem a responsabilidade sobre a ordem e tranquilidade públicas, à qual acusa de inoperância.

“Raptos fazem parte do desenvolvimento”, ministro do Turismo

Por seu turno, quando indagado sobre se o fenómeno dos raptos poderia retrainir o investimento estrangeiro no país, o ministro do Turismo foi um tanto ou quanto infeliz, pois deu uma resposta inesperada. Considera ele que “os raptos fazem parte do desenvolvimento”.

Para justificar a sua tese, Muária diz que “há um trabalho que está a ser feito, mas o crime vai continuar pois onde há desenvolvimento, há crime”, esquecendo-se de que o desenvolvimento de que fala é ou devia ser acompanhado de investimento em meios humanos e materiais e melhoria das condições de trabalho e de salário de quem combate o crime: a Polícia.

“Em todo o mundo há crime, é por isso que em cada país há polícias e forças armadas exactamente para conter estas situações, existem países piores que Moçambique, onde a cada 30 minutos são assassinadas pessoas”, concluiu.

Constrangimentos marcam campanha de educação cívica

A campanha de educação cívica que desde o passado dia 21 do mês passado vem decorrendo em todo o país não está a fazer-se sentir em algumas das 53 autarquias que vão a escrutínio no próximo dia 20 de Novembro.

Texto: Redacção

Por detrás deste situação pode estar a deficiente organização, na distribuição do equipamento de trabalho aos agentes de educação cívica, pelo órgão que tutela essa matéria, o Secretariado Técnico da Administração Eleitoral, que, entretanto, garante que os constrangimentos foram ultrapassados.

Desde o início da campanha não tem sido fácil encontrar, dos 2050 agentes envolvidos na campanha, um grupo ou uma caravana dos agentes de Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE) a sensibilizarem as pessoas com vista a aderirem massivamente às assembleias de voto.

A situação, segundo constatou @Verdade, deve-se, em alguns casos, à chegada tardia do equipamento para a campanha.

Em Nampula, por exemplo, a directora provincial do STAE, Isabel Tirano, revelou que o material de campanha constituído por camisetas, disticos, cartazes e megafones só foi distribuído aos agentes essa semana.

Apesar disso, a directora acredita que as mesas de voto a serem instaladas nos municípios da província de Nampula vão registar um afluxo de eleitores, pois há um trabalho adicional de sensibilização que está a ser levado a cabo por personalidades influentes, dentre as quais líderes comunitários, religiosos e políticos, e outros intervenientes do processo.

Para além desta medida, a directora fez saber que foram adquiridas sete novas viaturas, sendo que os municípios da Ilha de Moçambique, Monapo e Ribauê vão beneficiar de duas viaturas cada, incluindo as que foram alocadas no período de recenseamento eleitoral.

“A campanha deve trazer resultados palpáveis por forma a reduzir os níveis de abstenção nas assembleias de voto, um fenómeno que tem caracterizado os processos eleitorais no país. Por isso, os agentes de educação cívica eleitoral têm a dura missão de passar de casa em casa para convencer os municípios a dirigirem-se às assembleias de voto de modo a escolherem os futuros dirigentes das suas autarquias”, sublinhou a fonte.

O município de Quelimane é outro no qual houve também registo de casos de atraso de chegada de material, pois durante as primeiras três semanas da campanha os agentes trabalhavam sem as camisetas amarelas que facilitam a sua identificação como pessoal de STAE.

Naquele município, os agentes informaram, inclusive, que em alguns casos foram confundidos com “bandidos” por não estarem identificados.

“Problema já foi ultrapassado”, Cláudio Langa

Entretanto, o director nacional para a área de Educação Cívica e Formação a nível do STAE, Cláudio Langa, garantiu em conversa com @Verdade que os problemas ligados ao material para a campanha foram ultrapassados. “A campanha de educação cívica está a decorrer normalmente”, disse, explicando que a fraca aparição dos agentes de sensibilização pode estar associada à forma como cada secretariado provincial organizou a campanha.

Langa disse que o trabalho dos agentes vai terminar no dia 4 de Novembro, que é para evitar que os agentes sejam confundidos com membros de partidos políticos. Assim, a campanha de sensibilização deverá continuar através do uso de meios de comunicação social e panfletos.

Num outro desenvolvimento, o director nacional de Educação Cívica e Formação informou que nesta semana iniciou a fase de formação de formadores que deverá estender-se até as vésperas das eleições com a capacitação dos membros das mesas de votos, num total de 25 mil.

Cegos e amblíopes são discriminados e confundidos com pedintes em Nampula

A Associação dos Cegos e Amblíopes de Moçambique (ACAMO), em Nampula, está preocupada com a alegada crescente discriminação a que são sujeitos os seus membros nas instituições públicas, privadas, estabelecimentos comerciais, dentre outros.

Texto & Foto: Redacção

A presidente da agremiação, Periha Amade, que falava na cidade de Nampula à margem das comemorações do Dia Mundial da Bengala Branca, apontou os sectores da Saúde e Educação como sendo os que mais casos de discriminação registam. “Ficamos horas parados na fila e sem a ajuda de ninguém, assim como o atendimento não tem sido com a atenção desejada, mas não temos alternativas”.

Outra inquietação apresentada tem a ver com o facto de alguns proprietários de supermercados e lojas da urbe dificultarem o acesso dos cegos e amblíopes àqueles estabelecimentos, alegadamente porque estes pretendem apenas pedir esmola ou porque não têm dinheiro para pagar as suas contas.

Após esta denúncia, o @Verdade, na companhia de membros da ACAMO, fez uma ronda por alguns locais visando apurar os factos. Durante a passeata, ao lado de Afonso Lima, de 55 anos de idade, natural de Alto Molocué, província da Zambézia e cego desde 2005 e do seu sobrinho Adolfo Vasco, de 17 anos de idade, que o tem acompanhado diariamente nos seus afazeres, foi fácil constatar a realidade descrita pela presidente da agremiação.

A primeira situação ocorreu quando pretendíamos entrar num transporte semiolectivo de passageiros, vulgo “chapa cem.” O cobrador mostrou, logo a priori, antipatia. Aliás, numa clara demonstração de impaciência, gritava e obrigava o nosso companheiro a entrar no carro com rapidez.

Já dentro do automóvel, Lima agastado e mostrando-se desconfortável, lamentou o facto de as viaturas, quer da edilidade, quer dos privados, não terem equipamento que possa facilitar o acesso por parte dos deficientes.

O destino era um estabelecimento comercial, por sinal um supermercado, pois era suposto possuir um pessoal preparado para atender indivíduos com necessidades especiais como deve ser. Porém, na loja da Shoprite, foi-nos provado o contrário.

Logo à entrada, uma agente de segurança fez um sinal ao seu colega que se encontrava mais adiante, que, logo a seguir, passou em frente do nosso guia para tentar impedir a entrada de Lima, o que não aconteceu.

Uma vez no interior da loja, Lima dirigiu-se à secção de venda e produção de pão, onde a pessoa que estava a atender nem sequer se dignou a atendê-lo, tendo-se limitado apenas a apontar para os pães e



a dizer o preço em voz alta, numa total indiferença para com o deficiente que se encontrava à sua frente. Aliás, quase que proibia o nosso guia de sair com os dois pães que o nosso entrevistado pretendia levar consigo.

Entretanto, depois de ter levado os pães, o nosso companheiro dirigiu-se a uma das caixas, tendo sido atendido por uma das funcionárias do supermercado, que mesmo vendo que estava a lidar com um cego pronunciou uma palavra que era para dar sinal de que estava ali. Esta só fixou o olhar para ele e para a sua bengala branca. Apenas uma colega é que se dispôs a abordá-lo de forma educada e simples.

Já fora da Shoprite, dirigimo-nos ao Hospital Central de Nampula (HCN), onde a confusão iniciou logo na parte exterior, quando Lima pretendia obter a ficha de aceitação. Ficou mais de 45 minutos à espera de ser atendido. Primeiro, a funcionária que estava em serviço dizia não ter troco de 20 meticais e, mesmo vendo que estava a lidar com um cego, gritou: “Vai lá procurar troco depois pode voltar”.

Entretanto, para solucionar-se a situação, uma outra senhora, por sinal de boa-fé, dispôs-se a ajudar a conseguir o troco exigido e, graças a essa acção, Lima conseguiu a aceitação. Já dentro e na sala de triagem de adultos, foi atendido cordialmente pelo técnico de medicina geral, de nome Paulo Gulane.

“Ele atendeu-me de boa maneira”, contou Lima, acrescentado em seguida que “não são todos os dias que os cegos têm um atendimento tal como o que tive hoje, pois recordo-me de que uma das vezes que fui ao HCN quase que chorei pois não havia alguém para me ajudar, visto que estava a ser acompanhado por alguém inexperiente”.

Depois do atendimento no HCN, dirigimo-nos à farmácia pública ins-

talada no interior da mesma unidade sanitária. Ali, a farmacêutica em serviço comportou-se de forma desumana, proferindo palavras injuriosas e, num tom de quem estava a sentir-se incomodada, disse: “Todo o doente que vai ao hospital deve saber que ‘x’ significa que o fármaco não existe”, vociferou.

O clima começou a ficar tenso; o deficiente pedia para saber qual era a situação da disponibilidade dos medicamentos prescritos pelo técnico de medicina, mas a resposta foi repetitiva: “Olha, todos os doentes, até os camponeses, sabem que o ‘x’ significa que não existe, e se o senhor quer complicar o problema é seu. O que importa é que pus esses ‘x’ na tua receita e você já devia saber”.

Depois de passar por toda aquela humilhação, Lima mostrava-se desolado, mas diz que está de cabeça erguida pois situações do género são comuns. “Pelo menos eu já estou habituado a estas situações, pois parece que as pessoas esqueceram-se de que deficiência é algo que ninguém quer, mas todos estão sujeitos a contrair”.

No entanto, o passeio não parou por ali; dirigimo-nos ao notário da cidade, onde ninguém lhe atendeu. As pessoas só olhavam para ele, o que também aconteceu em toda a extensão da avenida Avenida Paulo Samuel Kankomba.

Entretanto, para inverter este problema, a ACAMO está a trabalhar em parceria com a Direcção Provincial da Mulher e Acção Social (DPMAS) naquela província do norte do país na realização de palestras junto das instituições do Estado com vista a incutir nos funcionários atitudes positivas em relação aos cegos e amblíopes.

A ACAMO, fundada em 1995, é uma organização que trabalha com pessoas com deficiência visual e conta com 245 membros em Nampula.



Esteja sempre actualizado sobre actualidade política do país e no globo seguindo-nos no **twitter @democraciamz**

Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

14/10 às 5:28 ·

O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, reafirmou no último sábado, em Sofala, que não pretende fazer outra guerra e que por mais que o quisesse, não o anunciaria pois "a guerra não se avisa". Dhlakama fez estas afirmações poucas horas após mais um confronto armado envolvendo, alegadamente os seus homens e forças mistas do Governo no distrito de Muanza, na província central de Sofala.

<http://www.verdade.co.mz/destaques/democracia/408324>



Rody Chizenga Me parece k a imagem de Dhlakama por vezes é manipulada por alguns meios de comunicação. Não simpatizo com nenhum partido mas acho k, apesar de suas limitações e erros humanos, Dhlakama devia ser respeitado e não vexado por certa imprensa e televisão. Qualquer pessoa k se sintia humilhada pode ser uma bomba fatal. Haja paz em Moçambique!!! 12 · 14/10 às 5:41



Ernesto Albino Onealbryant É preciso que cada Moçambicano tenha sempre presente que a luta da Renamo trouxe a liberdade religiosa, liberdade de circulação, liberdade de imprensa e de criação jornalística, liberdade de pensar diferente em suma, as liberdades que hoje estão plasmadas na Constituição da Republica, são fruto da luta da Renamo. A economia do mercado que hoje cria empresários de sucessos, é fruto da Renamo, fruto do sonho desse grande homem que a terra engoliu com a sua queda a 17 de Outubro de 1979. O sangue do comandante André, fertilizou a democracia e hoje colhemos os frutos. · 14/10 às 5:57



Rody Chizenga Pra quem assiste notícias e comentários da tvn Dhlakama pode parecer um desequilibrado que gosta de armas, etc. Infelizmente! Ainda bem k nunca entrei no vicio por partidos. Me parece k Dhlakama vezes há em que reage às provocações de alguns k depois se fazem de inocentes... · 14/10 às 5:50



Valter Chiziane Por me djakama devia fazer guerra para Eu também poder desviar a madeira para china, e desviar milhoes do imposto do povo, porque vou dzer que tou a fazr isso porq foi a guerra cmo dzem ox nossox diregentex.2 · 14/10 às 9:01



Tome Messias Junior na verdad kualker partido polilitivo uxa o n0xo prexidente da dem0cracia cm0 uma imagem d piada nao com0 um presidente da oposicao2 · 14/10 às 5:52



Egidio Nhavene Ao meu ver, quem está interessado com a guerra não só é a RENAMO, como também alguns "tubarões" para tirarem cada vez mais proveitos, na pátria dos cegos. · 14/10 às 10:44 ·



Kaxtru Da Vinh Inrrima Isto è nosso, com ou sem a guerra, a paz intitulada 21 anos è d muitox exforços k nao dvia ser dexpejada por gananciosos... 14/10 às 6:29



Candido Blue ERNESTO, tas de parabens é esse tipo de jovem q o país precisa. Quem é inocente aqui? Aquele que compra avioes e navioes de guerra? Se esses militares fossem tao inocentes assim acredito q nao estariam apontando canhoes para casa dos outros. 14/10 às 5:37



Jorge Lêzany Mandlate Ele devia entrar em confro cm o #guebas nao cm inocentes.14/10 às 5:33



Rondão Cuacua Eu acho que,é necessário termos este homen, que fêz Mozambique hoje onde esta.Nós a maioria so falamos e comentar, as coisas sem realidades. Há menoria dos supostos que querem ordenar as riquezas do povo Mozambicano, aqui trata se da responsabilidades ,de desenvolvimento deste país que seja pra todos cidadãos. · 14/10 às 6:00



Jose Pombo Pombo A Guerra so traz retrocesso, derrame de sangue dos inocentes, multiplicidade da criminalidade,muitos oportunistas nacionais e internacionais levando o pais na decadencia.ja nao queremos guerra,favor optem pelo dialogo.14/10 às 10:50



Arlindo António Chiuiane Nhantumbo A falta de diálogo é a causa basica desta crise. Uma sociedade que regrediu nos direitos fundamentais.A exclusao tornou_se principio.Nenhuma legitimidade fundamenta o ostracismo.A historia nao se compadece com monopolios.A tensao social é critica. 14/10 às 9:36



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade



RT @DesportoMZ: #afrobasketwomen2013 resultado final #Moçambique 50 - 46 #Tunísia medalha de bronze para a nossa selecção



Rody Chizenga PARABÉNS MAMBINHAS! Esta é um das modalidades k nos dá orgulho de sermos moçambicanos. Espero k se invista nesta e noutras modalidades. Porque o investimento é o segredo do sucesso. É como plantar e regar sempre k assim se tem bom fruto... Viva Moçambiqueeeeeeeee!!! · 12/10 às 9:13



Norma Kelly Albasini Parabéns as meninas, mais uma medalha para casa... que esta seja a primeira de muitas... 12/10 às 12:03



Winha Meque Parabens meninas e aos treinadores! Valeu o esforço. · 12/10 às 10:48



Ricardo Ferreira Aos poucos e poucos vão chegar ao topo 12/10 às 9:51



Rody Chizenga E assim vamos subindo. Desta vez foi bronze, da próxima ultrapassaremos o terceiro lugar rumo ao ouro. De-vagar se vai longe... Pois é!? · 12/10 às 9:15



Kaxtru Da Vinh Inrrima O bronze nos pertence, o mundial è segundo plano. Força a nossa moçambicanidade.12/10 às 8:54



Edgar Frederico A medalha nao foi prata? finalists com Angola? 12/10 às 9:00



Dedé Machava Muito obrigado meninas, uma coisa é certa em Moz nao se pratica basket profissional, por isso os resultados que nós temos nao sao frutos de um basket competitivo, mas sim a qualidade e vontade que elas tem, dai nao podemos condenar, por isso digo OBRIGADO por tudo meninas 13/10 às 6:08



Enoque Macandza MALI MALI parabens meninas voces tambem foram mocambique esta semana 12/10 às 12:42



Jerry Buvana Parabens Miudas. Obrigado Lucilia Rodrigues Caetano, Trinita, Carlos Aik, Fatima Tomas e todos os que Sabem que merecem... Mocambique vos merece, o Moçambique Povao... 12/10 às 10:42



Nebern Nebern Parabens! Com mais trabalho elas se tornam meninas de Ouro! Tamos a conseguir bons resultados! 12/10 às 10:23



Albino Filipe Tivane Somox erois de africa em bola ao cesto 12/10 às 10:09



Raul Almeida esperemos que tenham o mesmo tratamento VIP que as samorianas e prémios encorajadores.12/10 às 9:25



José Francisco Narciso Estamos arrasando, que alegria me dá!!! Felicidades Meninas Moçambicanas com os vossos Técnicos a frente!!!12/10 às 9:20



Luis Mafumo No mundo da bola se exixte uma coisa em que Moz é bom essa coisa é basket... 12/10 às 9:04



Paulo Nhamazane As herdeiras..., as sucessoras, as nossas esperanças devem ser acompanhadas... 12/10 às 9:01



Enes Fabiao vale apenas, nao e como perder tdo. forca meninas e parabens.12/10 às 8:52



Samora Zefanias Massingue parabéns meninas moçambicanas força ai moz.12/10 às 8:51



Zimir Jovo parabens mambinhas. 12/10 às 9:31



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

11/10 às 7:04 ·

Presidente moçambicano, Armando Guebuza, considera injusta a actual actuação do Tribunal Penal Internacional (TPI), uma vez que, segundo disse, apenas julga os africanos.

<http://www.verdade.co.mz/destaques/democracia/407794>



Jose Ferreira da Silva Há vários europeus condenados ... Há que ler. · 11/10 às 8:29



Estevao Ndimande Mr. 5% vai chegar a sua vez, nao tenha medo · 11/10 às 7:21



Mirzo Pirá Fernandes Miquidade num ponto tem razao... porque nao Julgaram Bush? · 11/10 às 7:14



Ricardo Manuel Essa questão não 'e de hoje, há vários líderes europeus e americanos que deviam estar nesse tribunal, se os africanos são tiranos, corruptos e mais aprenderam dos europeus e americanos, isto se vocês tiverem estudado um bocado da historia na escolinha não estariam a falar coisas sem sentido, enfim não usem cidadão Guebuza, ele ta la para defender a opinião do seu povo seja ele tirano ou não. As vezes antes de dar opiniões 'e preciso analisar o contexto da noticia, não 'e isso Jordan e outros? · 11/10 às 8:20



Cremildo M. N. Nhanala Ya pexoal, o TPI xta coberto d razao pois derigentex Africanos pr epotentex,arogantex,curruptos,ladros,egoist as,vende patria,e muit,muit mais, é por ixo k somox uki somox. Uns e outros foram exemplarex. Forxa TPI continue punindo exes tiranos... · 11/10 às 7:37



Nordino Macamo xtou de acordo com Guebuza,o TPI é sô pra os africanos nunca ouvi q um um lider europeu americano e outros continents foram julgado,ex d tdo é ocso d J. Bush,oq ele fez com iraq · 11/10 às 7:33



Nicolau Ricardo Calei, se nao vao me xpul-sar do pais like diamantino miranda · 11/10 às 7:20



Peter-Van Viegas Pura mentira Guebas, cmo afirmas isso uma vez ñ foste intimado +vai a tempo porque eu gostaria de o ver no banco dos reus2 · 11/10 às 9:00



Enes Fabiao Ele ja mto medo pk a Tpi ja descobriu a malandrica dele. · 11/10 às 8:25



Jordan Augusto Squeia Kkkkkkkk papa guebaz, espero que te julguem para estabelecer a justica em moz... Ate nao volte mais mora ai mesmo... · 11/10 às 7:58



Nebern Nebern Mas que culpa tem o tribunal se os Africanos sao fantoches! O Guebuza so ta com medo, pois carrega tanta merda na sua sacola e sabe que cedo ou tarde vai chegar a sua vez! · 11/10 às 7:43



Valter Chiziane Senhor presidente ta com medo nê? Mx o que xperava mesmo, com atua governação xeia d corrupcao e o senhor é o grand, ñ ha cmo xcapar vaix ser julgado sim, · 11/10 às 7:33



Dercio Garreto Bule Concordo Sr Presidente o Bush onde anda mesmo! · 11/10 às 7:31



Horácio Costa Fernando Eh pra ele gueba e os seus amgos. Vcs se 1 dia ouvirem k o gueb foi notfcad pelo tpi, vao ficar triste?? Forxa TPI.. Pra mim sera uma fsta qase d anivirsario ou mais k ixo. · 11/10 às 11:12



Angela Maria Serras Pires Haha se nao e o TPI sera como o kadafi ou saddam, todo imundo e achincalhado e humilhado pelo seu povo na rua aos caídos...11/10 às 8:41



Gina Antoniyo Fakir Fakir Ola ricardo manuel.. O jordan e meu marido.. Nao o critique por favor, se favor se falou sem pensar deixe assim.. Quem e vce para defender o guebaz uma vez que nao te da nada????? Deixe ele ser julgado1 · 11/10 às 21:55



Cremildo M. N. Nhanala Sr. Mungoi jr ozias, o Armandinho pode ate ter razao, ms a pergunta k eu lhe faxo é porke exa questao aparece apenas agora no fim do seu mandato?11/10 às 11:09



Victor Sebas Guivala Tem medo Guebas, ta com rabo preso, malandro.....1 · 11/10 às 10:33

Sem saúde... estamos mal

O MISAU diz que há medicamentos para dois meses, mas a realidade no terreno é indesmentível: faltam medicamentos básicos em todo o país. As farmácias privadas lucram como nunca enquanto, diante da incapacidade estatal ou de um eventual atraso na distribuição de fármacos, a saúde dos moçambicanos se desfaz como um baralho de cartas.

Texto: Redação

Foto: Arquivo @Verdade



Não há dúvidas de que a indisponibilidade de utensílios adequados para pequenas cirurgias, no país real (modo de designar o Moçambique distante dos grandes centros urbanos), é mais do que uma realidade que coloca em risco a vida dos utentes dos postos e centros de saúde espalhados um pouco por todo o país. E não há dúvidas de que o esforço de enfermeiros e outro pessoal de saúde teve e tem um efeito transformador na estatística de seres humanos que morrem de doenças curáveis. Uma pesquisa feita pelo Jornal @Verdade, à boca das farmácias, postos de saúde e hospitais de referência constatou o que todo o mundo diz, mas o MISAU não confirma e nem esclarece: o país enfrenta uma crise de medicamentos de primeira necessidade.

Durante duas semanas, a equipa do @Verdade colheu evidências sobre a falta de medicamentos em locais tão distantes como Cuamba e tão próximos como a farmácia do Hospital Central da Cidade de Maputo. Uma série de receitas esbarrou nos guichés das farmácias estatais. Até agora não há grandes soluções disponíveis – recentemente, os fármacos para combater a malária chegaram mesmo a esgotar em grandes zonas densamente povoadas de Moçambique –, o que reflecte a realidade largamente aceite de que “é possível morrer com uma receita na mão”. Falta cotrimoxazol, amoxicilina, metrodinazol em comprimidos e suspensão, ciprofloxacina, fluconazol, clavamox, docixicilina, cápsulas de amoxicilina e azitromicina. O que quer dizer, na verdade, que falta tudo.

Essa falta de medicamentos já fez mais do que abalar simplesmente a ideia segundo a qual os hospitais, centros e postos de saúde representam um porto seguro. Na província do Niassa o cenário é desolador. A ronda do @Verdade pelas principais unidades sanitárias do distrito de Cuamba encontrou vários pacientes oriundos de outros pontos daquela extensa província que desesperados rumaram para aquele ponto à procura de medicamentos. Mário Yassine, de 36 anos de idade, conta que percorreu 80 quilómetros de Mandimba até Cuamba com uma receita na mão. Disseram-lhe, depois de constatar que a única farmácia do seu local de residência não tinha sequer paracetamol, que só poderia ter acesso aos medicamentos para dores de ouvido em Cuamba, capital económica de Niassa. Debalde.

Laura Ernesto, de 46 anos de idade, tronco curvado e ar de poucos amigos, não esconde a sua insatisfação. “Isso está mal”, diz indignada com a situação. Encontrámo-la no Hospital Rural de Cuamba sentada num banco e, não se fazendo de rogada, começou logo a desfiar o seu rosário. “Já ando nisso há duas semanas. É a minha rotina diária. Venho todos os dias à procura de medicamentos receitados aqui”, afirma enquanto aponta para o interior do recinto.

Sofre de dores frequentes na coluna e sabe que precisa

dos medicamentos para as mitigar. A caligrafia não permite detectar o nome do fármaco, mas, diz, o mais frustrante é saber que não existe. O problema de Laura Ernesto é pequeno quando comparado com o de Esmeralda Jaime que sofre duma malária que não pode ser debelada. A rapariga, de 24 anos de idade, exhibe a receita onde é possível ler quatem e paracetamol. A resposta dos funcionários da farmácia, que devia ser gravada num disco, repete a velha canção: “não temos.” Curiosamente, a explicação para as mortes causadas pela malária, avançada pela directora do Programa Nacional de Controlo de Malária, Graça Matsinhe, aponta para a falta de pulverização como a responsável pela perda de vidas humanas.

Sabe-se, contudo, que a malária ceifou a vida de 2800 pessoas num período de um ano, o que significa uma subida de 10 por cento, se comparado com os números registados no ano de 2010/2011.

Joaquim Chauque é outro paciente que voltou com a receita na mão. Os medicamentos que procurava são mebendazol, fenoximetil e hibusprofeno. “As pessoas pernoitam aqui, mas não conseguem encontrar medicamentos. Estamos a morrer”, alerta Chauque.

Quelimane

@Verdade visitou três unidades sanitárias na cidade de Quelimane e verificou que o problema é de proporções oceânicas. Os pacientes com diarreias, malária e/ou simples dor de cabeça passam maus bocados.

No posto de saúde de Coalane, na periferia da urbe, vários pacientes disseram à nossa equipa de reportagem que a situação de falta de fármacos parece não ter fim à vista. A prescrição de medicamentos para a malária não encontra resposta nas farmácias estatais. Rosa Sabonete, de 21 anos de idade, conta que



depois de lhe ter sido detectado plasmódio, a bactéria que causa a malária, saiu de posto de saúde com uma receita onde constava quatem, mas, chegada à farmácia, só encontrou paracetamol.

O cenário repete-se no Posto de Saúde 17 de Setembro onde falta diclofinac, amoxiciclina, fenoximetil e amoxiciclina com ácido clavulânico. No Hospital Provincial de Quelimane, a unidade sanitária de referência daquele ponto do país, a situação é relativamente melhor, mas a falta de medicamentos é uma realidade gritante.

Os pacientes recorrem, quando podem, às farmácias privadas onde é frequente deparar com filas enormes. Até 21 horas ainda é possível encontrar munícipes de Quelimane à procura de medicamentos. As autoridades sanitárias justificam a falta de fármacos alegando morosidade dos técnicos encarregues da gestão dos medicamentos e também por causa da demora verificada na requisição junto à Direcção Provincial do pelouro.

Nampula

A farmácia da maior unidade hospitalar da cidade de Nampula e a do Centro de Saúde 25 de Setembro, na mesma urbe, estão sem alguns medicamentos básicos, tais como paracetamol, quatem para adultos e complexo B.

No Centro de Saúde 25 de Setembro, por sinal, uma das unidades sanitárias que recebe mais pacientes a nível da cidade, a situação, já demasiado recorrente, volta a preocupar os residentes da capital do norte, que inundam as farmácias privadas para obter os referidos fármacos.

Destaque

“A falta de medicamentos vem acontecendo sistematicamente e sem qualquer explicação de quem de direito”, reclamam dois pacientes carenciados que foram avariar receitas na farmácia do hospital e saíram de lá de mãos a abanar.

“Sempre falta tudo, desde antibióticos a materiais de suporte: ligaduras, adesivos, seringas, dentre outros”, acrescentaram.

Já na farmácia do Hospital Central de Nampula, a situação é similar à que se vive no Centro de Saúde 25 de Setembro: quando a reportagem do @Verdade se fez ao local não estavam disponíveis os fármacos acima citados. Mas aconselhava-se aos pacientes e acompanhantes a dirigirem-se às farmácias circunvizinhas para poderem comprar os medicamentos prescritos.

Entretanto, o mesmo ambiente está a ser vivido pelos moradores dos bairros de Namicopo, Carrupeia e Namutequeliua que têm sido assistidos na sua maior parte pelo Centro de Saúde 1 de Maio.

Napipine ao deus-dará

O centro de saúde de Napipine, localizado no bairro com o mesmo nome, nos arredores da cidade de Nampula, depara-se com uma crise de medicamentos devido à ruptura do stock no armazém da farmácia daquela unidade sanitária.

A situação ganhou contornos alarmantes no princípio deste mês. Só é possível encontrar paracetamol e cotrimoxazol.

Cifa Eciaca, de 42 anos de idade, que estava na companhia do seu filho na última quinta-feira de Outubro (29), disse que não conseguiu comprar os medicamentos que lhe foram prescritos pelo técnico de saúde. Sem condições financeiras para adquiri-los numa farmácia privada, aquela mãe viu-se obrigada a administrar ao seu rebento apenas os medicamentos a que teve acesso na farmácia pública.

Ancha Raúl, de 16 anos de idade e estudante da escola Secundária de Napipine, afirmou, sem revelar a doença de que padecia, que se sentiu mal e foi acompanhada pelos colegas ao referido centro de saúde. O atendimento foi igual ao que tiveram Cifa Eciaca e o seu filho, pois o médico havia prescrito paracetamol e cotrimoxazol mas não foi possível obtê-los.

Por seu turno, Angelina Valentim, directora do Centro de Saúde de Napipine, desmentiu o facto sustentando que aquele hospital nunca deparou com a situação de insuficiência de medicamentos. Acrescentou que na sua instituição tem sempre fármacos para o atendimento dos doentes de malária, diarreia, etc.

Segundo disse a fonte, o Centro de Saúde de Napipine atende em média 150 pacientes pelo facto de não contar com um banco de socorros, o que faz com que encerre as suas portas às 15h30.



Posto de saúde abandonado

Numa visita de trabalho, o jornal @Verdade, no distrito de Bárue, encontrou um posto de saúde abandonado. Trata-se de uma unidade sanitária localizada no bairro Sabão, na Vila de Catandica, na província de Manica.

Naquele posto, pelas 08 horas do dia 24 de Setembro do ano em curso, a nossa reportagem viu a porta principal e as janelas abertas e bancos vazios sem utentes. Também na sala de consultas havia apenas cadeiras e livros.

Felizmente, ao lado da porta principal, estava afixado um papel com os seguintes dizeres: “Horário de trabalho: das 7:30h até 15:30 N.B. Salvo em alguns casos de urgência fora de hora normal poderá contactar pelos números: 828440477 ou 864682006...”

Através desta informação conseguimos estabelecer contacto com Tomás Samo, responsável daquele posto de saúde, que nos informou que estava no Hospital Distrital à procura de medicamentos (4 quilómetros): “Estou aqui sempre na Vila à procura de medicamentos desde o mês passado, mas ainda não há despacho e a resposta é que a província ainda não enviou os medicamentos”, referiu.

Instado a pronunciar-se sobre o facto de o centro estar com as portas e janelas abertas sem a presença de um profissional de saúde, Samo explicou que tal acontecia para que os utentes esperassem até ao seu regresso.

O director distrital dos Serviços de Saúde, Mulher e Acção Social em Bárue, (SDSMAS), Armando Castigo, disse em meados de Outubro que no distrito não há falta de medicamentos e que o atendimento é adequado.

A ginástica dos doentes

A falta de medicamentos nas farmácias estatais implica, para os pacientes, um hercúleo exercício económico. Os gastos são enormes para cidadãos, cuja renda deriva da actividade agrícola ou de pequenos negócios onde o lucro não tem data e nem hora para chegar. Os doentes que encontramos no Hospital Rural de Cuamba são o rosto desse problema. É que, como em tudo na vida, a desgraça de uns pode significar a prosperidade de outros. Se nas grandes urbes a fragilidade do sistema estatal de saúde significa um ganho para o sector privado, no país real o sector informal é que esfrega as mãos de contentamento com o caos.

Márcia Madope, de 34 anos de idade, falou na primeira pessoa do seu dilema: “Eu comprei paracetamol e quarteim, no mercado, por 300 meticais. Foi o que me receitaram”. Engana-se, porém, quem julga que o caso de Márcia é o único. Nos dias que correm só é possível encontrar medicamentos no mercado negro. Uma ronda feita pela equipa do @Verdade constatou que os medicamentos que fazem falta ao Hospital Rural de Cuamba podem ser encontrados com facilidade em residências de particulares e no mercado local. Trata-se, na verdade, de um negócio que acontece com a complacência das autoridades.

O custo dos medicamentos, nas farmácias adjacentes aos postos de saúde e hospitais, é de cinco meticais. Não cabe, por isso, na cabeça de Madope que tenha de comprar comprimidos com o valor que arrecada na sua banca num mês. “Eu fico doente, normalmente, umas três vezes por ano. Nunca gastei, com excepção do transporte, mais de 30 meticais a comprar medicamentos”, refere.

Cotrimoxazol, amoxicilina, metrodinazol em comprimidos e suspensão, ciprofloxacina, fluconazol, clavamox, docixicilina, cápsulas de amoxicilina e azitromicina fazem parte da extensa lista de medicamentos que rareiam nas farmácias estatais. Até no Hospital Central de Maputo também se regista alguma escassez. O @Verdade posicionou-se à frente do banco de socorros e indagou, durante cinco dias, os pacientes que saíam com uma receita. Dos 99 inquiridos, apenas 13 encontraram os medicamentos que procuravam na farmácia local.

Destaque

“Há medicamentos para dois meses”

@Verdade conversou com Paulo Nhaducue, director da Central de Medicamentos e Artigos Médicos, em relação ao problema de escassez de medicamentos nas unidades sanitárias um pouco por todo o país. O nosso entrevistado desdramatizou a situação e garantiu que “há medicamentos essenciais para dois meses”. A situação que se verifica resulta, provavelmente, “de algum atraso na distribuição”...

Texto: Redacção

Foto: Miguel Manguze

(@Verdade) – Alguns cidadãos têm estado a reportar ao @Verdade situações de crise de medicamentos ao longo do país. O que realmente está a acontecer?

(Paulo Nhaducue) – No que diz respeito aos medicamentos essenciais básicos não registámos nenhuma situação de falta. Pode ocorrer algum atraso, mas situações momentâneas. Há um esforço muito grande que está a ser feito para assegurar que tenhamos disponíveis medicamentos essenciais.

(@V) – O que pode estar por trás desta escassez?

(PN) – É preciso perceber que o nosso sistema funciona de uma determinada forma. Nós respondemos pelos armazéns centrais, os quais distribuem aos depósitos provinciais e destes para os distritais. Esse processo pode levar algum tempo, como também é possível que possa ter ocorrido um atraso na chegada. Não coloco de parte essa hipótese. Quando os medicamentos chegam ao armazém central nós somos flexíveis. A distribuição é feita por empresas subcontratadas. Pode haver algum atraso quando se fala de unidades sanitárias muito distantes dos depósitos provinciais.

(@V) – Alguns centros de saúde registaram falta de medicamentos na Zambézia. Um dos motivos elencados para o efeito foi o atraso na requisição. O que queríamos perceber é se temos realmente medicamentos...

(PN) – Temos dois sistemas de distribuição. Um incide sobre os kit's de medicamentos essenciais que são destinados aos centros de saúde. É, na verdade, uma distribuição ao nível primário. Temos outra distribuição que carece de requisição, o que não acontece no que diz respeito aos kit's. Fornecemos de acordo com as necessidades de cada centro de saúde. A outra distribuição é destinada aos hospitais, mas também complementa a que é feita nos centros de saúde. Nesta segundo meio de distribuição é necessária uma requisição trimestral. As requisições dão entrada no dia 15. Nós fazemos a preparação da distribuição e a partir do dia 25 até 30 deste mês nós fazemos a entrega.

(@V) – Quanto tempo leva esse processo?

(PN) – Esse processo pode durar um mês e meio no máximo. A requisição pode ter cerca de 300 itens por cada



provincia. A preparação é feita por cada requisição.

(@V) – Houve falta de antirretrovirais durante quatro dias em Nampula?

(PN) – Isso é um pouco estranho porque os depósitos provinciais têm stock para três meses. Normalmente tem de ter medicamentos para um trimestre. Quando fornecemos estamos a assegurar fármacos suficientes para esse intervalo de tempo. Portanto, é muito estranho.

(@V) – Como é que explica essa situação de escassez? Se os depósitos servem para três meses como é que as pessoas recorrem ao sector privado e ao mercado negro?

(PN) – Isso pode ser um facto. Há procedimentos de gestão de medicamentos. No ano passado nós treinámos mais de 2000 funcionários de saúde em gestão e controlo de medicamentos. Esperamos que as pessoas estejam a seguir os procedimentos. Este ano iniciámos uma série de auditorias que consiste na verificação dos registos. Essa é a nossa obrigação: controlar se aquilo que recebem chega aos pacientes. É esse o controlo que fazemos. Mas existe a Inspeção Geral de Saúde que fiscaliza as farmácias das unidades sanitárias e os depósitos. O nosso trabalho de auditoria é mais educativo, mas a inspecção penaliza.

(@V) – O que está a ocorrer, nas duas últimas semanas, é que há escassez de medicamentos em alguns postos de saúde ao longo do país e até na cidade de Quelimane. O que pode estar por de-

Nós como Ministério da Saúde a nossa responsabilidade é fiscalizar dentro da nossa área de intervenção e assegurar mecanismos de controlo. É claro que se trata de um processo para o qual é necessário apelar para as consciências das pessoas e apertar na fiscalização. Em algum momento esse nosso sistema de controlo pode romper. O medicamento passa por vários sítios nos quais há controlo, mas é um canal muito grande.

trás desta situação atendendo e considerando que existem medicamentos em “stock”?

(PN) – Nós estabelecemos critérios de controlo. A nossa responsabilidade é assegurar que na unidade sanitária exista um controlo interno. Pensamos que fora das unidades sanitárias deve haver apoio de outras áreas. Nós como Ministério da Saúde a nossa responsabilidade é fiscalizar dentro da nossa área de intervenção e assegurar mecanismos de controlo. É claro que se trata de um processo para o qual é necessário apelar para as consciências das pessoas e apertar na fiscalização. Em algum momento esse nosso sistema de controlo pode romper. O medicamento passa por vários sítios nos quais há controlo, mas é um canal muito grande.

(@V) – É facto que o país dispõe de medicamentos?

(PN) – Tem medicamentos essenciais. Essas situações esporádicas podem resultar de algum atraso na distribuição, principalmente dos depósitos provinciais para as unidades sanitárias.

(@V) – Há algum tempo o ministro da Saúde assumiu que estávamos a enfrentar alguma crise no que diz respeito aos medicamentos. Essa crise está ultrapassada?

(PN) – Se ele assumiu foi porque tinham faltado os kit's. Houve um atraso na chegada dos kit's. Esses medicamentos destinam-se aos centros de saúde, que representam o nível primária no que diz respeito a assistência médica. A maior parte da população é atendida neste nível. 85 por cento da população que entra nas unidades sanitárias e que é atendida nas unidades sanitárias vai para este nível.

(@V) – Neste momento temos os medicamentos essenciais?

(PN) – Temos.

(@V) – Para quanto tempo?

(PN) – O que temos em stock dá para dois meses enquanto outros estão em processo de importação.

Caro leitor

A próxima vez que for a uma Unidade Sanitária e não encontrar os medicamentos que lhe são receitados conte-nos, indicando o nome do hospital e a província / distrito onde teve essa dificuldade.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 84 e 86 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

twitter: @verdadeMZ

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2A8BBEFA

facebook: JornalVerdade



Na Síria, médicos trabalham em condições de alto risco

As exigências das Nações Unidas soam inequívocas: a organização exige do governo de Bashar al-Assad a adopção de “medidas imediatas” para permitir a ampliação das actividades humanitárias no país. Uma dessas medidas é remover “impedimentos burocráticos e outros obstáculos”.

Texto: Deutsche Welle • Foto: Reuters

Hassan Ahmed é porta-voz da Sociedade Sírio-Alemã pelas Liberdades e Direitos Humanos, sediada na cidade de Weiterstadt, em Hessen. Ele vê com cepticismo às exigências da ONU por melhor acesso para as equipas humanitárias, e observa: gente demais já perdeu a vida nos esforços de ajuda, e o seu fracasso não se deveu apenas a “obstáculos”.

Nos últimos dias, o sírio Ahmed preocupa-se com a segurança dos seus amigos, já que alguns membros da associação tentam atravessar a fronteira turca em Aleppo com um camião carregado de medicamentos e suprimentos médicos.

“Não se sabe quando vão atirar. Não se sabe como vai estar o humor do soldado no posto de fiscalização. E aí pode ser que o motorista do camião acabe por pagar com a vida.”

Até agora, o regime de Assad tem rejeitado categoricamente as missões de ajuda do exterior, alegando que elas também suprem os rebeldes. Ahmed não acredita que a declaração da ONU tenha poderes reais para mudar essa situação. “Isso tudo soa muito bonito. Ouvimos com frequência exigências como essa, mas nada acontece.”

Afinal, ao contrário de uma resolução da ONU, uma declaração da organização não tem qualquer valor vinculativo. “Os países podem acatá-la ou simplesmente ignorá-la. Não se trata de uma medida concreta, que vá ajudar, de facto, as pessoas na Síria.”

A Associação Sírio-Alemã de Ahmed tenta alcançar resultados concretos por conta própria. Para tal, conta com o apoio da organização alemã de ajuda médica Action Me-



deor, que disponibilizou 190 mil euros, só para o transporte de medicamentos e material médico para Aleppo.

Esses suprimentos deverão abastecer uma estação de tratamento intensivo, que há meses só pode funcionar secretamente naquela cidade síria. Os médicos operam no porão do hospital que existia no local, desde que um míssil de longo alcance destruiu o prédio.

A organização Médicos Sem Fronteiras também enfrenta condições similares, ao tentar auxiliar a população síria. Em 2012, o director executivo da entidade, Tankred Stöbe, chegou a montar uma sala de operações numa caverna na província de Idlib. Em Setembro último, ele passou quatro semanas na fronteira sírio-iraquiana, onde uma barraca foi convertida em clínica médica.

Nesse período, centenas de refugiados sírios atravessavam a fronteira todos os dias, relata o médico. Eles fogem de seu país não apenas porque as suas casas foram bombardeadas, mas também por falta de assistência médica. Mais de metade dos hospitais sírios foi danificada ou destruída na guerra civil.

“As pessoas informaram-me de que há meses que não tomavam medicamentos, e que não havia médicos. Muitos profissionais deixaram o país”, explica Stöbe. Para os que sofrem de doenças crónicas, como diabetes ou hipertensão, a falta de cuidados e medicamentos pode ser fatal.

Ataques

A Médicos Sem Fronteiras mantém actualmente seis clínicas em regiões controladas por rebeldes no norte da Síria. Ela apoia, ainda, dezenas de clínicas

noutras regiões do país com medicamentos e suprimentos médicos. Stöbe explica que a ONG não tem permissão oficial para entrar na Síria, devido ao bloqueio imposto pelo regime Assad.

“Mesmo onde podemos trabalhar, as condições de segurança são catastróficas. Com frequência temos de retirar os nossos profissionais, durante dias, semanas. Trabalhamos em porões, nas casas de civis, em cavernas. Temos de nos esconder, senão somos atacados.”

Em Setembro, um cirurgião da Médicos Sem Fronteiras foi baleado. Até mesmo ambulâncias sofrem ataques. “Todo o veículo em movimento é um alvo”, relata Stöbe, baseado em experiência própria. Ele e a sua equipa tiveram de cobrir todas as luzes dos seus veículos, pois “tudo o que se move e é considerado uma equipa médica, é considerado inimigo”.

Jens Laerke, porta-voz em Genebra do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (Unocha), confirmou numerosos ataques à ajuda humanitária na Síria. Como seria de esperar de um funcionário da ONU, ele saúda a declaração da entidade contra os ataques. No entanto, admite, até agora a medida não tem qualquer carácter vinculativo.

Ele reivindica “pausas humanitárias” na guerra civil síria, ou seja, a suspensão dos combates, pelo menos por um determinado período, “para que possamos entrar no país, chegar até as pessoas e providenciar a ajuda de que elas necessitam”.

Agência de controlo de armas químicas vence Nobel da Paz

A Organização para a Proibição de Armas Químicas (Opaq), que está a trabalhar na destruição do arsenal da Síria, venceu o Prémio Nobel da Paz na passada sexta-feira, disse o comité norueguês do Nobel.



Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

Especialistas da agência global que controla armas químicas, com sede em Haia, apoiada pela Organização das Nações Unidas (ONU), estão a trabalhar para destruir o grande arsenal de armas químicas sírio em virtude de um ataque de gás sarin nos subúrbios de Damasco, em Agosto, que matou mais de 1.400 pessoas.

O prémio de 1,25 milhão de dólares será apresentado dia 10 de Dezembro em Oslo, aniversário do industrial morto sueco Alfred Nobel, que criou o galardão no seu testamento de 1895.

Paquistanesa Malala Yousafzai vence prémio europeu de direitos humanos

A jovem activista paquistanesa Malala Yousafzai, atingida pelos Talibãs com um tiro na cabeça no ano passado por defender melhores condições para as jovens, venceu o prémio anual de direitos humanos da União Europeia, na quinta-feira (10).

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters



Malala, de 16 anos, venceu o ex-prestador de serviços de uma agência norte-americana de espionagem, Edward Snowden, que divulgou documentos secretos sobre programas dos EUA de monitoramento de informações.

A jovem paquistanesa foi atacada no noroeste do Paquistão por um grupo de homens armados que abriu fogo contra o veículo de transporte escolar em que ela estava. Malala também é favorita a receber o Nobel da Paz deste ano.

O Prémio Sakharov para a Liberdade de Pensamento é oferecido pelo Parlamento europeu, anualmente, desde 1988 em homenagem ao cientista soviético e dissidente Andrei Sakharov.

Entre os vencedores estão Nelson Mandela e a activista de Mianmar, Aung San Suu Kyi. Malala foi escolhida numa votação entre líderes de todos os grupos políticos do Parlamento de 750 membros.

Três norte-americanos ganham Nobel de Economia

Três norte-americanos ganharam, esta segunda-feira (14), o Prémio Nobel de Economia 2013 por uma pesquisa que aprimorou as projecções de preços de activos a longo prazo e ajudou o surgimento de fundos de índices em bolsas de valores, disse a comissão de premiação.

Texto: Redacção/Agências

“Não há como prever o preço de acções e títulos nos próximos dias ou semanas”, disse a Real Academia Sueca de Ciências ao conceder o prémio de 8 milhões de coroas a Eugene Fama, Lars Peter Hansen e Robert Shiller.

“Mas é possível prever a trajectória geral desses preços por períodos mais longos como para os próximos três a cinco anos. Essas descobertas... foram feitas e analisadas pelos laureados deste ano”, afirmou a academia.

O comportamento do preço de activos é fundamental para as decisões sobre poupança, compras de imóveis e políticas económicas nacionais, disse a academia. “A má precificação de activos pode contribuir para crises financeiras e, como a recente recessão global demonstra, tais crises podem prejudicar a economia como um todo”, acrescentou.

A premiação económica, oficialmente chamada Prémio Sveriges Riksbank em Ciências Económicas em Memória de Alfred Nobel, foi criada em 1968. A honraria não integra o grupo de prémios originais estabelecidos no testamento de 1895 do inventor da dinamite, Alfred Nobel.

Mexicanos vítimas de onda de “falso sequestro”

Assustados com a violência do narcotráfico, os mexicanos agora vêm-se às voltas com outro tipo de ameaça – os falsos sequestros. Embora não use violência física, o crime apavora principalmente pais de família. As mais novas vítimas são os integrantes de uma banda espanhola que actuava no país.

Texto: Juan Carlo Pérez Salazar/BBC



Os quatro integrantes do grupo indie Delorean, do País Basco, receberam um telefonema no hotel onde se hospedavam na Cidade do México. Segundo informações da imprensa, a pessoa que ligou dizia ser da Polícia e recomendou que os músicos saíssem de onde estavam e fossem para outro hotel, pois corriam o risco de ficar no meio de um tiroteio. Quando eles já estavam instalados no outro hotel, receberam outro telefonema no qual foram informados de que estavam a ser sequestrados.

Enquanto tudo isto ocorria, alguém ligava para a família dos músicos e exigia um resgate de, inicialmente, 300 mil euros. Finalmente, o preço do resgate foi fechado em 10 mil euros. Todas as ameaças aos músicos e negociações para extorquir as famílias foram feitas por telefones celulares. A primeira denúncia do golpe foi feita na Espanha. Depois de ser alertada, a Polícia mexicana, em coordenação com os polícias espanhóis, conseguiu desvendar a trama.

Os músicos, que fazem uma mistura de pós-punk com música electrónica, tinham chegado ao México no dia 3 de Outubro e participaram num festival de música electrónica e cinema em 5 de Outubro. O plano inicial era viajar até San Francisco, nos Estados Unidos, para outra apresentação. Mas a banda suspendeu a turné e regressou à Espanha. Até o momento, ninguém foi preso.

Estratégias

Os mexicanos desenvolveram algumas estratégias para lidar com o falso sequestro, um tipo de extorsão cada vez mais comum no país.

“Quando a minha filha adolescente sai para ir ao cinema lembro-lhe sempre para não emprestar o telemóvel a nenhum desconhecido. Eles às vezes pedem alegando alguma emergência. É aí que eles guardam o número dos familiares e, enquanto a pessoa está dentro do cinema, com o telemóvel desligado, eles ligam para dizer que a pessoa foi sequestrada”, disse à BBC um pai de família mexicano que não se identificou. Ele afirma que muitos outros pais dão este mesmo conselho aos filhos desde que a onda de falsos sequestros começou no país.

Numa situação destas, os criminosos ligam para uma pessoa a dizer que estão com um familiar da vítima e exigem uma quantia relativamente baixa, que pode ser levantada nas poucas horas em que a pessoa supostamente sequestrada não pode ser localizada. Tudo se baseia na sugestão e em nenhum momento ocorre violência física.

Como no Brasil, os falsos sequestradores do México também fazem telefonemas aleatórios para ver se alguém cai no golpe. E já foram feitas denúncias de que estas chamadas são feitas de dentro de prisões mexicanas.

Não existem estatísticas para este tipo de crime no país. Mas o governo, sim, colecta dados sobre sequestros relâmpagos e sequestros comuns: 105 mil destes ocorreram apenas no ano passado, segundo revelou há poucos dias o Instituto Nacional de Estatística e Geografia do México, o Inegi.

Com estes números, o México é o primeiro país do mundo em número de sequestros, mesmo sem ter em conta os casos que não são denunciados.

Algumas organizações, como o Conselho Cidadão

de Segurança Pública, afirmam que o número total de sequestros pode chegar ao dobro do número oficial.

Consequências

A divulgação do sequestro da banda Delorean nas redes sociais já teve consequências: o DJ espanhol John Talabot anunciou o cancelamento da sua turné no México por motivos de segurança e solidarizou-se com os músicos da banda indie.

Pouco depois do anúncio da libertação do grupo Delorean e do seu falso sequestro (também chamado “sequestro virtual” no México), o Ministério do Interior mexicano informou o desmantelamento de uma gangue de sequestradores no Estado de Guerrero, da qual 13 integrantes eram polícias.

Publicidade

Para quem dá o seu melhor

Quem se esforça, se dedica e dá o seu melhor, merece uma recompensa, merece uma Manica. O seu paladar rico e saboroso, característico de uma cerveja encorpada torna-se ideal para relaxar depois de mais um dia de trabalho.

O sabor que recompensa

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Mundo

Violência em bairro de imigrantes de Moscovo testa integração russa

Birulyovo é um bairro desolado de prédios pré-fabricados no sul do Moscovo, a capital da Rússia. No seu centro, está um gigantesco mercado de verduras em atacado, totalmente dominado por imigrantes, em grande parte oriundos do Cáucaso ou da Ásia Central. Alguns possuem visto de trabalho, outros não. E há um bom tempo isso incomoda muitos moscovitas.

Texto: Deutsche Welle • Foto: Reuters

Na noite de domingo (13), a tensão na área cresceu. Cerca de 5 mil moradores foram às ruas, entre os quais também nacionalistas russos. Eles exigiam o encerramento do mercado, o endurecimento das leis de imigração e, acima de tudo, o esclarecimento do assassinato de um jovem russo, supostamente esfaqueado por um estrangeiro.

Na quinta-feira, Igor Chtcherbakov, de 25 anos de idade, e a sua namorada caminhavam para casa. Diante do bloco onde morava o jovem, um estranho insultou-os. Em seguida, puxou duma faca e apunhalou Chtcherbakov.

Os depoimentos da moça e imagens de uma câmara de vigilância levam a crer que o agressor é do Cáucaso. O facto de a Polícia ainda não ter capturado o esfaqueador foi um dos motivos da manifestação em frente ao mercado de atacado.

Ela iniciou pacificamente, também com a participação de crianças e idosos. Mas no decorrer da noite ganhou violência. Ouviram-se palavras de ordem nacionalistas como “Rússia para os russos”. Seguiram-se choques violentos com os polícias, e quase 400 manifestantes foram detidos temporariamente.

Para Dimitri Poletayev, director do Centro de Pesquisas



sobre Migração, o ocorrido foi um misto de acção de nacionalistas e erupção espontânea de cólera cidadã. Ele diz que, na Rússia, ninguém empreende uma política consequente de imigração e integração: negociantes enriquecem com o trabalho dos imigrantes, e a população é quem arca com as consequências negativas.

Parte dos russos acredita que os estrangeiros roubam os seus postos de trabalho. Muitos crêem também que eles são os responsáveis pela violência nas ruas. No entanto, não há qualquer estatística fiável a respeito.

“Todos os tumultos que acontecem na Rússia são, como eram há cem anos, consequência das tentativas dos donos do poder de resolver os próprios problemas à custa dos estrangeiros e membros de outras religiões, direccionando para eles a ira da população”, opina o conhecido blogueiro Anton Nossik, na rede social russa LiveJournal.

Ele ressalta que, por sorte, tais ideias não são populares entre o grosso da população. A sua crítica também se dirige contra a Polícia: primeiro, no domingo, ela investiu maciçamente contra a multidão enfurecida de Birulyovo. No dia seguinte, houve investidas contra os imigrantes. Mil deles foram presos no mercado para verificar se estão envolvidos em crimes.

O presidente do sindicato da Polícia, Mikhail Pashkin, defende o procedimento. Numa entrevista à emissora independente russa Echo Moskwy, ele propôs: “Depois do assassinato, as pessoas foram às ruas, gente com crianças e carrinhos de bebé. Como acontece tantas vezes nesses casos, os jovens perderam o controlo e começaram a destruir tudo. Mas a maioria esmagadora dos cidadãos não tomou parte nos tumultos.”

Pashkin também alerta sobre o perigo de a Polícia ir parar entre as duas frentes de conflito. “Os cidadãos vêem polícias de uniforme diante de si, e aí dirigem a sua raiva contra eles. Mas os culpados não são os simples agentes, e sim as

pessoas que ganham montes de dinheiro com essas feiras, mercados de atacado e centros de comércio, que empregam os imigrantes ilegalmente.”

No entanto, há tempos os imigrantes tornaram-se indispensáveis à economia russa. Eles varrem as ruas da capital e enfrentam os trabalhos mais pesados nos canteiros de obras.

Os moscovitas já apelidaram a sua cidade de “Mokvabad”, numa referência a Ashgabad, capital do Turcomenistão.

Segundo dados do Serviço Federal de Migração, 3,5 milhões de imigrantes ilegais vivem em território russo, e o número dos estrangeiros registados é de 11 milhões. Migrantes do Cáucaso Setentrional – por exemplo, da Chechénia ou do Daguestão – não aparecem nas estatísticas, por possuírem passaporte russo.

Não existem números precisos sobre quantos imigrantes residem actualmente em Moscovo. Porém, como qualquer megalópole, a capital precisa de mão de obra importada, enfatiza Dimitri Poletayev. A sociedade russa envelhece rapidamente. O potencial de mão-de-obra reduz-se em 1 milhão, a cada ano, precisando, por isso, de ser fortalecido através da imigração.

Deste modo, a Rússia depende de trabalhadores imigrantes. Porém, até o momento, não há o menor esboço de uma política de integração. Por isso, são sobretudo os preconceitos que definem as relações entre russos e imigrantes.

Jacob Zuma e François Hollande escondem divergências sobre o TPI

O Presidente sul-africano Jacob Zuma e o seu homólogo francês François Hollande esconderam as suas divergências sobre o Tribunal Penal Internacional (TPI) depreciado em África nomeadamente pela sua acção contra os dirigentes eleitos do Quênia, ao longo da visita do estadista francês de dois dias à África do Sul.

Texto: Milton Maluleque • Foto: Lusa

“A França está ligada ao TPI e não pode aceitar qualquer impunidade que seja”, afirmou François Hollande em Pretória durante uma conferência de imprensa na segunda-feira com Jacob Zuma. Se “os Estados devem ser respeitados, (...) o princípio é a justiça internacional para que os criminosos respondam pelos seus actos”, acrescentou o estadista francês.

Zuma, que no sábado passado participou numa cimeira extraordinária da União Africana (UA), na capital etíope e sede da organização, Addis Abeba, onde foi reafirmada a sua solidariedade para com os dois dirigentes quenianos perseguidos pelo TPI por alegada autoria moral dos crimes de violência durante a crise pós-eleitoral de 2007 no Quênia que fizeram milhares de mortos, foi diplomático e afirmou que “somos todos contra a impunidade. De forma nenhuma podemos apoiar uma acção que abria o



caminho para a impunidade” afirmou o Presidente sul-africano que entretanto acrescentou que “não podemos apoiar um procedimento que vai contra os interesses de um Estado”.

“As pessoas que se batiam na época estão agora reconciliadas. Estamos de acordo com o posicionamento da UA, que defende o adiamento do julgamento do Quênia”, argumentou ainda Jacob Zuma.

Regresso 20 anos depois

A visita de François Hollande acon-

tece quase 20 anos depois de o último chefe de Estado francês visitar a África do Sul. Em Julho de 1994 o então Presidente da França, o socialista François Mitterrand, foi o primeiro chefe de Estado a ser recebido pelo primeiro Presidente negro sul-africano Nelson Mandela, dois meses após a eleição do líder da luta anti-apartheid.

Embora as crises africanas, em particular na República Democrática do Congo, onde as tropas sul-africanas estão a comandar a brigada de intervenção da ONU em Kivu contra os rebeldes armados tenham feito

parte da agenda dos dois governantes, o comércio foi o epicentro da visita com a realização de um fórum económico que reuniu quadros seniores de empresas francesas e sul-africanas e que culminou com a assinatura de importantes contratos comerciais.

No final da sua visita de dois dias, o chefe de Estado francês anunciou, em Pretória, a assinatura de vários contratos no valor de vários biliões de euros com destaque para a construção de uma central térmica e ainda um importante contrato ferroviário.

Mundo

Jovem detido sem acusação formal por difamar Presidente angolano

Um jovem activista angolano, Nito Alves, de 17 anos, encontra-se em regime de prisão solitária numa cadeia de alta segurança de Luanda, sem acesso a advogado. A impressão de 20 camisolas com uma frase “atentatória” motivou a detenção.

Texto: Deutsche Welle África • Foto: Lusa

O menor Manuel Chivonde Baptista Nito Alves foi detido no passado dia 12 de Setembro numa gráfica em Viana, um dos subúrbios de Luanda, a capital angolana. Estava a imprimir 20 camisolas para serem usadas numa manifestação – impedida pela Polícia angolana – que deveria ter lugar no dia 19 de Setembro. Desde então está na cadeia, quase sempre incomunicável.

Raúl Mandela, um jovem pertencente ao denominado “Movimento Revolucionário”, é um dos poucos que, nos últimos dias, conseguiu falar, via telemóvel, com o jovem Nito Alves que se encontra preso na prisão da Direcção Provincial de Investigação Criminal de Luanda (DPIC).

“O jovem está numa cadeia de alta segurança controlado pelos homens da inteligência da segurança do Estado. Está a ser ameaçado de morte por ser activista, revolucionário”, explicou à DW África Raúl Mandela. O menor de 17 anos “está encarcerado numa cela cuja porta tem quatro cadeados, e não recebe visitas”, acrescenta.

Tudo porque, segundo Raúl Mandela, “usou a liberdade de expressão”. O jovem angolano estampou em camisolas a frase “Povo angolano, quando a guerra é



necessária e urgente para mudarmos o Governo ditatorial” e esta citação, de acordo com o jovem do movimento revolucionário angolano, estará a dificultar-lhe a vida.

Sem acusação e sem advogado

Raúl Mandela declara-se muito preocupado com o destino do companheiro. Recorda que o menor de 17 anos, detido desde o dia 12 de Setembro, não foi acusado, nem beneficia de acesso a advogado e tem sido mantido em prisão solitária, sem direito a visitas.

A DW África contactou os pais do jovem Nito Alves. Adália Chivonde, a mãe, e Nando Batista, o pai, têm aparecido todos os dias à porta da DPIC. Pedem informações e autorização para ver o filho, mas tudo lhes é negado. O pai de Nito lamenta a falta de disponibilidade da DPIC. “Nós não podemos vê-lo. Apenas entregamos a alimentação”, diz. Segundo Nando, não têm tido hipótese de falar com ele sobre “a maneira como está a ser tratado” na cadeia. “Estamos todos preocupados porque os demais saíram e ele continua sempre detido” acrescenta o pai.

A família de Nito Alves tem poucos recursos. Nando Batista vive de “biscates” e a mãe vende petiscos numa cantina improvisada num bairro pobre no município de Viana. “Eu e a mãe não trabalhamos na função pública. Trabalhamos por conta própria”, conta, explicando que o filho “simplesmente estuda”.

Frase “atentatória à ordem pública”

A Polícia Nacional alegou ter detido o jovem em flagrante delito por este ter encomendado a impressão de 20 camisolas que, segundo as autoridades, seriam “atentatórias à ordem e segurança públicas.”

Nito Alves foi detido por alegada difamação contra o Presidente angolano, José Eduardo dos Santos (na foto)

O jovem foi também acusado de ter cometido o crime de difamação contra o Presidente da República de Angola por, alegadamente, ter solicitado a inscrição de palavras atentatórias à honra e ao bom nome de José Eduardo dos Santos, como: “Zé Du ditador nojento, Fora!”.

Mais de um mês depois da detenção, praticamente em regime de incomunicabilidade e em cela solitária, a Procuradoria-Geral da República de Angola não esclarece o caso nem acusa formalmente Nito Alves. Até à presente data, nem sequer foi comunicado aos advogados de defesa de que está a ser acusado o jovem.

A organização “Mãos Livres” salienta que as autoridades policiais têm impedido o contacto dos advogados com o detido, em desrespeito à Constituição, nomeadamente no que toca ao direito dos detidos e presos de serem informados sobre as razões de detenção e dos seus direitos, incluindo o de informar e consultar o seu advogado antes de prestar quaisquer declarações (Const. 63º, c, e).

Governo sul-africano condenado a pagar aos advogados dos sobreviventes de Marikana

Um tribunal de Joanesburgo condenou nesta segunda-feira (14) o Governo sul-africano a pagar a ajuda jurisdicional aos sobreviventes do massacre de Marikana, no decurso do qual a Polícia atirou mortalmente contra 34 mineiros grevistas em Agosto de 2012.

Texto: Milton Maluleque • Foto: Lusa

O governo sul-africano foi levado à barras da justiça por ter recusado pagar os gastos dos advogados que representam os 270 mineiros na comissão encarregue de esclarecer as circunstâncias e responsabilizar os culpados dos acontecimentos macabros.

O principal advogado dos mineiros, Dali Mpofu, descreveu a decisão da alta corte de Gauteng do Sul (Joanesburgo) como “uma grande vitória para os trabalhadores, os pobres mineiros”.

“Para o país, é uma decisão muito importante. Existe dora-



vante uma probabilidade mais importante porque nós obtivemos a verdade sobre o que realmente se passou em Marikana”, reagiu aos microfones da rádio EWN.

Os trabalhos da comissão criada pelo Presidente Jacob Zuma,

logo após o incidente, de acordo com Mpofu, foram distorcidos porque o Estado paga os gastos dos polícias e pretere os das vítimas.

O Governo sul-africano até aqui ainda não se pronunciou se iria recorrer do veredicto.

A principal questão sobre a qual a comissão deverá responder é se os polícias têm razão ou não de afirmar que estavam em estado de legítima defesa quando a ordem de abrir fogo com balas reais foi dada.

O inquérito demonstra que uma parte das vítimas foi perseguida pela Polícia após o tiroteio, e morta com tiros nas costas. A comissão indicou em Setembro que a Polícia lhe havia mentido ao sonegar e omitir alguns documentos chave do processo.

A Polícia sul-africana havia disparado mortalmente, a 16 de Agosto, contra uma manifestação de grevistas hostis na mina de platina de Marikana, explorada pelo grupo britânico “Lonmin”, causando a morte de 34 mineiros e ferimento a 78 outros.

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Afrobasket sub-16: Moçambique conquista medalha de bronze

A selecção de basquetebol juvenil feminina conquistou, no último sábado (12), a medalha de bronze no Campeonato Africano de Basquetebol de sub-16. Pela segunda vez consecutiva, o Mali tornou-se vencedor desta prova que neste ano decorreu na cidade de Maputo.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguenze

Depois de alcançar a segunda posição do grupo A, mercê de duas vitórias frente à Tunísia, por 55 a 46, ao Gabão, por 80 a 11, e uma derrota diante do Egito, por 49 a 73, Moçambique defrontou a Costa do Marfim em jogo dos quartos-de-final.

No embate, a equipa moçambicana entrou audaciosa e por isso saiu com uma vantagem de nove pontos terminado o primeiro período, ou seja, a vencer por 17 a 8.

Nos segundos dez minutos, a turma da Costa do Marfim entrou com a lição bem estudada e tentou contrariar o poderio da equipa anfitriã. Beneficiou de muitos “turnovers” e criou várias dificuldades no jogo interior de Neidy Ocuane que não encontrava espaços para fazer chegar a bola a Laky da Graça, a finalizadora.

Apesar de ter estado a perder por cinco pontos no parcial, Moçambique conservou a vantagem no marcador por 30 a 26 até ao intervalo. No terceiro período, as nossas jogadoras estiveram consistentes sendo que, por esse motivo, aniquilaram as adversárias que pontuaram por seis vezes contra 15 da nossa selecção.

Com 45 a 32 no marcador, a favor de Moçambique, chegou-se ao último quarto do confronto em que as duas equipas não conseguiram disfarçar o cansaço, mesmo com a rotação das jogadoras. As nossas meninas saíram-se bem ao vencerem, por 55 a 44, garantindo o apuramento para as meias-finais.

Uma “verdadeira” final perdida

Na tarde de última sexta-feira (11), a nossa selecção juvenil entrou para a derradeira partida que, para além de garantir uma vaga na final, iria assegurar o apuramento ao “Mundial” de sub-17 que terá lugar no próximo ano na Itália.



Porém, o resultado desta partida foi uma autêntica humilhação para as moçambicanas. Nem a construção do jogo por parte de Neidy Ocuane, nem os 12 pontos marcados por Dilma Roldão foram suficientes para travar a tarde inspirada das malianas que no primeiro período já venciam por 21 a 5.

No último quarto antes do intervalo, a equipa de Lucília Caetano tentou contrariar a turma do Mali e o máximo que conseguiu foi perder por um ponto no parcial.

O terceiro tempo foi fundamental para a vitória da equipa adversária de Moçambique que ampliou a vantagem para 29 pontos, o que acabou com a esperança da nossa selecção juvenil de lutar por um lugar no “Mundial” da Itália. Os números, esses, é que foram humilhantes depois do apito final: Mali 83 – 37 Moçambique.

Uma medalha (de bronze) que salvou a honra

A Moçambique restou apenas lutar por uma medalha de bronze. Nesta partida, que teve lugar no pavilhão do Maxaquene, no último sábado (12), a selecção nacional voltou a cruzar o caminho da Tunísia.

As nossas representantes entraram bem no primeiro período, porém encontraram uma adversária com as mesmas aspirações: a conquista do bronze. Moçambique venceu esta etapa do jogo por dois pontos de diferença, ou seja, por 11 a 09.

A perda de ritmo das nossas jogadoras deu-se no segundo quarto, sobretudo nos últimos cinco minutos, em que as coisas correram mal para Moçambique. As tunsinas venceram no parcial por 10 pontos e passaram a comandar, registando-se o resultado de 20 a 28 no marcador.

No reatamento, Lucília Caetano mobilizou a sua colectividade com vista a lutar por um melhor resultado. Neidy Ocuane, a base da selecção nacional, pôs em prática o seu talento na construção das jogadas de ataque e ajudou o país a entrar no quarto e último período a perder por apenas dois pontos, ou seja, por 32 a 34.

Mesmo sem algumas das suas peças fundamentais, como são os casos de Verdicianna e Laky da Graça penalizadas por terem atingido o limite máximo de faltas permitidas, cinco, a nossa equipa juvenil esteve imparável no último quarto de jogo. Moçambique venceu por 56 a 50 e conquistou, desta forma, a medalha de bronze.

De referir que a prova foi novamente conquistada pelo Mali que na final derrotou o Egito por 63 a 62, numa partida dramática e que só foi resolvida no último segundo do tempo regulamentar.

Neidy Ocuane a “MVP”

A base e capitã da selecção nacional, Neidy Ocuane, foi eleita a “Jogadora Mais Valiosa” (“MVP”) deste Afrobasket de sub-16 pelas suas excelentes exibições durante a prova. Ainda no jogo de atribuição do terceiro e quarto classificado, Neidy averbou 18 pontos, sendo a melhor marcadora da partida. Para além disso, aquela jogadora figurou na “equipa ideal” desta competição.

“É uma responsabilidade muito grande para mim. Estou muito emocionada e feliz. Não diria que não esperava pelo prémio. Mas a minha luta era para vencer a competição ou, no mínimo, chegarmos até à final para estarmos no “Mundial”. Não conseguimos, mas penso que provamos que temos talento” disse a “MVP” do Afrobasket sub-16 que decorreu em Maputo.

“Falta atenção aos escalões de formação”

A conquista da medalha de bronze para Lucília Caetano espelhou as condições oferecidas a esta selecção que, segundo informações a nosso dispor e confirmadas pela própria seleccionadora nacional, se juntou a uma semana da realização da prova.

Para a seleccionadora nacional, “esta competição lembrou que há, ainda, muito trabalho pela frente. Penso que temos de olhar mais pelos escalões de formação pois é obvio que há muito talento no país. Se o trabalho fosse feito com antecedência e com melhores condições, nós poderíamos chegar à final. Tivemos de gerir o esforço das jogadoras pois, conforme viram, elas saíam sempre cansadas dos jogos. Aprendemos bastante com os erros que cometemos e vamos procurar melhorar para as próximas vezes” rematou Lucília Caetano.

Poule: Desportivo de Maputo e Ferroviário de Pemba com um pé no Moçambola

O Desportivo de Maputo derrotou o MG da Matola, por 2 a 0, e beneficiou do empate entre o Estrela Vermelha de Maputo e o Ferroviário de Gaza para se isolar no topo da tabela classificativa. Na zona Norte, o Ferroviário de Pemba está a um ponto de garantir o apuramento para a próxima edição do Moçambola.

Texto: David Nhassengo/Francisco Júnior • Foto: Miguel Manguenze

Na zona Sul do país, o Desportivo de Maputo voltou a ser protagonista de uma exibição encantadora apesar da alta temperatura que se fez sentir na cidade de Maputo na tarde de último sábado (12). Desta vez, a vítima da “fúria” alvinegra foi o MG da Matola que perdeu por 2 a 0 em partida da primeira jornada da segunda volta da poule de apuramento ao Moçambola.

Rachide foi o autor dos dois golos que colocaram aquela equipa cada mais isolada no topo da tabela classificativa, com 22 pontos, mais sete do que o segundo classificado, o Estrela Vermelha de Maputo, que empatou a um golo diante do Ferroviário de Gaza.

No Centro do país, a competição está mais animada depois de o Chimoio FC golear o FC da Beira, por 4 a



1, e recuperar a liderança da competição com um ponto de avanço sobre o Ferroviário de Quelimane.

O Textáfrica de Chimoio figura na terceira posição com 15 pontos, depois de, no último domingo, vencer o FC de Angónia por 1 a 0.

Ferroviário de Pemba prepara o regresso ao Moçambola

A equipa locomotiva da capital de Cabo Delgado goleou o Desportivo de Mueda, por 5 a 0, e manteve os cinco pontos de diferença com o segundo classificado, o Benfica de Monapo, que nesta semana derrotou a UP de Lichinga, por 2 a 1. A locomotiva conta neste momento com 19 pontos e está a um empate de assegurar o regresso à elite do futebol moçambicano.

Zona Centro			
FC Angónia	0	1	F. Quelimane
Chimoio FC	4	1	FC da Beira
S. da Beira	1	1	P. Quelimane
FC Angónia	0	1	Textáfrica
(Próxima jornada)			
FC da Beira			A. Angónia
F. Quelimane			FC de Angónia
P. Quelimane			Chimoio FC
Textáfrica			S da Beira

Zona Sul			
Desportivo	2	0	MG da Matola
Incomati	2	1	S. Machel
Fer. l'bane	0	3	AD da Maxixe
Fer. Gaza	1	1	E. Vermelha
(Próxima jornada)			
S. Machel			Desportivo
MG da Matola			Fer. Gaza
AD Maxixe			Incomátia
E. Vermelha			Fer. l'bane

Zona Norte			
Fer. Pemba	5	0	D. Mueda
B. Monapo	2	1	UP Lichinga
Fer. Pemba	4	0	AD Cuamba
(Próxima jornada)			
D. Mueda			UP Lichinga
Fer. Pemba			Fer. Nacala
AD Cuamba			B. Monapo

Desporto

Voleibol: Doze mil meticais “tiram” Moçambique da rota do “Mundial”

Os jogadores da selecção nacional de voleibol não treinaram durante o período de preparação para a fase regional da Zona VI de apuramento ao “Mundial” da Polónia, edição 2014. Os atletas exigiram 12 mil meticais de prémio pelo apuramento para o “Regional” à Federação Moçambicana de Voleibol que naquela altura não dispunha de fundos para satisfazer as necessidades dos jogadores.



Texto: David Nhassengo / Duarte Siteo • Foto: Miguel Manguze

A falta de condições foi a principal razão evocada pelos atletas para não prepararem a ida a Gaborone. Para participar na fase regional de apuramento ao Campeonato Mundial de Voleibol, prova que decorreu entre os dias 07 e 13 do mês em curso na capital do Botswana, a Federação Moçambicana de Voleibol (FMV) recorreu à selecção sub-23.

Contudo, Mahomed Vala, vice-presidente daquela agremiação, abriu o livro ao @Verdade e revelou ao pormenor o que esteve por detrás da atitude dos jogadores. Para aquele dirigente, “os grevistas exigiram condições que a federação não podia dar, nomeadamente oito mil meticais como prémio pela qualificação para a penúltima fase e mais quatro para a compra de sapatilhas para o torneio de Gaborone”.

Estas declarações foram feitas por aquele dirigente numa entrevista que prestou ao nosso órgão de informação.

@Verdade - O que esteve por detrás da greve dos jogadores da selecção nacional de voleibol sénior masculina?
Mahomed Vala - Ao que tudo indica, a greve foi algo programado pelos jogadores. Depois do sub-zonal que decorreu em Maputo, os atletas receberam uma determinada quantia pelo apuramento para a fase seguinte, o que certamente levou a pensar que a FMV tinha muito dinheiro a dar.

Não quiseram informar-se, pois só assim poderiam saber que tais valores foram alocados à nossa instituição através do patrocínio de uma empresa nacional.

@V - Quanto dinheiro a federação deu aos atletas?
MV - Pagámos 500 meticais por cada jogo. Caso tivessem vencido o sub-zonal o prémio monetário por atleta seria de 2 500 meticais.

@V - Eles exigiram melhores condições?
MV - Eles exigiram oito mil meticais por terem garantido um lugar na fase regional de apuramento ao “Mundial”; ordenaram, ainda, que a FMV comprasse sapatilhas de quatro mil meticais para cada jogador; e reivindicaram um aumento significativo do “pocket-money” bem como um ginásio moderno.

@V - E qual foi a posição da federação perante essas exigências?
MV - Nós dissemos aos atletas que não podíamos satisfazer todas as necessidades por insuficiência de fundos. Também não podíamos prometer coisas que sabíamos, de antemão, que não íamos cumprir.

@V - E houve uma comunicação prévia dessa greve?
MV - Recebemos uma carta dos atletas em que exigiam tais condições que julgavam ser fundamentais para continuarem a treinar com a camisola da selecção nacional. Nós respondemos que íamos tentar melhorar, ainda que sem dar certezas.

Foi por isso que eles declararam categoricamente que não iriam treinar sem que as suas exigências fossem satisfeitas. Não deram alternativas à federação que optou por acatar a deliberação deles.

@V - Isso quer dizer que a federação não tentou negociar com os atletas?
MV - Tentámos negociar com eles por três vezes, mas não nos

deram espaço. Simplesmente não quiseram treinar e nós fomos obrigados a partir para o plano B.

@V - E qual foi o plano B?

MV - Tivemos de preparar a selecção nacional sub-23 para representar o país em Gaborone. Tínhamos de estar lá de qualquer jeito sob pena de a federação internacional penalizar-nos.

@V - Todos os atletas aderiram à greve?

MV - Durante as negociações percebemos que nem todos os atletas queriam entrar em greve. Mas por temerem represálias no seio do grupo, sobretudo dos mais velhos, optaram por aderir. Os que não concordaram com isso não apareceram nos três encontros que visavam alcançar um acordo com os atletas.

@V - Quem foram os mentores da greve

MV - Conforme disse, anteriormente, foram os atletas mais velhos da selecção. Aqueles que acham que a nossa federação tem muito dinheiro. E é importante afirmar que os jogadores das outras províncias afastaram-se da greve. Refiro-me, sobretudo, aos atletas da Autoridade Tributária de Nampula que até se juntaram à selecção sub-23 em Botswana.

@V - Segundo fontes nossas há quem tenha protagonizado um boicote aos treinos da selecção sub-23. Isso é verdade?

MV - Sim. O mentor desta greve tentou boicotar os treinos da equipa sub-23. Mas a federação agiu e entregou o caso ao seu departamento de jurisdição e de disciplina.

@V - E quem foi esse indivíduo?

MV - Não posso revelar os nomes por uma questão de decência.

@V - afirmou que a ida da selecção sub-23 foi para concretizar o plano B. De onde partiu esta ideia?

MV - A selecção sub-23 estava a ser formada para as competições que terão lugar no próximo ano. Portanto não foi uma solução “arranjada”, pois a equipa já existia e já vinha trabalhando para os futuros objectivos da federação.

@V - Quanto tempo de treino teve a selecção sub-23 antes do “Regional”?

MV - Estes briosos rapazes treinaram apenas um mês, porque tínhamos a esperança de que os mais velhos fossem voltar atrás na decisão, o que acabou por não acontecer.

Nestes 30 dias de preparação intensiva, 15 foram com o novo seleccionador, Raúl Romero, que veio para Moçambique com o propósito de nos colocar no “Mundial”.

@V - E esse objectivo não seria possível com a selecção sub-23?

MV - Seria possível. Com esta jovem equipa nós ambicionávamos chegar à fase africana. Infelizmente as coisas não correram tão bem. Vencemos apenas um jogo e perdemos quatro.



Voleibol: Moçambique fora do “Mundial”

A selecção nacional de voleibol sénior masculina não transitou para a derradeira fase de apuramento ao “Mundial” da Polónia do próximo ano. No torneio regional da Zona VI, disputado em Gaborone, Moçambique terminou na quinta posição.

Depois da renúncia dos jogadores que participaram na campanha anterior, a Federação Moçambicana de Voleibol decidiu convocar, para aquele país da região Austral de África, a selecção nacional sub-23 composta por jo-

gadores sem nenhuma experiência a nível de competições internacionais.

Comandado pelo técnico cubano, Raúl Romero, o combinado nacional venceu apenas uma partida diante do Lesoto, por 3 a 2, e somou derrotas nas restantes, diante da Zâmbia (1 - 3), do Zimbabwe (2 - 3), do Botswana (0 - 3) e da Namíbia (1 - 3). Moçambique terminou na penúltima posição desta fase, superando apenas o Lesoto.

De referir que a equipa anfitriã, o Botswana, tal como sucedeu na fase pré-regional que decorreu em Maputo, foi a vencedora absoluta desta competição, tendo garantido a presença no derradeiro torneio de qualificação ao “Mundial” a par da Zâmbia.

“Os treinadores estrangeiros estão a custo zero em Moçambique”

@Verdade - A FMV contratou recentemente dois treinadores estrangeiros para orientar as duas principais selecções nacionais. O dinheiro investido nesses dois técnicos não chegaria para satisfazer as exigências dos atletas?

MV - A vinda dos dois treinadores não envolveu nenhum custo adicional à federação. O técnico da selecção feminina, Amilton Barros, chegou a Moçambique na esteira da parceria existente entre a FMV e a Federação Internacional de Voleibol. Os seus ordenados são pagos por aquela instituição internacional e pelo Ministério da Juventude e Desportos.

O da selecção masculina, o cubano, veio fruto da parceria existente entre o Ministério da Juventude e Desporto e o Governo de Cuba.

É um facto que se tivéssemos dinheiro teríamos optado por melhorar as condições dos nossos atletas, pois o nosso objectivo era passar para a fase africana e lutarmos por um lugar no “Mundial” da Polónia.

Alguns atletas pediram perdão

@V - Há jogadores que se mostraram arrependidos e que eventualmente pediram perdão por terem “arremessado” a camisola da selecção nacional por 12 mil meticais?

MV - No dia 30 de Setembro, a federação recebeu cartas de vários jogadores a pedirem desculpas pelo seu mau comportamento. São eles: João Manjate, Sílvio Gove, Nêusio e Fidel. Infelizmente não puderam viajar com a selecção sub-23 porque as cartas deram entrada tardiamente.

@V - Quais são as sanções a aplicar aos atletas grevistas?

MV - A Lei do Desporto, que será evocada pelo Conselho de Disciplina por falta de um regulamento interno na federação, prevê cinco tipos de sanções para estas situações, a destacar: admoestação privada ou pública; suspensão temporária da respectiva actividade desportiva; suspensão temporária de filiação nos órgãos de hierarquia associativa desportiva; suspensão temporária do uso das suas instalações desportivas em competições oficiais; e irradiação ou extinção de acordo com a lei.

Desporto

BONS MOMENTOS
DE FUTEBOL COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Moçambola: Liga Muçulmana a 10 pontos do título

Em partida da 21ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambola edição 2014, a Liga Desportiva Muçulmana de Maputo passou literalmente por cima do Estrela Vermelha da Beira. Depois da derrota do Ferrovário da Beira, que era o segundo classificado, diante do Costa do Sol, os muçulmanos podem ser campeões a três jornadas do fim.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguenze

Foi uma partida que teve sentido único ao longo dos 90 minutos. A Liga Muçulmana foi, na verdade, a equipa mais adulta tarde fresca daquele domingo (13) e que podia, a cada jogada de ataque, marcar um golo se não fosse o desacerto total de Sonito, o melhor marcador do Moçambola.

O primeiro sinal de que a partida terminaria em goleada deu-se volvidos apenas quatro minutos, quando Sonito, depois de deixar o guarda-redes Dawuda sem possibilidade de reacção, com um “chapéu” com conta peso e medida, viu os defesas contrários tirarem o esférico sobre a linha de golo. Minutos depois, a vez foi de Josimar que, depois de tabelar com Reginaldo recebeu a bola no interior da grande área e, pasme-se, rematou por cima da baliza.

Aos 11 minutos, Sonito não teve pontaria suficiente para visar a baliza depois de um cruzamento rasteiro de Josimar. Dois minutos mais tarde, a Liga beneficiou de duas oportunidades claras de golo, primeiro através de um remate forte de Reginaldo por cima da baliza e, logo a seguir, de Sonito que levou a bola ao poste direito de Dawuda.

O Estrela Vermelha não conseguiu responder a nenhum destes lances. E porque se limitou a defender, ainda que sem sofrer por mero desacerto dos muçulmanos, permitiu que fosse um defesa central a abrir o marcador.

Numa jogada de pontapé de canto curto, Josephy, numa triangulação de primeira com Josimar, cruzou para o interior da grande área onde estava Miro para fazer o 1 a 0.

Depois do golo, o Estrela Vermelha fechou-se ainda mais na sua grande área e num erro de colocação defensiva permitiu que Reginaldo, com a baliza totalmente escancarada, ampliasse o marcador. Depois de mais uma troca de bola rápida entre Josimar e Josephy, Sonito isolou o seu companheiro de ataque. Estavam jogados 24 minutos.

Ainda na primeira parte, a Liga Muçulmana foi autora de três oportunidades de golo, com destaque para o lance que se deu no minuto 38. Sonito, depois de passar por um defesa do Estrela na entrada da grande área adversária, isolou-se mas o seu remate saiu por cima da baliza.

A equipa do Chiveve não foi capaz de criar uma jogada de ataque digna de realce nesta etapa.

Pressão alta sufocou os “polícias”

Se na primeira parte a Liga Muçulmana jogou abertamente diante de um Estrela que se fechou na sua própria área, na etapa complementar os donos da casa privilegiaram uma pressão alta e a posse de bola absoluta. O Estrela até para os pontapés de baliza patenteou muitas dificuldades visto que o seu guarda-redes não encontrava linhas de passe entre os seus companheiros.

Bastaram apenas oito minutos depois do reatamento para Reginaldo bisar ao dar sequência a um cruzamento de Josimar. Ao minuto 58, Sonito, finalmente, acertou na baliza ao emendar um remate desferido por Reginaldo e mal defendido pelo guarda-redes Dawuda.

Depois do minuto 65, quando Josimar e Josephy foram substituídos, a Liga perdeu a sua pujança ofensiva e passou a gerir o resultado. O Estrela Vermelha conseguiu, por esse motivo, desferir dois remates sendo que um, da autoria de Yussuf, foi com algum perigo à baliza de Milagre.

Com menos um jogo, a Liga Muçulmana está cada vez mais perto do título, assumindo a liderança isolada da prova com 43 pontos, mais seis do que o HCB de Songo que na tarde de domingo (13) derrotou o campeão nacional em título, o Maxaquene, por 3 a 1. Eboh marcou primeiro pelos tricolores mas Nicholas, nos instantes finais da primeira parte, restabeleceu a igualdade.



Os restantes golos da equipa hidroeléctrica foram apontados por Fabrice e Zuma.

Quadro de resultados

Costa do Sol	1	x	0	Fer. da Beira
Têxtil de Púnguè	1	x	1	Fer. Nampula
Clube de Chubuto	3	x	3	Fer. de Maputo
HCB de Songo	3	x	1	Maxaquene
Matchedje	0	x	1	Chingale de Tete
Desp. de Nacala	2	x	0	Vilankulo FC
Liga Muçulmana	4	x	0	Estrela Vermelha

Próxima Jornada

Fer. de Nampula	x	Fer. da Beira
Fer. de Maputo	x	Têxtil de Púnguè
Maxaquene	x	Clube de Chibuto
Chingale de Tete	x	HCB de Songo
Vilankulo FC	x	Matchedje
Estrela Vermelha	x	Desp. de Nacala
Liga Muçulmana	x	Costa de Sol

Publicidade

cutting through complexity

Cursos
Moçambique

AUDITORIA INTERNA DE PROCUREMENT



A evolução do processo de aquisição leva a demanda de aumento de conhecimentos dos auditores na área de *procurement*. Aquisição de bens e serviços é uma componente importante do orçamento empresarial e, portanto, manter a transparência, prestação de contas e imparcialidade no processo de aquisição é imperativo.

Este curso irá melhorar o seu conhecimento em o todo ciclo de vida do processo de *procurement* e os riscos envolvidos. Irá desenvolver as suas habilidades práticas no processo de auditoria de *procurement*, desde o planeamento até a execução, elaboração de relatórios e monitoria das recomendações.

O que você vai aprender:

Noções básicas sobre o processo de *procurement*/compras (entendimento do fluxo de processo de compras).

Conteúdo:

- **Procurement:**
 - Público vs. Privado
 - Centralizado vs. Descentralizado
- **Principais riscos da área de compras.**
- **Como auditar o ciclo de vida do *Procurement*, nomeadamente:**
 - Seleção de fornecedores (por cotações e por concursos);
 - Monitoria do desempenho dos fornecedores.
 - Devolução e registo da mercadoria; e
 - Requisição;
 - Emissão da ordem de compra;
 - Monitoria da encomenda;
 - Recepção de mercadorias,

29 a 31 de Outubro 2013

Local: Escritórios da KPMG em Maputo

Custo por Pessoa: 40 000,00 MT (IVA incluído)

10% de Desconto para grupo empresarial (mais de cinco participantes)

N.B.: Trazer o seu computador dar-lhe-á vantagens nos exercícios práticos

Quem Deve Participar

- Auditores internos que pretendam aprofundar seus conhecimentos de auditorias a processos de compras;
- Gestores e funcionários de empresas que queiram melhorar a eficácia dos seus processos de compras; e
- Qualquer outra parte interessada.

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, n.º 72C, Edifício Hollard, Maputo

Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snahchale@kpmg.com

Desporto

Apuramento Brasil 2014: Bélgica de regresso, Bósnia estreia-se... e os apurados do costume Alemanha, Inglaterra, Suíça, Espanha

Belgas voltam a jogar um campeonato do mundo 12 anos depois. Marc Wilmots esteve em quatro como jogador, agora é o treinador. Quase duas décadas depois de a Bósnia se tornar um país independente, depois da sangrenta guerra civil de 1992 a 1995, a ex-República jugoslava comemorou a sua primeira classificação para um Campeonato do Mundo de Futebol, esta terça-feira (15), com a vitória, por 1 x 0, sobre a Lituânia.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa

O golo de pé esquerdo do atacante Vedad Ibisevic na metade da segunda parte levou a selecção da Bósnia para o seu primeiro grande torneio como nação independente, para delírio dos 5 mil adeptos bósnios que viajaram a Kaunas e dos milhares que comemoram o feito no país dos Balcãs.

Fogo de artifício iniciou a festa na capital Sarajevo e os adeptos com a camisa da selecção e a bandeira do país tomaram as ruas depois de a Bósnia terminar o Grupo G das eliminatórias europeias para o Brasil 2014, com os mesmos 25 pontos da Grécia, mas à frente dos gregos no saldo de golos.

O atacante Edin Dzeko, do Manchester City, disse depois da classificação: “Quero mandar as minhas saudações para o Brasil e dizer que no próximo ano vamos mostrar quão poderosa é a Bósnia”. Depois de estar perto da classificação em ocasiões anteriores, a Bósnia parecia caminhar mais uma vez para a repescagem com a bem organizada defesa da Lituânia e uma actuação inspirada do guarda-redes Giedrius Arlauskas a frustrar os visitantes.

A Bósnia pressionou a Lituânia desde o início, mas a classificação inédita só veio com o golo de Ibisevic, iniciando a festa em Sarajevo. “Isso é loucura, todo o mundo está extasiado, a gritar e a dançar”, disse Matea Perovic, de 15 anos, enquanto se dirigia a um local onde os jogadores se encontrariam com os adeptos ainda na terça-feira, depois de voltarem da Lituânia.

Belgas de regresso 12 anos depois

Marc Wilmots é o comandante da geração de ouro da Bélgica, ele que tem uma bela história como jogador. No currículo ganhou apenas uma Liga Belga (Mechelen, 1989), uma Taça (Standard, 1993), uma Supertaça (Mechelen, 1989) e uma Taça da Alemanha (Schalke, 2002); na Europa conquistou uma Taça UEFA (Schalke, 1997) e uma Supertaça Europeia (Mechelen, 1988). Apesar de não ter qualquer título pela selecção, é aqui onde a sua dimensão deixa poucas dúvidas. Wilmots esteve presente em quatro campeonatos do mundo: 1990, 1994, 1998 e 2002. No primeiro, nem sentiu o cheiro da relva em Itália; nos Estados Unidos foi titular apenas na derrota contra a Arábia Saudita (0-1) – os belgas foram eliminados nos oitavos-de-final pela Alemanha (2-3). Wilmots começou a deixar um rasto em França: marcou dois ao México (2-2) e fez os 90 minutos nos três jogos do grupo, até onde chegaram. No “Mundial” da Coreia e Japão, marcou nos três jogos: um aos nipónicos (2-2), outro à Tunísia (1-1) e mais um à Rússia (3-2). A caminhada teria um stop nos oitavos-de-final contra o Brasil (0-2).

E é precisamente desde o Mundial-2002 que a selecção belga não sente o sabor da competição, algo que vai mudar no próximo Verão, no Brasil – já nos “Europeus” falham desde 2000, no qual eram anfitriões. Ao bater a Croácia por 2-1 (bis de Lukaku), os belgas asseguraram o primeiro lugar do Grupo A. Wilmots será o segundo belga a estar presente num Mundial como jogador e treinador. Antes, só Paul van Himst, um avançado que jogou no Anderlecht entre 59 e 75.

Esta é, de facto, uma selecção dourada. Toca a suster a respiração, aqui vai a lista dos craques: Courtois (21 anos, Atlético Madrid por empréstimo do Chelsea), Mignolet (25, Liverpool), Vermaelen (27, Arsenal), Lombers (28, Zenit), Vertonghen (26, Tottenham), Kompany (27, Man. City), Bruyne (22, Chelsea), Witsel (24, Zenit), Defour (25, FC Porto), Fellaini (25, Man. United), Chadli (24, Tottenham), Benteke (22, Aston Villa), Hazard (22,



Chelsea), Mirallas (26, Everton), Dembélé (26, Tottenham), Bakkali (17, PSV) e Lukaku (20, Everton por empréstimo)... Tanto, tanto talento!

Outro craque em vias de dar o seu precioso contributo à selecção belga é Adnan Januzaj, um canhoto de 18 anos que começa a dar nas vistas no Manchester United.

Suíça bate Albânia e classifica-se

A selecção da Suíça garantiu na passada sexta-feira (11) um lugar no “Mundial” de 2014 ao vencer a Albânia, em Tirana, por 2 a 1.

O primeiro golo foi marcado pelo médio atacante Xherdan Shaqiri, aos 2 minutos do segundo tempo do jogo. Pouco mais de meia hora depois, Michael Lang ampliou. Hamdi Salihi reduziu no último minuto do jogo, de penálti.

Com o resultado, os suíços garantiram o primeiro lugar do grupo E das eliminatórias europeias para a Copa, com 19 pontos. A Albânia, com 10 pontos, está matematicamente eliminada e já não tem hipóteses de se fazer presente no “Mundial”. Esta será a 10ª vez que a Suíça disputará o a final.

Alemanha mantém campanha impecável e garante classificação

Tricampeã mundial, a Alemanha também carimbou o passaporte para o “Mundial” de futebol de 2014 na sexta-feira, ao vencer a selecção da Irlanda, por 3 a 0.

Para ganhar o jogo, que valeu a primeira posição do grupo, dois goleadores inéditos apareceram decisivamente. O médio Sami Khedira e o atacante André Schürrle marcaram o seus primeiros golos com a camisola da selecção. No período de compensação da etapa final, Mesut Özil fechou a contagem.

Com a vitória, os alemães chegaram aos 25 pontos, com cinco de vantagem sobre os segundos classificados do grupo C, os suecos, que venceram a Áustria, por 2 a 1, garantindo lugar na repescagem continental.

Campeões classificam-se

A Espanha, actual campeã mundial, assegurou o seu lugar com vista a defender o título mundial, no Brasil em 2014, graças aos golos de Alvaro Negredo e Juan Mata que garantiram uma confortável vitória, por 2 x 0, sobre a Geórgia, nesta terça-feira (15).

A vitória em Albacete significa que os actuais campeões do mundo e da Europa terminaram o Grupo I das eliminatórias europeias na primeira posição, com 20 pontos em oito partidas, mais três do que a França, que derrotou a Finlândia, por 3 x 0, em Paris, e vai disputar a repescagem à procura de um lugar no Mundial.

Negredo, que marcou o segundo golo da Espanha na vitória, por 2 x 1, sobre a Bielorrússia na sexta-feira, depois de receber um cruzamento de Andrés Iniesta, marcou o primeiro golo da Espanha, aos 26 minutos.

O atacante do Manchester City chegou a enviar uma bola para a trave a cinco minutos do fim da primeira parte, antes de Mata, que havia entrado para o lugar de Pedro, sacramentar a vitória aos 16 minutos da segunda parte.

Rússia empata e classifica-se, Portugal vai à repescagem

A Rússia conseguiu o seu lugar no “Mundial” que será disputada no Brasil, com um empate a 1 nesta terça-feira (15), graças a um golo no início da partida de Roman Shirokov, garantindo o primeiro lugar no Grupo F das eliminatórias europeias e deixando Portugal com a tarefa de disputar a repescagem.

A Rússia, comandada pelo técnico italiano Fabio Capello, não se classificava

para um campeonato mundial desde 2002, e marcou o primeiro golo aos 15 minutos, quando Shirokov ficou cara a cara com o guarda-redes Kamran Agayev depois de um belo lançamento de Alexander Samedov, e finalizou fazendo o 1 x 0.

A selecção do Azerbaijão viu Maksim Medvedev ser expulso aos 28 minutos da segunda parte depois de uma entrada dura em Shirokov, mas conseguiu empatar quando Vagif Javadov superou o guarda-redes Igor Akinfeev com uma finalização de cabeça. A Rússia, que vai sediar o “Mundial” de 2018, assegurou o lugar mesmo com o empate, com 22 pontos em 10 partidas, mais um ponto que Portugal, o segundo classificado, que vai disputar a repescagem e ainda tem hipóteses de se classificar para a Copa.

Rooney e Gerrard classificam Inglaterra

Wayne Rooney e Steven Gerrard marcaram na vitória, por 2 x 0, sobre a Polónia, na terça-feira (15), e colocaram a Inglaterra na primeira posição do Grupo H das eliminatórias europeias para o Campeonato Mundial de Futebol de 2014.

Numa noite empolgante no estádio de Wembley, Rooney marcou o primeiro golo, aos 41 minutos, depois do cruzamento de Leighton Baines e de a Inglaterra construir pacientemente a jogada que levaria ao primeiro golo do jogo.

A partida foi disputada num clima tenso, uma vez que qualquer resultado que não fosse a vitória deixaria a Inglaterra para uma potencialmente complicada repescagem em apenas duas partidas, uma vez que a rival de grupo Ucrânia conseguiu uma fácil vitória por 8 x 0 sobre San Marino.

Mas Gerrard provocou o início das comemorações dos ingleses a dois minutos do fim ao invadir a área e bater o guarda-redes Wojciech Szczesny.

Chile vence Equador por 2 x 1 e as seleções classificam-se

Na América do Sul, a selecção chilena derrotou, na terça-feira (15), por 2 x 1, o Equador, um resultado que classificou os dois países para o “Mundial” de futebol de 2014.

Com a vitória, o Chile encerrou a sua participação em terceiro lugar, com 28 pontos, enquanto o Equador ficou em quarto, com 25 pontos, a mesma quantidade de pontos que o Uruguai, mas com uma melhor diferença de golos. Assim, o Uruguai disputará a repescagem com a Jordânia no próximo mês.

Escola Nacional de Música celebra 30 anos

Nos últimos 30 anos da sua existência, a Escola Nacional de Música pode ter sido a contradição de si mesma enquanto um projecto, efectivamente, de âmbito nacional. É que por causa da sua localização em Maputo – sul de Moçambique – ela continua muito longe de ser o que se diz dela. Mas há outros factores que explicam o facto.

Texto: Redacção • Foto: Ouri Pota

No passado dia 1 de Outubro, a Escola Nacional de Música completou três décadas da sua existência e, em virtude disso, promoveu um concerto musical no Centro Cultural Franco-Moçambicano para celebrar. Esta instituição é a primeira que – no nosso país – se configurou como uma espaço de reflexão académica e produção de um dos bens mais sublimes que a humanidade possui – a música.

São três décadas de ensino musical que, em certo sentido, representam um esforço recheado de muitas lacunas mesmo a partir da dimensão que a mesma se diz possuir. E, por causa disso, há muitos moçambicanos que – nos últimos 30 anos – ainda que tenham talento musical, sonhos e projectos em relação a uma carreira musical se viram impelidos a fazê-lo de uma forma empírica já que não podiam cursar naquela instituição.

A Escola Nacional de Música continua inacessível para os moçambicanos, não necessariamente porque se encontra na cidade de Maputo, mas porque ela não possui delegações nas três regiões do país, o que – ao longo dos anos em celebração – determinou que quem quisesse aprender música tivesse de se deslocar até à capital do país.

A falta de políticas concretas para a expansão da Escola Nacional de Música – contrariando o próprio nome da instituição – constitui um grande desafio para que contribua de modo mais alargado na formação de músicos em todo o país.

Como Filipe da Conceição Fumo, professor de bateria e trombeta, explica é irrecusável que a Escola Nacional de Música cresceu. O problema é que, ao longo dos anos, ela não conseguiu gerir as dificuldades com que depa-rou. Por isso, o crescimento dos obstáculos que possui é maior que a sua evolução. Mesmo tendo-se em consideração nomes como Tânia Tomé, Moreira Chonguica, Ivan Mazuze, entre outros artistas moçambicanos de nomeada que deram os seus primeiros passos naquela instituição de ensino técnico.



Pretende-se que estas festividades espelhem efectivamente o tempo que passou e, em certo grau, os feitos da instituição. É por essa razão que o mérito da Escola Nacional de Música se conquista “ensinando a música com arte e fazê-la com cultura”. Trata-se de um mote que, na prática, só peca que ter uma dose de utopia. Afinal, como Filipe Fumo considera, parte da desorientação que nessa academia ocorreu deveu-se às transformações ocorridas ao nível do sistema de governação.

É que se no primeiro mandato do Presidente da República, Armando Emílio Guebuza os pelouros da Educação e Cultura estavam aglutinados na mesma instituição, no início do segundo, reestruturou-se o Governo separando-se aquelas instituições uma da outra. E a Escola Nacional de Música – que lida com o ensino e a educação da produção músico-cultural – teve de experimentar dificuldades características do renascimento do Ministério da Cultura ao qual passou, exclusivamente, a pertencer.

De acordo com Filipe da Conceição, tais transformações, além de confundirem, desestabilizaram o processo de ensino na Escola Nacional de Música por falta de um acompanhamento adequado, muito em particular porque não se tinha a definição exacta do pelouro a que pertenceria a instituição.

Da Conceição acredita que outras instituições de ensino superior – como, por exemplo, a Escola de Comunicação e Arte e o Instituto Superior de Artes e Cultura – que leccionam as artes e a gestão cultural inspiraram-se, em certo grau, no trabalho feito pela Escola Nacional de Música. Afinal, esta, com o ensino

de música, já havia criado uma base a partir da qual se podia criar uma plataforma mais alargada em que os estudantes prosseguem a sua formação.

É em consequência destas transformações que o docente acredita que as demais instituições de nível superior acabaram por dar resposta à pergunta – para onde é que serão destinados os alunos formados naquela escola? Eles podem dar continuidade à carreira estudantil ou optar por seguir a música como profissão.

Ora, se se considerar que a Escola Nacional de Música é de nível básico, constata-se que se está diante de uma situação problemática. Os alunos ali formados não podem ingressar no ensino superior sem, antes de mais, concluírem o nível médio. Criar esse nível é um dos grandes desafios da referida escola.

Felipe Fumo explica que foi a partir de alguns artistas que passaram por ali – considerados músicos de palco – que a sociedade moçambicana percebeu o valor da Escola Nacional de Música. Não obstante, não deixa de criticar algumas correntes de opinião que só vê brincadeiras no trabalho artístico.

O problema é que, infelizmente, a sociedade moçambicana só considera profissionais apenas as pessoas formadas em medicina ou os políticos, excluindo as pessoas com uma especialidade – mesmo que seja de nível superior – na área das artes.

Espera-se que estes 30 anos sejam um momento não só de celebração como também de reflexão em volta da missão que a Escola Nacional de Música possui.

Pretende-se que a escola evolua em aspectos que têm a ver com a qualidade do ensino, expandindo-se para outras regiões do país, bem como as suas infra-estruturas.

Corrupção na Função Pública ‘atingiu’ o Museu de Etnologia

Texto & Foto: Sebastião Paulino

Em Nampula, a problemática da corrupção que preocupa a sociedade moçambicana já ‘atingiu’ o Museu Nacional de Etnologia e é retratada de forma caricatural por Justino Cardoso. Corrupção Na Função Pública é o mote da exposição que irá decorrer por tempo indefinido...

Está patente, desde o dia 1 de Outubro, no Museu Nacional de Etnologia, na cidade de Nampula, uma exposição em banda desenhada protagonizada pelo artista gráfico moçambicano, Justino Cardoso, que retrata as diferentes formas por meio das quais a corrupção, na Função Pública, se manifesta.

A mostra está estruturada em três subáreas de tematização, apresentando mais de 100 pranchas, com cenários que nos ilustram a manifestação do fenómeno. Por exemplo, na segunda secção da mostra, o artista retrata a vida e a obra do Presidente Samora Machel enquanto na última se ilustra a governação do Presidente Armando Emílio Guebuza.

Justino Cardoso afirma que, com esta exposição, tem o objectivo de mostrar como os funcionários públicos tratam os cidadãos que demandam os serviços prestados pelo Estado. Aliás, na Função Pública, a corrupção é muito evidente. Por isso, o criador adverte a sociedade sobre a necessidade de haver uma intervenção enérgica para controlá-la.

De acordo com o artista, o povo quer que o sector público seja livre de corruptos. “É uma vergonha o que se assiste nesse sector, sobretudo porque é lá onde encontramos determinados dirigentes que – de forma corrupta – exigem dinheiro aos cidadãos a fim de despachar processos que deviam correr de forma transparente”.

No Museu Nacional de Etnologia, a exposição estará aberta ao público por um tempo indeterminado. Existe, no entanto, um projecto de fazer circular as obras nas escolas dos distritos de Nampula para desencorajar a prática da corrupção a partir da base. Presentemente, o artista encontra-se a trabalhar para traduzir um manual contendo as caricaturas.



Olaria pode desaparecer em Nampula

Em Nampula, o desenvolvimento industrial – há muito almejado – que se verifica está a contribuir para o desaparecimento da prática da cerâmica. O pior é que com a queda, cada vez mais crescente, da sua demanda as famílias que encontram na olaria uma actividade económica vêem as suas rendas comprometidas.

Texto & Foto: Cristóvão Bolacha

Os oleiros da província de Nampula fabricavam e vendiam os seus objectos no Museu Nacional de Etnologia, localizado no centro da urbe. Em princípio, o local é estratégico por ser bastante visitado por cidadãos estrangeiros, com enfoque para os turistas. É também para lá onde as comunidades locais se deslocavam para comprar utensílios domésticos.

Entretanto, o que, actualmente, se assiste é que poucas pessoas se interessam por aquele tipo de objectos. Em resultado disso, parte dos oleiros está a abandonar a olaria. Recentemente, o Jornal manteve contacto com duas oleiras que – diferentemente dos demais – continuam a praticar a sua actividade a fim de perceber as reais razões do fenómeno.

O drama narrado em uníssono pelas artesãs é que, nos últimos dias, os produtos por si manufacturados têm sido menos comprados. Esta situação está a desencorajar os ceramistas – muitos dos quais abandonaram a actividade.

De uma ou de outra forma, a boa nova é que – venha o que vier – ambas as oleiras, com quem interagimos, estão decididas a não abandonar o seu ofício. Nas suas stands de exposição encontram-se panelas de barro, jaras, cabaças, pratos, bonecos, objectos de decoração e vasos a partir dos quais – em grande parte – se mantém a cultura tradicional de um povo.

Ao lado da mãe Marina Amade, de 60 anos de idade, natural do distrito de Moeda, província de Cabo Delgado, começou a dedicar-se à olaria quando tinha oito anos. Juntas, fabricavam panelas de barro com uma capacidade de 25 litros de água, incluindo jaras. Depois da fabricação dos objectos, aos domingos, vendiam-nos num mercado local. A procura pelos referidos produtos foi sempre boa.

Entretanto, quando Marina perde a sua mãe, ao longo da luta de libertação nacional, mudou-se para a cidade de Nampula, onde se juntou a vários ceramistas no Museu Nacional de Etimologia. Para Marina, mudar da sua província para Nampula foi uma acção estratégica, muito em particular, porque ali as possibilidades de garantir a sobrevivência a praticar a olaria eram seguras, afinal a cidade é turística.

Nesse sentido, quando a oleira se recorda de que a “minha mãe trabalhava e sustentava a família através do fabrico e venda de panelas de barro”, percebe a necessidade de prosseguir a dedicar-se na mesma actividade.

Marina Amade refere que a olaria já foi uma actividade rentável, visto que naquela época turistas de diversas partes do mundo compravam objectos produzidos e comercializados no museu.

Recorde-se de que, no passado, sobretudo durante os anos em que decorreram os dois conflitos armados em Moçambique, o colonial e o dos 16 anos, nas zonas rurais utilizavam-se mais os utensílios domésticos fabricados por artesãos e oleiros.

Entretanto, com o passar do tempo, o que, presentemente, sucede é que “está difícil viver na cidade de Nampula com recurso à prática da olaria como actividade económica. Nos últimos tempos, esta arte não é rentável porque já não há muitos clientes como dantes. É possível ficarmos uma semana sem vender artigos”.



Marina afirma que na altura os objectos de barro eram muito comprados. Diariamente, ela conseguia vender entre 300 e 1000 meticais. Entretanto, devido à falta da clientela, a oleira acabou por se integrar na Galeria Centro Nairuco-Artes, onde faz o mesmo trabalho.

Naquela instituição, em gesto de gratidão, mensalmente, Marina recebe 500 meticais – um valor insuficiente para as suas necessidades. A novidade é que nesta organização a oleira Marina não tem tido falta de equipamentos para trabalhar.

Além da facilidade que possui na venda dos artigos, o Centro Nairuco-Artes tem disponibilizado meios de transporte para os artistas sempre que procuram as matérias-primas para o seu trabalho. Por isso, “já não percorro longas distâncias à procura de barro, porque o centro tem um carro que nos acompanha até à zona onde o mesmo é extraído”, comenta.

Entretanto, apesar de estar filiada numa associação que se dedica à venda de objectos de barros como especialidade, Marina também depara-se com a crise que decorre da fraca compra dos seus produtos. “Fabricamos os nossos objectos mas há vezes em que os mesmos permanecem por muito tempo no centro sem serem comprados. Isso também nos desestimula”, afirma a oleira que realça que mesmo com a falta da clientela não se deve parar de trabalhar.

Amina António, de 39 anos de idade, também se dedica à olaria desde a infância e tem nessa actividade o seu meio de sobrevivência que, continuamente, se está a tornar inseguro. Para esta criadora que se dedica à olaria há cerca de 30 anos – desde que em 1985 se iniciou naquela forma de arte com o seu pai – abandoná-la é uma alternativa impensável.

De uma ou de outra forma, uma realidade não deixa de ser dramática. “Nos dias que correm, fico, pelo menos, uma semana a fabricar um recipiente de 25 litros porque sou obrigada a fazer viagens sucessivas à procura do barro. No entanto, o verdadeiro problema é que, na realidade actual, há vezes que sou impelida a trocar os meus objectos por produtos alimentares”.

Cultura incrustada na criação

Um aspecto peculiar típico da cerâmica é que, vista ao pormenor, os artefactos produzidos pelos oleiros e artesãos, em Nampula, traduzem parte essencial da vivência dos moçambicanos. Narram factos sobre o passado, sobretudo colonial, bem como a realidade actual em que vivem. A olaria é uma ferramenta a partir da qual as gerações actuais percebem e interpretam o ontem, da mesma forma que as gerações futuras irão interpretar o nosso hoje.



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

Ele não “bate cem”

Cumprimenta toda a gente com um sorriso de orelha a orelha, como se alguma vez tivesse compartilhado momentos com as pessoas com as quais se vai cruzando nas ruas desta cidade destinada a andar ao relatin.

Está sempre bem disposto. Jovial. Desmente constantemente aqueles que, sem a coragem de o dizer abertamente, afirmam por debaixo da mesa que este homem é petulante, faz aqueles salamaleques todos porque quer mostrar o fato que veste, e os sapatos sempre engraxados e polidos. Dizem ainda, outros, perante a saudação desinteressada desta figura humilde e solitária, que ele não “bate cem”.

Já ultrapassou a casa dos setenta, contrariando uma complexão física incólume. O cabelo, mais de prata do que branco, cobre-lhe a cabeça bem talhada, em cuja testa se adivinha um homem inteligente. Caminha despreocupado, vai-se espelhando nas montras gradeadas das poucas lojas que sempre existiram por aqui. Não traz nada nas mãos, senão uma bengala de madeira de sândalo, que vai espalhando o seu perfume natural por onde passa. É um homem intemporal, porque aqueles que o conheceram na infância dizem que foi sempre assim, cordial, asseado, educado, cavalheiro. Pronto, em todo o momento, para vestir a pele do bom samaritano.

Muitos já tentaram ouvir dele alguma palavra, e isso nunca aconteceu. Os vizinhos jamais escutaram vozes dentro da sua casa onde vive sozinho, desde que os pais morreram num naufrágio quando ele tinha 20 anos. Os seus antigos colegas bancários dizem que, durante o trabalho, ele falava apenas o necessário. Sabia ouvir e respeitar a todos dentro da instituição, mas não falava, ou, se falava, as palavras eram austeras o suficiente para deixar clara a mensagem. Se alguém a ele se dirigisse e fizesse uma pergunta que exigisse resposta, analisava rapidamente a questão e, se as palavras fossem desnecessárias, abanava a cabeça, ou em sinal de anuência ou de reprovação, mas sempre com um sorriso nos lábios.

Era o único funcionário do seu tempo que mudava de fato e sapatos todos os dias. Os que trabalharam com ele afirmam que tinha mais de trinta conjuntos, cada fato com a sua gravata, com a sua camisa, e com o seu par de sapatos, com sola sempre nova. Era um gentleman, um senhor que fazia inveja pela postura que tomava perante o trabalho e perante a vida. Depois da actividade laboral, que terminava para além das 17.00 horas, passava pela esplanada da sua eleição e bebia um café e um copo de água. Todos os que passassem por ali olhavam para ele como se estivessem a contemplar uma estrela. Saudavam-no e ele correspondia abanando a cabeça e sorrindo. Sem palavras. Bebia o café e a água e ia-se embora, sem dizer nada. Os empregados de mesa, quando ele chegasse, já sabiam o que ele queria. Corriam a limpar a mesa e a servi-lo com esmero. Era respeitado.

E hoje há quem diga que ele não “bate cem”. Qual?!? “Bate cem”, sim senhor! O que acontece é que ele nasceu para viver distante de nós. Provavelmente não seja deste chão. Provavelmente ele estará a dizer para nós, “estes tipos não batem cem”.

Paixão pela literatura não tem proveito

Na literatura, o escritor moçambicano Stoelwart Kazuru é conhecido pela alcunha O Camponês. Com 58 anos de idade, dedica-se à escrita desde 1984 e tem três obras de poesia. O problema é que todas elas não estão editadas. Falta-lhe o patrocínio...

Texto & Foto: **Sebastião Paulino**

A relação do escritor moçambicano, O Camponês, com a literatura tem um início curioso. Em 1984, quando era administrador do distrito de Mogincual, na província de Nampula – e realizava comícios – começou a fazer anotações de algumas frases que proferia nos seus discursos, incluindo aspectos ligados aos marcos da sua governação.

O seu próprio heterónimo – O Camponês – é fruto de algumas operações, por si, levadas a cabo na Ilha de Moçambique e em Mogincual que consistiam em fazer encorajamentos às populações dos dois distritos no sentido de se empenharem na produção de comida, na machamba, como forma de lutar contra a fome vigente na época.

A preocupação de O Camponês era movida por várias razões. Em Mogincual e na Ilha de Moçambique há terras aráveis – próprias para a prática da agricultura – e gente activa. O problema é que os mesmos não aproveitavam a terra para produzir – o que agudizava a fome.

Com efeito, uma das estratégias por si adoptadas – para combater a fome nos dois distritos onde foi administrador – foi realizar o censo da população a fim de atribuir a cada família uma machamba e instrumentos de produção.

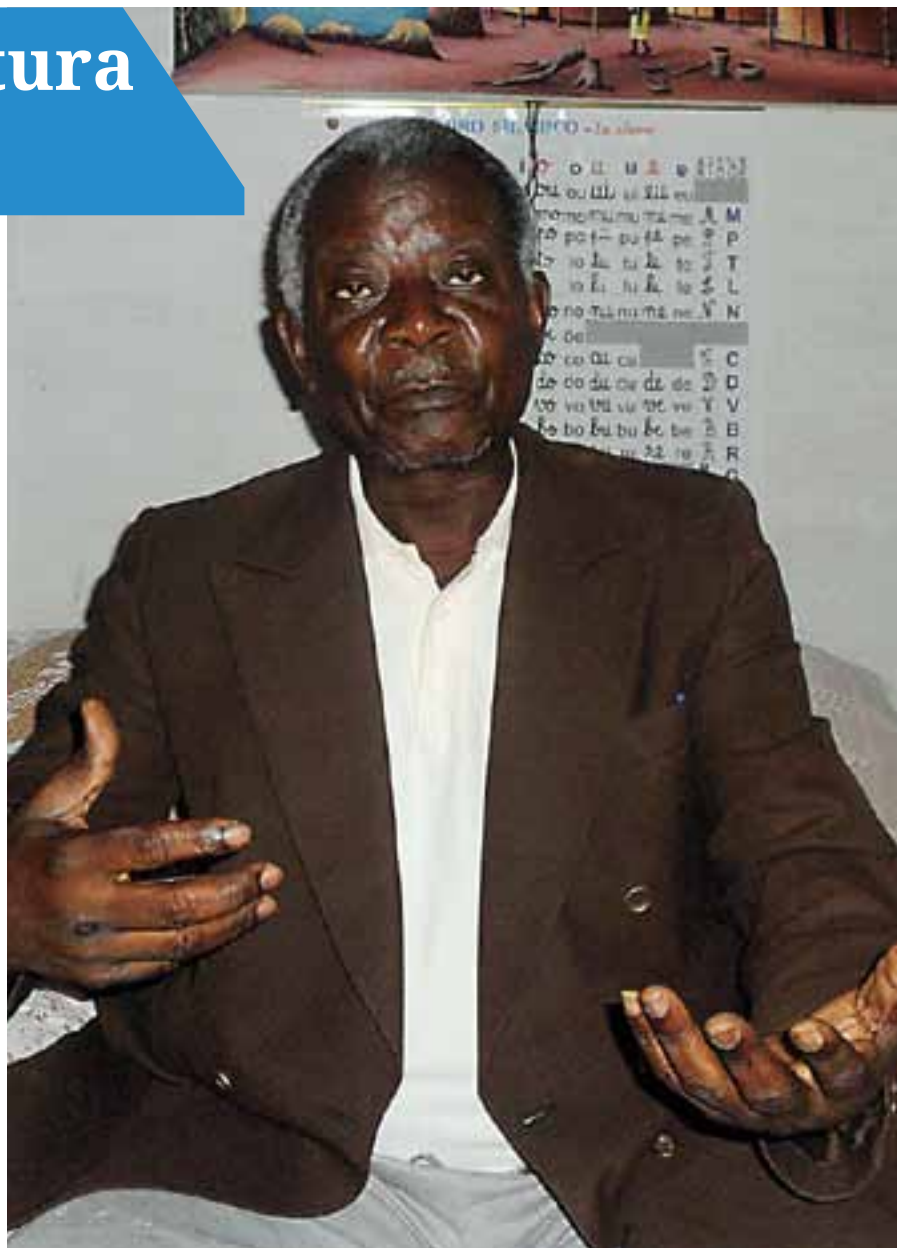
O processo foi muito difícil porque – segundo O Camponês – as populações dos referidos distritos não têm o hábito de trabalhar na machamba. Por isso, para que a operação fosse bem-sucedida foi necessário que se realizasse uma patrulha contínua.

“Eu sou o camponês, filho e neto de camponeses”, dizia Stoelwart Kazuru nas suas campanhas dirigidas a cada família que pretendia que produzisse para o seu sustento e para o bem-estar geral da população local. O Camponês estava convicto de que a única forma de combater a fome era produzir alimentos na machamba. E devia-se produzir comida em grande quantidade.

Em resultado do referido trabalho, as populações empenharam-se no trabalho e, no fim de cada campanha agrícola, iam apresentar a sua produção ao governo local do distrito como forma de demonstrar que o encorajamento do administrador era uma mais-valia. As gentes locais apelidaram-no de O Camponês.

A batata-doce, o arroz, o milho, a mandioca, o feijão e o amendoim são exemplos do que as populações produziam. E o mais importante é que parte do produto era destinada ao comércio.

Para imortalizar o heterónimo O Camponês – que lhe foi atribuído pela população – Stoelwart Kazuru, que é na-



tural da província de Tete, passou a assinar as suas poesias com o mesmo. No entanto, “é preciso ter em conta que não considero este nome artístico. Ele tem um sentido de luta”, refere o escriba.

Ora, enquanto não consegue publicar a obra, o escriba não se vangloria dos seus escritos. Ele sente um vazio dentro de si porque, ainda que deposite os seus pensamentos e sentimentos no papel, os mesmos carecem de ser tornados públicos e partilhados entre os amantes da literatura.

Os temas sociais como, por exemplo, a violência doméstica, a fome e a criminalidade são parte do que se discute nos seus textos muito focalizados na luta contra os males que preocupam a sociedade. Entretanto, nos dias que correm – fruto da realidade contemporânea – O Camponês tem investido tempo para escrever versos com um conteúdo que revela alguma angústia em relação ao regime de governação vigente.

Stoelwart Kazuru inspira-se na poesia de combate e relaciona isso com a sua experiência durante os 16 anos de guerra no país, logo depois da proclamação da independência. Aliás, ao longo dessa época, O Camponês vivia num Seminário onde protagonizava actividades culturais como, por exemplo, os saraus em que declamava poesia, cantava e apresentava peças teatrais.

Gostar de escrever

O Camponês começou a apreciar a arte de escrever a partir de 1971, altura em que se envolveu na vida militar. Tinha um bloco de notas no qual anotava as peripécias mais importantes que decorriam durante os treinamentos. Quando, em 1984, assumiu o cargo de administrador abandonou o canto e a dança e passou a dedicar-se exclusivamente à escrita. Iniciou-se assim uma paixão pela literatura de que ainda não se orgulha, muito em particular porque nenhuma das suas obras foi editada.

“Comecei a escrever em 1984 e, quando iniciei, tudo parecia brincadeira. Apli-

quei-me continuamente até que consegui compilar os meus três livros que ainda não estão publicados por falta de patrocínio”, refere acrescentado que, infelizmente, a maior parte dos artigos se perdeu na convulsão da guerra.

Publicar o livro

De todos os empresários de quem se aproximou a solicitar apoio – para o efeito – nenhum se prontificou a financiar a publicação dos livros de O Camponês. É isso o que, em parte, obsta o seu desenvolvimento artístico como escritor. Afinal, é preciso ter a reacção e a crítica dos leitores.

Desesperado, O Camponês acabou por pedir apoios ao ministro dos Combatentes, bem como à governadora de Nampula. No entanto, até os dias actuais, nenhuma resposta – mesmo negativa – lhe foi dada. “A esperança é a última virtude que um Homem perde. Por isso, enquanto eu estiver vivo tenho a certeza de que um dia o meu livro será publicado”, afirma O Camponês que está decidido a seguir o seu sonho.

Se O Camponês pudesse orientar os acontecimentos em favor próprio, a primeira obra que se publicaria chama-se A Vida É Um Serviço. A explicação para a escolha do tema – como explica o autor – é simples: “no dia-a-dia uma pessoa deve exercer uma tarefa que lhe dê alguma identidade”.

Entretanto, enquanto as condições para publicação dos seus livros não se criarem, O Camponês declama os seus textos em eventos festivos locais, incluindo alguns programas da Rádio Moçambique. Na verdade, são necessários 200 mil meticais para que o sonho de ter uma publicação se torne realidade.

Não há vontade política

Face à realidade actual, Stoelwart Kazuru inquieta-se com um problema que ele chama falta de vontade política do governo de Nampula, a fim de que a sua obra seja publicada. Além do mais, há muitos jovens que, presentemente, se engajam na literatura.

“Há muitos jovens que se dedicam à literatura, mas o Governo não os agarra com as duas mãos. Por isso, corremos o risco de perdê-los”.

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Walter Zand na Marcha Final

Nos últimos tempos, a vivência humana tem sido caótica denunciando qualquer coisa dos tempos apocalípticos. Está tudo confuso. Inspirando-se nesse caos, o artista plástico moçambicano, Walter Zand, diz que se está numa Marcha Final. Simplesmente surreal, até um prémio a obra já ganhou...

Texto & Foto: Redacção

A última criação artística publicada de Walter Zand, que se encontra no Museu Nacional de Arte, chama-se Marcha Final. Trata-se de uma obra temática e, semelhante a qualquer objecto artístico, com uma história por se ler e interpretar. O aspecto peculiar é que essa narração é referente aos nossos dias, já, como o artista considera, profetizados.

É por esse razão que, diante dela, e induzido pelo seu tema, além de contemplar o aspecto estético-pictórico, o espectador é convidado a reflectir sobre o dito assunto.

É que “quando associada aos acontecimentos que se operam no mundo actual, a Marcha Final denuncia uma espécie de fim. Parece-me que já estamos a chegar ao fim dos tempos. É nesse sentido que, ao analisar as peripécias do quotidiano, compreendi que é apropriado partilhar o meu sentimento de medo em relação aos problemas que o mundo está a experimentar”.

Na criação, Walter Zand – o terceiro vencedor da 13a Bienal TDM nas artes plásticas – propõe-se a discutir os grandes problemas das sociedades contemporâneas. “Será que haverá uma profilaxia, ou seja, um remédio, para que os males de que padece a humanidade se curem? Ou a nossa marcha – em direcção ao fim – é irreversível?”

A Marcha Final é uma criação artística gerada a partir de uma técnica mista sobre papel, com uma dimensão de 50 centímetros de comprimento e 69 centímetros de altura.

Refúgio em Cactus

Entretanto, no mesmo evento artístico-cultural, o autor da fotografia com o título Refúgio e Cactus, Jesper Milner, conquistou a segunda posição. Mais uma vez, estamos diante de uma criação surreal em que o artista aproveita os caprichos da natureza para demonstrar até que ponto tem um olho atento e um clique certo.



O Cactus é uma fotografia que desperta o sentido de comunicação com formas visuais que rodeiam o nosso mundo. Ela chama a nossa atenção para o belo, a necessidade de contemplá-lo e perceber o quanto a nossa terra é complexa.

Tudo Tem Um Nome

Com o tema Tudo Tem Um Nome, Manuel Fernando Bata fez uma obra que – pela sua singularidade e técnica empregue – convenceu Alda Costa, Naíta Usse-ne, Ídasse Tembe, Otilia Aquino e Victor Sala, um grupo de pessoa bem-entendidas na artes, a escolhê-la como a primeira classificada. A criação Tudo Tem Um Nome foi produzida com base numa técnica de tecelagem de metal.

A par de inúmeras (outras) obras, Marcha Final, Refúgio e o Cactus e Tudo Tem um Nome estão patentes no Museu Nacional de Arte e, à sua maneira, cada um dos seus criadores debruça-se sobre os Caminhos que a humanidade trilha. São em ordem decrescente as que merecerem 50, 100 e 150 mil meticais, respectivamente, em jeito de premiação para os seus criadores.

Sob pressão social

O terceiro classificado, Walter Zand, afirma que se sente encorajado a continuar o seu trabalho com mais firmeza, em relação à criação das artes plásticas a fim de contribuir para o desenvolvimento dessa expressão artística.

“Esta premiação veio em boa hora, muito em particular porque estou numa fase de pesquisa em que preciso de um grande alento para investigar mais e trazer novos elementos para as artes plásticas no país”.

O artista, que considera que antes de ganhar o prémio já vivia sob grandes res-

ponsabilidades na sociedade, na sua relação com a pintura, diz que a palavra desafio – nesse contexto – significa “a necessidade de gerar novas criações, inovar para ampliar o meu contributo nessa forma de arte no país”. Por isso, “estou resolvido a trabalhar continuamente”.

É nesse sentido que “o prémio me auxiliará a responder a determinadas necessidades materiais – que, geralmente, são uma vertente muito escassa no país. Já precisava de ter um empurrão financeiro como o que tenho agora”.

Diz-se que Marcha Final é a última obra de Walter Zand vista numa exposição este ano, porque o artista não tem planos para realizar uma mostra das suas criações. Os programa que se está a elaborar indica que tal irá acontecer em 2014.

A inspiração brota de mim

Na história daquele certame – o maior que existe no país – Manuel Fernando Bata é um dos artistas mais premiados. Por essa razão, quando se anunciou o seu nome no evento, apesar de não ter conseguido conter a emoção, Bata já sabia que podia ser o vencedor.

“Eu não estou surpreso com o prémio. Para mim é tradição conquistá-los neste evento. Por várias vezes, já fui classificado na primeira posição, por isso sinto-me à vontade com esta premiação”.

O artista afirma que “para conquistar a primeira posição novamente, tive de mudar a técnica do trabalho. Desta vez, criei uma obra utilizando a tecelagem de metais. Para a próxima edição, penso que vou utilizar outro material que ainda não conheço. Apesar de que já existe, estou a sonhar com o mesmo”.

De acordo com Bata “a minha inspiração brota de mim mesmo. Quando acordo com boa disposição, trabalho até altas horas da noite. Durante o dia, cuido da minha família por isso a inspiração só me aparece à noite”. Além do mais, “o barulho provocado pelas crianças incomoda-me na medida em que me retira a concentração”.

Grosso modo, o material usado na construção da obra Tudo Tem Um Nome – e das demais do artista – é recolhido na rua. No entanto, o processo criativo seguido é muito complexo.

“Crio uma peça pequena e guardo-a. Mas quando percebo que há necessidade de fazer uma obra com uma dimensão grande, muitas vezes, incorporo as criações de dimensões pequenas, já geradas, para formar um produto final. Prefiro perder entre 10 e 15 obras pequenas, fundindo-as para formar uma única obra, mas grande”.

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

A M. Suxia foi concedido, em S. Sebastian, já lá vão décadas, o recorde dos lenhadores bascos, por ter cortado com 2. 204 machadadas oito troncos de árvore (4 de 80 polegadas e 4 de 72 polegadas). O prémio foi de 100.000 pesetas.

O francês Sebastião Mercier escreveu há séculos um livro notável que foi um êxito de livraria, de curiosidade e de risota. Chamava-se “Um sonho no ano 2440” ou coisa parecida, e nele se faziam as mais espantosas profecias, sendo a mais notável a da navegação aérea.

Mercier sonhava que, um dia, mandarins chineses haviam de chegar a Paris em grandes máquinas voadoras, não levando mais de sete dias no percurso de Pequim à capital francesa.

“O homem pássaro” – dizia aquele escritor – “terá conquistado inteiramente o espaço, mas nem por isso será mais feliz. Cada vez se verão mais questões e menos abraços sinceros”.

A profecia cumpriu-se inteiramente. Quanto ao domínio do espaço e às questões que separam os homens, isso começou a acontecer centenas de anos mais cedo do que Mercier calculava...

RIR É SAÚDE

O democrata mais democrata de Moçambique, num dos escrutínios de que estava certo sair vitorioso, foi preparando a sua máquina administrativa.

Depois de quase tudo aprovisionado, teve a brilhante ideia (nele a prodigalidade é de espantar a mais insensível das criaturas racionais) de mandar comprar sobrescritos redondos.

O seu secretário correu Ceca e Meca, mas em vão.

– Senhor presidente, não encontrei sobrescritos redondos em lado nenhum – diz o solícito secretário.

– Que grande chatice! – diz o presidente, todo agastado –. Então como é que se hão-de mandar as circulares?

Um político, em época de campanha, vai pela rua a tentar mostrar a popularidade de que achava gozar, quando depara com um mendigo que lhe suplica:

– Uma esmolinha, por amor de Deus.

– Tome lá – diz o político metendo a mão no bolso, donde retira algo que oferece ao pobrezinho – é para lhe melhorar a aparência. O mendigo recebe o objecto mas estranha o som quando o deposita no chapéu a seu lado. Todo curioso, curva-se para o recipiente, olha para o presente e constata que não se tratava de uma moeda – era um botão de casaco.

O mais alto dignitário da nação caíra, certa vez, ao rio tendo sido salvo por um bravo nadador.

Muito agradecido, perguntou ao seu salvador o que gostaria de receber em reconhecimento.

– Mas que pode o senhor oferecer-me?

– O que quiser. Ou não sabe que eu sou o Presidente?

– Ah! Não sabia, não. Então, peço-lhe realmente um grande favor... Não diga a ninguém que fui eu que o salvei!

Numa escola secundária, o professor pergunta ao aluno:

– Quem é a nossa mãe?

– O Partido.

– Está certo. E quem é o nosso pai?

– O Presidente.

– Perfeito! E tu que desejavas ser?

– Órfão.

Um ministro português das Obras Públicas, no tempo da monarquia, vai numa carruagem, em viagem, mas acha que os cavalos estão a andar devagar demais. Pergunta ao cocheiro:

– Adalberto, os cavalos não podem andar mais depressa?

– Não, senhor ministro, porque vamos a subir, e a ladeira aqui é mesmo muito inclinada.

– Vamos a subir! Ah, sim, é isso. Daqui por diante, todas as estradas que eu mandar fazer hão-de ser a descer. Assim anda-se mais depressa e poupa-se os animais.

SAIBA QUE...

O culto da personalidade é uma prática segundo a qual um líder é elevado a um estatuto de proeminência através de uma campanha de propaganda.

Por exemplo, na antiga URSS, o culto da personalidade foi desenvolvido por Estaline na década de 30.

A promoção soviética do indivíduo estava em nítido contraste com a primazia das massas proclamada na década de 20.

A fotografia de Estaline estava em toda a parte e foi dado o seu nome a uma cidade.

Taprobana é uma ilha situada no oceano Índico. Localizada por geógrafos do século IV a. C., a sul da Índia, foi tida durante muito tempo como pertencendo a um outro mundo.

Em Os Lusíadas, a Taprobana é referida para indicar um ponto extremo e longínquo da Terra, não se sabendo ao certo com que ilha do Índico Camões a identifica.

O monte mais alto de África é o Kilimanjaro, e situa-se na região norte da Tanzânia.

A sua altitude é de 5. 895 metros estendendo-se por uma área de cerca de 80 Km.

O seu cume está permanentemente coberto de neve.

HORÓSCOPO - Previsão de 18.10 a 24.10



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As finanças poderão constituir um problema caso não controle, muito bem, os seus gastos, especialmente, aqueles que não são absolutamente desnecessários. Para o fim da semana, a tendência será para que este aspecto melhore; no entanto, pela situação difícil que se atravessa, não deixe de prestar a maior atenção a este aspecto.

Sentimental: A sua relação amorosa está a atravessar um bom momento e a semana será agradável e muito romântica. O diálogo deverá ser o elo de ligação do casal.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Serão pautadas pelo equilíbrio; no entanto, tenha alguma atenção a tudo o que se relacionar com dinheiro. Poderão surgir algumas dificuldades que, embora transitórias, serão motivo de algum desequilíbrio emocional. Os tempos que correm aconselham a que todas as despesas sejam muito bem ponderadas.

Sentimental: Este aspecto, poderá caracterizar-se pelo “apoio” que tanto necessita. Aproxime-se do seu par, abra o seu coração e verificará que tem uma companhia que o ama e aprecia. Naturalmente e como resultado dessa aproximação as energias serão reforçadas, se o aspecto sentimental lhe for favorável.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: O seu orçamento conhece um período de equilíbrio. Algumas oportunidades de mudança, em matéria de dinheiros, poderão verificar-se e deverá agarrá-las com ambas as mãos; no entanto, paralelamente, encare a poupança como uma boa opção e uma medida de precaução, em relação ao futuro.

Sentimental: Esta será uma semana em que todos os aspetos de ordem sentimental terão uma carga emocional muito forte. O entendimento do casal será grande e os resultados serão muito agradáveis. Para os que não têm par, este período poderá ser marcante, com o início de uma nova relação.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Período equilibrado, sem dificuldades de maior; no entanto, os tempos que correm não convidam a despesas exageradas, assim, seja prudente e não gaste mais do que o aconselhável.

Sentimental: Período em que poderá conhecer alguém que tentará modificar a sua forma de encarar a vida. Uma antiga relação poderá criar-lhe alguns problemas. Para os nativos deste signo, que não mantêm uma relação sentimental ativa, o conselho é que guardem para outra altura o início de novos relacionamentos.



toouro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Período de grandes dificuldades que deverão ser encarádas com a habitual força que caracteriza este signo. Não se deixe arrastar pelas emoções derrotistas e siga em frente, certo de que as suas hipóteses de inverter a situação dependerão, em grande parte, da forma como as encarar.

Sentimental: O aspecto sentimental deverá merecer uma atenção muito especial. Não descarregue sobre o seu par as suas frustrações, antes pelo contrário, aproxime-se e aceite a sua ajuda que será uma ótima terapia para enfrentar este momento.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Não se poderá considerar que este seja um aspeto muito positivo. Mantenha-se atento às suas despesas e não gaste mais do que o, estritamente, necessário. Trata-se de uma situação passageira e que, rapidamente, melhorará; no entanto, a sua força e coragem farão com que ultrapasse este momento menos bom, de forma positiva.

Sentimental: O ambiente sentimental sofrerá com as pressões da semana. Tente ser um pouco mais calmo e olhe para o seu par como alguém que o pode ajudar, desde que não se feche nos seus problemas. Poderá sentir, durante esta semana, alguma tendência para a manipulação.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: As suas finanças não passam por um momento muito favorecido; no entanto, não deixe que este aspecto aumente as suas preocupações. Tem uma longa prática na gestão dos recursos e, assim, estas dificuldades serão torneadas, como já o fez outras vezes.

Sentimental: Alguma instabilidade e falta de autoconfiança poderão criar-lhe situações muito delicadas. Tente ser realista e não faça especulações; por se tratar de especulações, poderão não condizer, em nada, com a realidade. Combata uma possível solidão com a sua grande força pessoal e aguarde por melhores dias.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Este aspecto, encontra-se muito favorecido e poderá beneficiar de entradas, inesperadas, de dinheiro; aproveite todas as oportunidades, no entanto, tenha presente que deverá ser cauteloso nos seus gastos, especialmente, os supérfluos.

Sentimental: Período bom para novos relacionamentos. Se já tiver companhia aproveite bem a semana. Os que não têm par poderão conhecer alguém muito especial.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Deixe passar esta semana sem tomar decisões que envolvam questões financeiras; ligeira tendência para melhorar, a partir do meio da semana. O mais aconselhável será, durante estes dias, não cometer excessos.

Sentimental: Neste aspeto, poderá verificar-se uma grande alteração. Alguém, que não vê há muito, poderá passar a ter, aos seus olhos, uma importância muito especial. No seu íntimo, sente alguma solidão proveniente de uma grande insatisfação nas suas relações amorosas.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Um bom período financeiro poderá proporcionar-lhe lucros provenientes de aplicações de capital. Será, realmente, uma semana muito favorecida que deverá ser muito bem aproveitada; no entanto, deverá encarar este aspeto como, puramente, especulativo e como tal, as situações saírem ao contrário dos seus desejos, com consequências muito negativas.

Sentimental: Seja realista e positivo no seu relacionamento amoroso. Dúvidas infundadas poderão criar-lhe situações de grande incómodo e resultados imprevisíveis. Não se remeta ao silêncio, através do diálogo tudo se esclarecerá.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Não sendo um período muito favorável, já conheceu dias piores. A partir do meio da semana, a tendência será para que as situações comecem a melhorar; no entanto, esta é uma área que não decorre muito bem e, assim, deverá proceder com as devidas reservas.

Sentimental: Sentirá alguma nostalgia de uma relação já terminada; deverá fazer todos os esforços para esquecer. Uma boa terapia será sair e divertir-se, um pouco, pois nunca se sabe o que poderá acontecer. Este período, poderá sofrer a interferência de terceiros que, a verificar-se, exigirá toda a atenção da sua parte.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Será um período muito equilibrado e sem grandes preocupações. Poderá fazer algumas compras de artigos e objetos que lhe estão a fazer falta. Os investimentos moderados poderão, igualmente, ser uma opção lucrativa. Não jogue na bolsa, nem faça investimentos de vulto.

Sentimental: A sua relação amorosa está a atravessar um bom momento e a semana será agradável e muito romântica. O diálogo deverá ser o elo de ligação do casal. Um jantar íntimo, uma flor e uma vela poderão operar, verdadeiras, maravilhas.

Cartoon



Selo d'@Verdade

Carta Aberta aos Libertadores da Pátria II

Respondam-me a estas inquietações, sem rodeios

Quando alguém assume um compromisso, sobretudo de natureza social, deve rigorosamente cumpri-lo sob pena de defraudar os anseios de quem dele espera lealdade. Um compromisso é um pacto social com o grupo social que se pretende servir.

Quando comecei a escrever estas linhas mostrando as minhas inquietações, eu tinha a plena consciência de que a capacidade de análise não é propriedade somente minha, mas sim um direito inalienável de pensar de todos e liberdade constitucional de cada um colocar publicamente as suas ideias.

Os meus parabéns a todos aqueles que não comemoram comigo o mesmo pensamento, mas aceitam debater ideias e não têm o preconceito de que são ideias de colonialismo em todas as suas dimensões e premissas, nacionalismo, patriotismo, regionalismo, capitalismo, imperialismo, corrupção, escravagismo e racismo, entre outros, *ismos* que foram combatidos com vista a trazer a construção de uma sociedade equilibrada diferente da que hoje observo: um fosso abismal entre novos ricos e os mesmos pobres de ontem.

E a pergunta que paira em mim é: foi este o sentido de orientação da luta de libertação? Se temos companheiros que tombaram porque tinham ideias de enriquecimento ilícito de onde vem esta ideia e porque é que hoje independentes não nos esforçamos no sentido de se enriquecer honestamente e não à custa do erário e com comissões de delapidação dos recursos públicos que são de todos?

Em Setembro passado, iniciei a “mostra” das minhas inquietações que, afinal, são de uma maioria significativa dos cidadãos que, diariamente, nas barracas, nos “chapas”, nos mercados em convívios, nos falecimentos não falam de mais nada senão indignarem-se com a pergunta: **kasi a huma kwini ye lwe wa nuna a hi disaka a khay khay, a djula yini lepsiwi a ganyiki** (afinal quem é este homem que nos faz comer o pão que o diabo amassou, o que pretende se já está rico?)

Senhoras e senhores libertadores da pátria, quando vos pergunto não é porque todos vós estais na lista dos corruptos ou sejam insensíveis. É pelo facto do vosso silêncio, que aos olhos de todos significa medo (não sei de quê), ou aceitação do que se está a passar no país, ora senão vejamos:

Tal como afirmei anteriormente, o cidadão Joaquim Chissano deixou a presidência deste país, tendo aceitado transformar a governação do partido único em multipartidarismo, celebrando o Acordo Geral de Paz que devolveu a tranquilidade, irmandade e paz aos moçambicanos.

Entre outras coisas, iniciou a reconstrução do país devastado pela guerra, permitiu a realização de eleições mais ou menos pacíficas e trouxe a liberdade de expressão e de associação e, quando chegou a vez de lhe tirarem saia e soubemos

anos-luz quem o iria suceder.

Sim, houve problemas na governação de Chissano mas não atingiu tamanha dimensão como estamos hoje, por exemplo, com o Presidente Guebuza.

Este, quando iniciou a sua governação, começou por ridicularizar o seu antecessor e todos os que com ele governaram de possuírem o espírito do “deixa andar”, mas nenhum de vós se insurgiu, incluindo o próprio Chissano. De que tinham medo?

Iniciou com o culto de personalidade, mas nenhum de vós se insurgiu, lembrando que na Frelimo os dirigentes são os primeiros no trabalho e últimos nos benefícios.

Quando iniciou a celebração dos seus negócios de uma forma galopante, pegando tudo o que é negócio para si e para a sua filha ninguém se insurgiu de dentro da Frelimo senão os *media* a denunciarem e à espera do vosso pronunciamento já que na Frelimo houve pessoas que foram executadas e expulsas porque entendiam de negócios. Será que foram eliminadas para outros entrarem na concorrência? Então porque nos mentiram dizendo que eram reaccionários?

Quando iniciou a campanha contra a democracia permitindo que jovens incendiassem, perseguissem e espancassem quem não é do partido Frelimo nenhum de vós se insurgiu, dizendo que a Frelimo é um partido dos moçambicanos. Um partido pacífico, aglutinador e de paz que lutou para que todos nós possamos viver em paz e harmonia. Aplaudiram ou entristeceram-se no íntimo quando isto aconteceu?

E quando começou a perseguição de todos os que são a favor de Chissano ou mesmo da sua forma de trabalho, o que fizeram? Perguntem ao Frangoulis como se sente com a sua família e quem dele hoje se aproxima? Perguntem ainda ao Manhenje e outros, só para dar alguns exemplos, mas na verdade são muitas as pessoas que nos relatam as suas peripécias de medo e terror e nenhum de vós influentes se indignou e se insurgiu. Será que anuíram?

Uma nota: estou a ler um livro interessante de Dalila Cabrita e é tão interessante que no triste e doloroso julgamento que Samora fez aos ex-presos políticos dois grandes homens se posicionaram contra o fuzilamento daqueles em particular ao Matias Mboa marido da falecida Ivete a quem considero Herói vivo. Foram eles Joaquim Alberto Chissano e Mariano Matsinhe, o que mostra que as suas ideias eram contrárias às de todos e hoje que medo têm?

Já nessa altura se dizia que não se queria imperialistas e exploradores ou entendem que só é explorador quando se tem outra cor? Se olharmos a dimensão de choros dos trabalhadores das empresas de segurança, quem são os donos? Olhemos para a exploração dos trabalhadores da Track. Quem são os donos? A exploração dos automobilistas que pagam as portagens e espatifam carros pelas más condições da N4

só e só em Moçambique. Que vergonha! Os trabalhadores da Mozal, Vales, e outras empresas onde há racismo desenfreado e os trabalhadores gritam pela igualdade. Qual igualdade? O racismo do nosso Governo é pior que o racismo do colono porque o colono é passageiro.

Apesar de eu ter colocado na lista dos questionados, sinto pena quando o Jorge Rebelo é tratado como está a ser agora, esquecendo-se de que ele contribuiu muito para se fazer esta pátria, mesmo com erros mas está limpo de dignidade. Quem de vós terá tanta dignidade como ele, para lhe tratarem assim com desprezo? Pensem no que estão a semear, porque quem semeia ventos colhe tempestades.

Quando sob o vosso olhar impávido e sereno olham para as populações a serem despojadas das suas terras pelas empresas nas quais Guebuza e os seus filhos são sócios, o que dizem? Porque eu, como Mabota, apareço e digo não, e defendo, embora sem capacidade, o fim do sistema corrupto da nossa justiça. Olhem que quando Chissano deixou o poder os cidadãos confiavam mais no Presidente da República, organizações não governamentais (ONG's) e igrejas do que noutras instituições.

Hoje só confiam em ONG's e nos media, que são entulhados pela propaganda malévola e triunfalista do regime. Senhoras e senhores libertadores, hoje já não se ensina a ler, escrever e interpretar. Cada palavra de qualquer pessoa, até do Papa, é alvo de uma análise profunda e de críticas. É por isso que tudo o que fazem é alvo de reparos. Se ontem poderíamos dizer a quase tudo sim, senhor, hoje não, porque qualquer passo deve ter o porquê e para quê.

Quando Guebuza começa a chamar para si todos os feitos, então a sociedade chama para ele todos os males. Como é que os dirigentes cá fora dizem uma coisa e lá dentro ou calam ou ajudam-no a entrar na fossa e ninguém diz nada?

Como é que cada frase que tira ou ideia que lança é mal recebida? Quando diz vamos plantar Jatropa, todo o cidadão, pergunta para quê? O que é isso? Vai queimar a terra. Quando fala de Revolução Verde, que revolução? Geração da Viragem, virar para onde? Já o Padre Couto, quando Reitor da Universidade Eduardo Mondlane, questionava isso. Trata os seus críticos de Apóstolos da Desgraça, quantos, se Cristo só tinha 12? Afinal com quem dialoga?

Em Estados normais existem homens grandes de barba branca e cabelos brancos cuja função é estudar e aconselhar o poder e não um grupo de amigos que comem com o chefe de Estado. Lembrem-se de que os que o aconselham a esse tipo de governação vão cair com ele como caiu o Mobuto, que até era o mais rico de África e nem sequer teve dignidade de ser enterrado no seu solo pátrio. Sorte idêntica teve Idi Amin Dada que até comia carne de gente (canibalismo) para mostrar o seu poder e valentia, mas que morreu como um desgraçado fora do seu solo pátrio.

Já muito recentemente, temos o exemplo do General Kadafi que possuía pistola de ouro e morreu por onde passam fezes. Quem não se lembra de Saddam Hussein que possuía 100 carros e casa cheia de ouro e morreu como um macaco no mato e a barba cheia de piolhos? Este poderoso homem forte do Iraque era tão temido como um Hitler, que no seu tempo tinha Joseph Goebbels como seu ministro de propaganda, o qual fazia propaganda falsa de como este era querido, mas teve de se suicidar como um ladrão desesperado. Tal foi o fim trágico do homem que o mundo temia.

Sabem, senhoras e senhores libertadores, aprendam de Mandela que lhe retardam a morte pela sua humildade. Mandela é querido e não apregoa por aí a ninguém que sofreu na cadeia, “por isso, deixem-me ter tudo o que não tive”. Certamente, como qualquer outro ser humano, ele, sim, passará da terra mas na mente de gerações não passará jamais. Será como Cristo e Maomé que são filhos de Deus e jamais passarão da boca dos seres vivos. Eles bendizem-lhes.

O mundo de hoje está no mesmo quintal mas em quartos separados, nada se perpetuará de acordo com o que cada um de nós quer. Isto quer dizer que temos de fazer algo em prol da comunidade para que seja ela a louvar os nossos feitos e não nos esgrimir em elogios pessoais, ou culto de personalidade para mostrar o que fizemos. As obras devem falar por si.

Sempre com a promessa de um dia voltar, termino questionando: como é que o país é dirigido por este homem que tanto sofrimento causa ao povo? Vamos analisar friamente esta questão para me dizerem se tenho ou não razões para me inquietar! Voltarei na III.

Maria Alice Mabota

Nota.

Ao respeitado Adelino Buque, devo dizer que tem razão de sobra sobre o que viu na internet sobre o cidadão Armando Emílio Guebuza. O meu interesse não é o local e a data do seu nascimento. Quero é saber que antecedentes sobre a apetência e ostentação de riqueza tinha este homem durante a luta de libertação nacional. A informação que temos é a de que a Frelimo era contra a apropriação da riqueza nacional nas mãos de poucos e hoje o seu dirigente máximo faz o contrário. Nas suas mãos e da sua família está acumulada ilicitamente grande parte da riqueza de Moçambique. Que eu saiba, Adelino Buque, que me responde, não é combatente da luta de libertação, mas não é por isso que devo limitar a sua opinião. Todos temos o nosso contributo a dar, mas esta carta é especificamente dirigida aos prestigiados libertadores da pátria moçambicana do jugo colonial português que ontem combatiam isso. Sobre este acalorado debate, que já está a começar, é momento para recordar o falecido jornalista Carlos Cardoso, quando dizia que “no ofício da verdade, é proibido pôr algemas nas palavras”.

Maria Alice Mabota

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade



O treinador português Diamantino Miranda já não pode orientar a equipa de futebol do Costa do Sol que disputa o Campeonato Nacional da 1ª divisão, o Moçambola. Na sequência dos dos insultos proferidos por Diamantino, no final do jogo entre o Vilanculos e a sua equipa, Costa do Sol, no dia 28 de Setembro de 2013, a Ministra do Trabalho cancelou nesta quarta-feira (9) o contrato de trabalho do treinador do Costa do Sol e “o cidadão em causa, e à luz do despacho em referência, deverá abandonar o país, nos termos legalmente estabelecidos”.

<http://www.verdade.co.mz/desporto/40749>



Bento Matola Vamos analisar de forma fria. Houve exagero por parte do Diamantino. Fez um bom trabalho na minha equipa, trouxe algumas mudanças no comportamento e atitude dos jogadores mas pecou nas palavras. Se o nosso governo não tomasse esta decisão então Moçambique não seria nenhum Estado soberano. Estes nossos irmãos Portugueses não falam assim em Angola e nem um moçambicano pode falar dessa forma em Portugal. Vejam as notícias do Moçambique no www.abola.pt os comentários que os portugueses fazem até hoje vi um a falar mal do nome de Chigale. Tens sim que mostrar com A+B que somos moçambicano temos orgulho pela nossa pátria isto não é politiquices mas orgulho de sermos moçambicanos não queremos patrões aqui. Gosto do Diamantino mas desta vez não. Só quem não ouviu as declarações na rádio pode defender este bom treinador mas que insultou todos nós até aqueles que defendem aqui. · 10/10 às 10:02



Dércio Ernesto Sem dúvidas que estes pronunciamentos ferem a dignidade do país e honra dos moçambicanos. Eu penso que mesmo tendo algumas convicções próprias devemos ter cautela no que dizemos nalgum momento. Ninguém duvida, e todos sabemos que o nosso país é combatido por situações de corrupção em que até algumas estatísticas internacionais referem ao mesmo. Sabemos sem dúvidas das falcaturas que os políticos fazem com nosso erário público, porém não se tolera essa generalização como de políticos todos nos tratássemos. Agora, não sei que implicações poderá isto ter as relações entre os dois países (Portugal & Moçambique) na medida em que tivemos a interferência de um poder aqui em assuntos de Futebol. · 10/10 às 8:26 ·



SópraelaOboss Nhabomba Sei k irão aparecer os bnx críticos mas a decisão é mt bem acertada. Xamar o Moçambicano d famito na sua própria terra é inadmissível. Estes tugas pensam k ainda tao a nox colonizar nem? · 10/10 às 8:19



Evans de Azevedo ...como era bom s ste msm governo resolvex os problemas do povo com a msma rapidez k resolveu este assunto!!! · 10/10 às 8:41



Zé Manel Assunto muito mal resolvido! A Política este acima da justiça desportiva e criminal! 10/10 às 16:43



Delson Tomas Mocumbi Weiss Mocalacha falar verdade não é insultar... · 10/10 às 8:18



Pascoela Lita É o que dá falar a verdade neste país... Por isso o povo fica intimidado... Aquilo tava engasgado na garganta dele na primeira oportunidade tirou tdo. Opsss, assim vai a vida. · 10/10 às 8:35



Samuel Justino Ernesto Para mim o homem falou a verdade, e está doendo para alguns e bem mesmo. Parece que está doendo mais para os altos dirigentes desportivos. Até na Europa há corrupção. Aqui em Moz também e alguém tem que dizer a verdade. Os dirigentes, no seu todo, devem deixar de ser corruptos. Vá em paz Miranda é continua assim · 10/10 às 12:58



Armando Mata É uma pena ver moçambicanos a defender esse colono aí. Este gajo insultou todo o moçambicano, será k perceberam estes simpatizantes dele? Eu não sou o k ele diz k sou, portanto não admito tal abuso. · 10/10 às 11:33



Zé Manel Lá por ser estrangeiro e Branco Já não pode se expressar? E se difamou, tem o Tribunal Criminal para julgá-lo! Não um governante! Será que lá em Portugal aconteceria o mesmo a um Moçambicano? Pende nisso! A Democracia está a corromper-se! · 10/10 às 16:41



Delmar Gonçalves Política no desporto ou desporto com política? Não existiam processos disciplinares do fórum desportivo que poderiam ser instaurados? Não era possível apenas a abertura de um simples inquérito disciplinar e a suspensão temporária do envolvido? Ofendeu o Estado Moçambicano? Ou ofendeu alguns jornalistas desportivos? · 10/10 às 9:49



Victor Fazenda vocês não tao perceber. este Portugues não fez nenhuma critica, ele acusou-nos, nos deu nomes. quando se critica, levantam-se os factos, traz-se argumentos pros e contra. poderia ate tornar isto formal mediante uma acusação nos orgaos especializados para o efeito · 10/10 às 8:44



Rody Chizenga O Tuga faltou ao respeito a todo o moçambicano que pensa bem. Até lhe deviam obrigar a voltar à pé. Ufa! Mas espero que se haja com a mesma celeridade e seriedade contra os resultados viciados no Moçambola. Por exemplo, foi triste ver Vilanculos vs Liga Muçulmana e outros ora envolvendo a Liga... · 10/10 às 8:33



Elisio Preto Rich Pondja Num país onde a mentira e base...a verdade e crime! · 10/10 às 21:44



Rody Chizenga No tempo de Machel regressava com o rabinho inchado. Falou porcamente mal, o Tuga. Se calhar foi raiva por termos expulso os colonos daqui! Sou adepto do Costa do Sol, mas não merecemos um tipo de boca suja assim. Foi justo!!! · 10/10 às 8:37



Edson El Boxeador Fogo que merda pa, o gajo falou o que lhe veio em mente e foi mandado embora, este país está mal pa. · 10/10 às 8:35



Leila S' Abasse afinal não estamos num país de livre expressão? quando se fala algo q fere somos personas non gratas? por favor... · 11/10 às 7:16



Zé Manel Quando um governante expulsa um trabalhador estrangeiro é sinal que a justiça está abaixo desse governante. Infelizmente neste Moçambique quem manda e desmanda antes de qualquer tribunal são os governantes. Um Juiz é quem poderia condenar esse trabalhador por difamação e nunca um governante! A Democracia está corrompida! · 10/10 às 16:13 ·



Raúl Salomão Jamisse insultar não mesmo... boa viagem de regresso à terra onde ninguém se vende por um prato de sopa, onde o futebol é limpo e sem abracadabra · 10/10 às 12:48



Zé Manel Xenófobas e Racistas são as suas palavras! Lá por ser estrangeiro e Branco Já não pode se expressar? E se difamou tem o Tribunal Criminal para julgá-lo! Não um governante! 10/10 às 16:37



Delson Cumpane Faltou o respeito para com os Mocambicanos, disse que todos somos ladrões, ish muito a abusado esse Tuga, bem feito tem 48 horas pra voltar ao Alentejo. · 10/10 às 12:22



Nereyda Ribeiro ele so disse o que muitos de nos não temos coragem de dizer em publico. lamento mas a sra. min so sabe expulsar estrangeiro para mostrar trabalho. · 10/10 às 9:54



Jorge Ferreira pois. embora tenha exagerado, não é motivo para expulsão, no meu entender. Agora se a FIFA entra, acabaram-se as competições internacionais, a nível do Continente e fora dele. e penso que ele não insultou o Povo, quis dar a verdade que se passa no nosso futebol. enfim... decisão precipitada da sra Ministra. Ja agora, vamos ver se tem coragem para mandar de volta, outros que por aqui pululam, que não falam na imprensa, mas que fazem todo o tipo de atrocidades com o nosso povo mais desprotegido... e mais não digo... · 10/10 às 9:26



Ricardo Ferreira Criticar magoa. Se eles vissem o que fazem cá em Portugal caíam para o lado. Não é pela cor da pele. É para todos. Sejam brancos, chineses, mulatos, negros, amarelos, azuis é a prática para puxar pela equipa. · 10/10 às 8:31



Ricardo Carlos Macuacua Carlos Amigo, em MOZ não se pode falar a verdade. DM falou e ofendeu esses dirigentes ladrões “culhões” desculpe pelo insulto mas eles merecem. Isto eu não chamaria de xenofobia? 10/10 às 9:14



Johnson Jose Manhique mas, o que tem haver, o governo desporto? agora futebol virou politica? · 10/10 às 8:25



Sheilla Olimpia Momad Tugas não tem respeito. Este tem q ser q nem o Da Gama, 24 horas pra ele. · 12/10 às 5:23



Joaquim Muvuto Wamusse Fui tarde insultou e feriu a dignidade Moçambique e o gajo fingiu chorar, Nota: Diamantino disse uma verdade: O país está vendido. Queiram ou não, é verdade. · 11/10 às 16:35



Jacinto Domingos Jorge achei a decisão muito dura havia outras maneiras de resolver · 11/10 às 8:34



Telles Flores K coitadinho, e bom pa esses Tugas k acham k este País não tem Lei. Vai embora pa ficar na LINHA!!! · 11/10 às 5:25



Elton Sigauque O tipo falou verdade. Mas temos de ver como soltar as verdades pah... · 11/10 às 3:20



Celso Mahenhane gostei dessa decisão ultimamente os estrangeiros tem falta de respeito com moçambicanos · 11/10 às 2:40



Alberto Jose Cumbi Alberto Diamantino exagerou sim+ para ver o quão nóx em moç n keremox k a verdade seja dita lgo d seguida o pussemox nox olhos da rua · 11/10 às 1:50



Fanito De Joao Armando Em terras do Aly Babba, não se pode falar dos 40 ladrões... kkk dizer que todos em Moçambique são ladrões, é mesmo infeliz no seu discurso... kkk · 10/10 às 23:21



Pipito Magaia Esse aí mostrou que não presta para nada! não gostei disso, A justiça devia entrar neste caso para mostrar a esse e tantos outros que comungam deste desprezo que o estado Moçambicano e soberano como tantos outros assim como o Português! Porque caso isso passe do nada acabara sendo normal em Moçambique! por favor vamos ter amor proprio antes de pensar amar o proximo! 10/10 às 22:57



Siachukeni Lucas Yuh@ interferir em assuntos d futebol exa ministra também@ kndo a FIFA aplicar sanções · 10/10 às 21:21



Choicelle Angela Umpavara Falou verdade!! E sei q mtos d vces sabem isso!! · 10/10 às 21:14



Dionisio Cherinda Não houve interferência do poder político no desporto, pk os pronunciamentos não foram dirigidos aos desportistas apenas, mas sim a todos moçambicanos. A medida é justa. · 10/10 às 21:12



Jaire Machava Li Alguns Comentários no Ouvi nada k diamantino disse to a 500km fora d Moz, + sou pUrament moçambikano. + na Matemática que $1x + 2y - 1z \times 3$ pod dar um numero ou fatorizando ixto + akilo pod vir a dar 0 ou 1. O Miranda Teve alguma Razão Talvez n pois o Noxo Futebol e' Negocio na Prática n Existe Va em paz Miranda Leva Lito Salvado Conde e os +Honestos k existem Pur ai tb o Grand semedo e Deixa ece joao ch e man man e otros falsos Pur ai. Puxa futebol ai??? Dxou d · 10/10 às 14:05



Iunissy Guibunda Penso houve exagero da pexoa k nx informou, kantax palavra ofensiva semedo tem nx interferido.. agora a verdade apareceu e mandam embora. ministra d merda arranjanx treinador antex k se ja tarde...a poltica n tem nada haver cm desporto... · 10/10 às 12:55



Jeremias Dirizane Esses portugueses pensam k estaop aonde ak, pensa k é tempo colonial k cobrava imposto e no fazia trabalhar nas plantações sem remuneração. nós insultar ak na nossa propria casa. imagina la em portugal os nossos compatriota será estao livre. o castigo lhe mereceu este fulano pra dar exemplo. em kaza mandams nos sublinhe isso... · 10/10 às 12:34



Ben Manecas Chiziane Benito Armando Mata, sabes o k lixa o moçambicano é o lambebotismo, o moçambicano sente muito orgulho de privilegiar um estrangeiro do k o seu próprio irmão! · 10/10 às 12:19



Salvador Chihepe O que nos falta é saber reconhecer o nosso erro só vimos dele por ser estrangeiro mas acredito que o que falou para o nosso futebol é mais que o que disse. · 10/10 às 12:06